



TERRA ROXA DE SANGUE

a guerra de Porecatu

2ª edição revisada

Joaquim Carvalho da Silva

eduel


TERRA ROXA DE SANGUE
A guerra de Porecatu

2ª ed. revisada



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

Reitora *Nádina Aparecida Moreno*

Vice-Reitor *Berenice Quinzani Jordão*



EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

Diretora *Maria Helena de Moura Arias*

Conselho Editorial

- Abdallah Achour Junior*
- Edison Archela*
- Efraim Rodrigues*
- José Fernando Mangili Júnior*
- Marcia Regina Gabardo Camara*
- Marcos Hirata Soares*
- Maria Helena de Moura Arias (Presidente)*
- Otávio Goes de Andrade*
- Renata Grossi*
- Rosane Fonseca de Freitas Martins*

Joaquim Carvalho da Silva

TERRA ROXA DE SANGUE
A guerra de Porecatu

2^a ed. revisada

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

LONDRINA

2013

Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da
Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S586t Silva, Joaquim Carvalho da.
Terra roxa de sangue : a guerra de Porecatu [livro
eletrônico] / Joaquim Carvalho da Silva. - 2. ed. rev. -
Londrina : Universidade Estadual de Londrina, 2013.
1 Livro digital.

Disponível em : [http://www.uel.br/editora/portal/pages/
livros-digitais-gratuitos.php](http://www.uel.br/editora/portal/pages/livros-digitais-gratuitos.php)
ISBN 978-85-7216-699-7

1. Ficção histórica brasileira. I. Título.

CDU 869.0(81)-94

Direitos reservados à
Editora da Universidade Estadual de Londrina
Campus Universitário
Caixa Postal 6001
Fone/Fax: (43) 3371-4673
E-mail: eduel@uel.br
86051-990 Londrina - PR

Impresso no Brasil / Printed in Brazil
Depósito Legal na Biblioteca Nacional

2013

"Quando nós chegamos, o sertão era bruto e a civilização um sonho. Compramos as terras, sangramos as mãos, pagamos impostos, vivemos felizes. E agora nos expulsaram, mas só sairemos mortos".

"... a questão agrária é uma ferida aberta num País em que há terra de sobra. E mal aproveitada. O Norte do Paraná deixou lições também ao misturar ao roxo de suas terras o sangue dos que morreram durante a guerra (de Porecatu). Os conflitos aqui começaram a florescer em 1942, com o loteamento de 120 mil hectares de terras devolutas, e só foram terminar em 1951, com a prisão dos dirigentes comunistas. Durante todos estes anos, muitos posseiros morreram, vítimas de jagunços e da polícia. Muitos perderam terras e esperanças. A guerra deixou rastros de violência e injustiça. E para compreendê-la em sua amplitude, é preciso ir fundo em suas causas, entender a vida dos posseiros, o posicionamento do governo, o sangue frio dos jagunços, os esquemas do PCB, enfim, é necessário resgatá-la..." (Folha de Londrina, 14/07/1985).

SUMÁRIO

Introdução	1
Apenas um sonho	3
As garras	11
Ver para crer	19
A isca	29
A balsa	35
Doença de amor	39
Prestando conta	43
A mudança	49
Lua- de- mel	55
Pobre Chico Nego	59
A prisão	67
Tempo quente	75
Ataque na fazenda	81

À emboscada	87
Q.G. do C.	93
Desânimo	97
Na encruzilhada	103
Nova tática	107
Questão de honra	111
Rescaldos	117
Eu vi- testemunho- 1	119
Eu vi- testemunho- 2	123
Eu vi- testemunho- 3	131
Eu vi- testemunho- 4	141
Eu vi- testemunho- 5	149
Fim!	155

INTRODUÇÃO

No início da década de 40, o então interventor do Paraná, Manoel Ribas, mandou lotear 120 mil hectares de terras devolutas, pertencentes, na época, a Porecatu, hoje espalhadas pelos Municípios de Centenário do Sul, Mirassolva, Florestópolis, Jaguapitã e Guaraci. O objetivo era o desenvolvimento mais acelerado da região. Para tanto, fez publicar em órgãos de divulgação nacional anúncio de terras gratuitas, de primeira qualidade, para quem derrubasse a mata, plantasse, produzisse, pagasse impostos e nelas vivesse, no mínimo, por seis anos; após o que, o outorgado receberia o título definitivo de propriedade. Diante do anúncio, não foram poucos os pequenos lavradores que acreditaram e vieram para a área, como não faltaram especuladores de todos os níveis.

Sabedores da existência das terras de ninguém, grandes proprietários avançaram sobre elas de forma desordenada, o mesmo acontecendo com inúmeros pequenos lavradores. Nem tudo, porém, eram terras devolutas. Havia muitas propriedades particulares devidamente escrituradas. Na extensão da mata virgem que cobria a região, tornava-se impossível distinguir estas das terras devolutas de que o governo falava. Como consequência, o local transformou-se num caos.

Com o fim da interventoria de Manoel Ribas e a entrada do governo seguinte, a confusão cresceu, com as autoridades fazendo doações de forma indiscriminada daquelas áreas a apaniguados políticos e a amigos, desrespeitando os

compromissos do governo anterior de titulação das terras a quem nelas estivesse trabalhando e produzindo, por mais de seis anos. Na terra sem leis- o sertão- tornaram-se constantes os assassinatos, as brigas, as escaramuças e as ameaças. Este ambiente de confusão é que foi escolhido pelos próceres do Partido Comunista para testar suas teorias de guerrilha rural, através das chamadas ligas camponesas, objetivando assumir por aí o poder da Nação. Teorias estas sintetizadas, a posteriori, no Manifesto Comunista de 1º de agosto de 1950, assinado pelo Secretário Geral do Partido, Luiz Carlos Prestes.

As páginas que seguem buscam mostrar um pouco do que a imaginação viu e a pouca história existente legou, dentre os inúmeros e lamentáveis fatos ocorridos no local, quando dos possíveis acertos na disputa de quem era o dono de quê. O conflito só se encerrou, em 1951, com a intervenção policial do Estado.

A disputa que se arrastou, durante quase dois lustros, travou-se entre posseiros que defendiam direitos legítimos; grileiros, grandes e pequenos, que não passavam de invasores de terras dos posseiros, ainda não tituladas, ou de particulares; e fazendeiros que defendiam as próprias terras e, com freqüência, alargavam suas divisas por terras alheias protegidas pela força dos jagunços, durante a noite, ou pela conivência de autoridades desinteressadas, impotentes ou corruptas, à luz do dia.

APENAS UM SONHO

- Atrasou, Firmino!

- É. Apareceu lá outro cara, e o Juca queria mostrar serviço, trabalho. A reunião foi boa. Discutiu-se bastante. Citaram até a Bíblia. Um negócio que dizia mais ou menos que o dono não deve amarrar a boca do boi que está trabalhando.

- E que quer dizer isto?

- Olha, explicaram que a Bíblia quer dizer que nós que trabalhamos temos direito de desfrutar dos bens da terra.

Sem prestar muita atenção na resposta do marido, Rosa emendou:

- Deve estar cansado, não?

- Um pouco. Mas tem que ser assim. Sem luta, não se consegue crescer.

- Come um pouco. Tem pão fresquinho enrolado na toalha dentro da cesta. Amassei hoje para agüentar até poder fazer outro. O nenê incomodou muito, não foi fácil cilindrar a massa. Dava a impressão que a barriga ia cair de vez e se soltar. Mas ficou bom. Prove. Fermentou bem.

Rosa falava com a voz um pouco enfraquecida. Deitada de costas, a curva do ventre sobressaía ao lume frouxo da lamparina, postada sobre a mesinha de caixão, do outro lado da porta. Firmino observava-a com prazer e orgulho, pensando no herdeiro que chegava.

- E daí?- perguntou Firmino.

- Daí primeiro pergunto eu. Depois temos tempo para o resto.

- Bom. As propostas dos homens têm base. Estou com eles. Alguns dos vizinhos têm medo. Você sabe. E têm razão. Famílias grandes, não dá para avançar no escuro. E com essas coisas a gente não pode brincar. Nós somos só nós. Se a picada acabar antes de chegar ao fim, a gente se vira mais fácil. Eu estou com os homens. Vou continuar a freqüentar as reuniões e a discutir os prós e os contras.

- Ótimo, Firmino, ótimo! Seu filho tem um pai de quem se orgulhará. Cada dia o amo mais. Confio em você. E já que está curioso, tenho a impressão que não passa desta noite. Faz duas horas que estou aqui sendo chutada. Deitei para ver se acalmava. E que nada. É uma verdadeira pelada aqui dentro. Parece que são dois. É chute para lá e chute para cá que não termina nunca. Não vai demorar e acertarão o gol.

Firmino puxou o lençol e passou a mão no couro quente e esticado da barriga de Rosa, sentindo com prazer e orgulho os movimentos do herdeiro. Emocionada, sem ter o que dizer, perguntou pela centésima vez:

- Você quer menino ou menina?

- Seja o que for, Rosa, é sempre um pedaço de nós. Não tenho preferências.

- Nem eu, amor!

E puxou-o para um abraço cheio de ternura.

- Vem deitar. Deve estar bastante cansado. Troca a vela na Santa da Boa Hora. Não sei se consigo dormir. Enquanto não durmo, rezo.

Ao receio natural no nascimento do primeiro filho ajuntava-se uma pontinha de temor e remorso. O casamento apressado, sete meses atrás... com o padre taxativo:- isto é pecado, minha filha, isto é pecado grave! Deve pedir perdão a Deus e rezar muito. Deus castiga, castiga, castiga... . Entretanto, tudo correrá tão bem até o momento! Tinha confiança, Deus é justo, mas também é pai. Nestas alturas, já a teria perdoado. Enquanto remoía estas idéias, Firmino roncava na esteira estendida, no canto do quarto. A luz

bruxoleante da Santa ajudava as divagações de Rosa no vaivém das sombras pelo teto e pelas paredes.

Pouco a pouco o cansaço ou a aproximação da hora fez com que os movimentos diminuíssem de vez. Rosa sentiu-se mais só. Agora, ela e as sombras da lamparina. Conteve um frenesi de pavor. Teria morrido o nenê? Lembrou-se então dos ensinamentos da mãe:- um pouco antes de nascer, o nenê pára os movimentos. E sente lá, bem fundo, uma dor nunca antes experimentada. Questão de segundos. Talvez, só impressão! Quase automaticamente voltou o rosto para a Senhora da Boa Hora, movimentando os lábios.- Impressão boba!- pensou de novo. Mais alguns segundos, que não soube precisar, e a dor voltou. Tem agora o rosto voltado para a Santa, o olhar parado. Parecia alheia ao que se passava. Mas a cabeça divagava. Pensava nas próximas horas. No amanhã. Como seria? A alegria do filho ao colo... sugando-lhe os seios... os olhinhos vivos a fixá-la... os bracinhos a estreitá-la... o primeiro sorriso... os primeiros passos... o balbuciar das primeiras palavras entre papá, mamá, mama, mamãe... . E achou-se sorrindo, afagando aquele corpinho fofo, quando uma dor mais intensa trouxe-a à realidade. Fixando a Santa, seus olhos pairaram sobre as rosas que apanhara ainda naquela tarde para enfeitar o nicho e lembrara-se do dedo por duas vezes picado pelos espinhos... e que ainda doía... mas precisava alertar Firmino do que se passava. Olhou-o estendido, em sono profundo. Passara todo o dia arando o campo para a semeadura. A inclemência do sol prostrara-o mais que nos outros dias, foi a impressão que tivera quando o viu chegando. E ainda por cima, a reunião. Um ímpeto de ternura profunda apoderou-se dela, naquele momento. Queria-o juntinho de si, bem juntinho como o filho que estava prestes a nascer. Assim seriam três em um só.

A Santa iluminada tornou-se de novo objeto de suas atenções. Os lábios se movimentaram ainda uma vez. E uma dor até então nunca sentida bateu-lhe novamente à porta. Com pena, olhou para o marido ainda por segundos e chamou-o baixinho, como se não quisesse que ele ouvisse:

- Firmino!

Lá fora, o galo cantou pela primeira vez. Ela esperou. Talvez, acordasse com o canto! Fazia duas horas que se deitara. Sabia que Firmino censuraria seu silêncio, de conseqüências imprevisíveis. E esperou que o galo anunciasse a madrugada, pela segunda vez.- Não estava ainda na hora. Podia esperar mais- pensou consigo.

O tempo foi passando. As dores voltaram. Quatro horas, cantou lá fora. E tornou a chamar por Firmino. A princípio, lentamente. Só para desafoço de consciência. Entrementes, mais um alerta veio, devagarinho, lá do fundo do seu ser. Agora não podia esperar mais. E chamou com força. Firmino sentou-se na esteira:

- Que foi, Rosa?

- Nada, bem!

- Me chamou?

- Sim!

- Dormiu?

- Não! Nada! Nem um tiquinho. Mas não se preocupe. Estou bem. Parece que vai ser hoje mesmo. Estou sentindo dores. Precisa fazer alguma coisa.

- Vou chamar a Ana Benta!

- Vai, que está na hora! Mas quem ficará comigo? Não posso ficar sozinha. A gente não entende bem destas coisas e podem acontecer surpresas. Ah! Me lembro. A Betina se prontificou...

- Mas, a estas horas?

- É, Firmino! Para morrer, nascer e ficar doente não existe hora. Todo mundo sabe disso. Ninguém estranha. Betina é experiente. Por isso disse que a qualquer hora que precisasse não era para se acanhar. Que a chamasse.

Enquanto traçava a estratégia, Firmino enfiou as calças, trocou de camisa, beijou Rosa e saiu. Voltou-se ainda da porta para dizer:

- Te agüenta aí, bem, que já volto com Betina!

Cinco minutos e Betina entrava sorridente e brincalhona:

- Não se preocupe, Rosa, já tive três e estou a caminho do quarto. A gente sofre um pouquinho, mas é a coisa mais gostosa e gratificante. Já pensou no rostinho, nos bracinhos, no nome, no papazinho. Pensa nas coisas alegres, do resto a natureza se encarrega. Ela é sábia. O sorriso nos lábios de Rosa foi desviado na tentativa de disfarçar mais uma dor. Betina percebeu o momento:

- É assim mesmo, é assim mesmo. Pode gemer que faz parte da festa. É o preparativo. Nascimento é festa, Rosa. Quem sabe não vem aí um futuro advogado, um futuro Presidente da República, um futuro fazendeiro, dos grandes! Não é brincadeira, Rosa, os homens que ocupam estas posições, no momento, e as ocuparam no passado nasceram como está a nascer seu filho. Ou você acha que eles já nasceram grandes? Nasceram com dores para a mamãe, sujinhos, cagadinhos, chorando, frágeis, mamando, chupando dedo e chupeta.

Com a demora da parteira Ana Benta e a frequência cada vez maior das dores, Betina, enquanto distraía Rosa, acendeu o fogo e botou água para ferver.

- Rosa, tem hortelã na horta?- Se não tiver, busco em casa- falou Betina.

- Tem, Betina, tem. Bem na entrada. Plantei, pensando nesta hora, que imaginava nunca chegar. Do lado do portão, você encontra uma latada.

- Deixa que eu acho, Rosa, deixa que eu acho!

Em instantes, Betina regressava, empunhando o feixe da erva.

- O óleo de mamona, Rosa!

- Na prateleira, embaixo, num vidro de boca larga e rolha de cortiça.

Um gemido mais profundo levou Betina, às pressas, ao quarto.

- Vamos deixar tudo em ordem, Rosa; Ana Benta não tarda e a gatinha aí está mostrando que não é de esperar muito. Tem pressa. Puxou para a mãe. Rosa sentiu-se vaidosa

e esboçou um sorriso. Na laranjeira, pela terceira vez, os galos cantaram. No vizinho, os cães denunciavam a presença de estranhos.

- Deve ser Ana Benta- disse Betina já do lado de fora da casa.

E era mesmo. Firmino, de andar apressado, adiantara-se a Ana Benta.

- Ainda chegamos a tempo, Betina?

- Chegaram, Firmino. Não se preocupe. Está tudo sob controle.

- Não chegaram tarde nem cedo, chegaram na hora H.- Bom dia, dona Ana! Que já é dia novo. Vejo o contorno dos montes anunciando o amanhecer.

- Bom dia, Betina. E você para quando?

- Lá para novembro; Se Deus quiser!

- A barriguinha está bem estufada. Olha que vêm dois!

- Te esconjuro, mulher. Limpa esta boca.

As galinhas voavam das árvores, quando Ana Benta adentrou o quarto de Rosa, cortado por mais um gemido.

- Bom dia, dona Rosa!

- Bom dia, dona Ana- respondeu com voz frágil.

Pelo gemido, Ana Benta percebeu a proximidade do parto.

- Logo, logo, vamos ver o rostinho do novo brasileiro. É já que seu chorinho enche estas paredes. Ânimo! Não se preocupe que é tudo muito natural. Lembre-se que todo mundo nasceu, não apareceu e nem brotou nas bananeiras como nos ensinaram em garotas.

O rosto contraído de Rosa, as mãos travadas, a rigidez nos braços mostravam toda uma carga de tensão, o que não era bom, no momento.

- Vamos! Relaxe-se e pense que, em instantes, terá nos braços o fruto de seu amor por Firmino.

Ana Benta puxou o lençol e passou a fazer os toques prévios e a verificação de dilatação.

- O nenê está bem! É questão de minutos!

Lá fora, Firmino caminhava sem rumo e toda atenção nos movimentos dentro de casa. Foi ao chiqueiro. Passou pela horta. Chegou até o galinheiro. Tropeçou no cocho dos pintinhos, para não ver e não fazer nada.

Dentro, Rosa contorceu-se e deixou sair um gemido fundo. Ana Benta fazia massagens em sua barriga e conversava com ela, animando-a. Na cozinha, Betina mantinha o fogão aceso e a água morna para a hora que precisasse. Numa outra panela fervia a sopa de galinha gorda como primeira refeição para Rosa, após o parto. O cheiro da carne, da salsinha, da cebolinha e da farinha de milho para engrossar o caldo misturava-se aos gemidos e ao cochichar de Ana Benta e Rosa. Firmino, sem nada saber das providências da mulher, chegou-se até a laranjeira onde dormiam ainda algumas retardatárias e trouxe uma penosa já com o pescoço destroncado, pronta para ser depenada. No quarto, aproximava-se a hora. Mais uma contração e o nenê apontou. Rosa seguia à risca as recomendações de Ana Benta. Agora, de cócoras, dispendia mais esforços. Ana Benta ajudava com massagens, com conselhos e incentivos. Um último esforço e Rosa sentiu esvaziar-se-lhe o ventre como um balão furado.

Agora ela está prostrada. Pensa em nada. Busca acomodar o corpo, enquanto Ana Benta cuida do recém-nascido e chama Betina com a tesoura, o fio, a hortelã e o óleo morno de mamona. Por momentos, o choro do nenê enche o pequeno espaço. Rosa, de olhos semi-cerrados, esboça um sorriso orgulhoso, cansado, de missão cumprida. Firmino relaxa-se e corre até a cozinha, perguntando se era homem. A preocupação lá dentro não lhe dá resposta. Percebe o inoportuno da pergunta e cala. Betina apressa-se com a chaleira de água morna, a bacia e o sabonete. E, uma vez mais, o mistério da vida se repete.

Agora, entre os braços de Rosa, mãe e filha dormem. Finalmente, Firmino é convidado para ver a recém-nascida. Entra. Olha. Emociona-se e sai sem dizer palavra.

Lá fora, o sol rejuvenesce a natureza, na rotina de mais um dia.

AS GARRAS

Com o nascimento da filha, Firmino passou a viver mais intensamente. Conforme os costumes, os vizinhos João Barbosa e Betina levaram ao batismo Márcia Mara, que assim se chamou a primogênita. A amizade, a idade e certa afinidade nos costumes entre as mulheres e os homens motivaram a escolha. João Barbosa e Betina não se contentavam também com aquela vidinha de meeiros e colonos. Eram uns inconformados que procuravam o melhor. João freqüentava assíduo as reuniões quinzenais, na tulha da fazenda próxima. Reuniões que evoluíram das discussões sobre futebol, de estórias de pescarias, passaram pelo campo escolar com ênfase para a alfabetização, escurregaram para o campo religioso, católico, protestante, espírita e chegaram ao político, afunilando, finalmente, nas idéias socialistas. As cabeças já andavam quentes por aqueles entões.

Onze dias se passaram desde o nascimento de Márcia. Firmino chegava do serviço e ia direto ao berço beijar a filha. Sentia nos gestos inocentes o crescer de suas responsabilidades. Entusiasmava-se com as idéias novas trazidas para debates, nas reuniões. Tinha certeza de que não passaria a vida preso ao círculo de ferro que, em todos os tempos, aguilhoara seus antepassados. Via um horizonte novo a brilhar para aqueles olhinhos inocentes.

Acabara de escurecer, quando no terreiro da tulha alguém convocou a todos para entrar. Eram sempre as mesmas caras ali reunidas. Juca abriu a sessão e propôs que lessem um trecho para ser comentado. Mudou assim um

pouco o rumo das reuniões, até aquele dia, quando as discussões surgiam espontâneas. Percebera que as idéias haviam-se esgotado e a monotonia tomara conta dos encontros. Isto era perigoso. O começo do fim, quando aquelas pessoas cansadas do serviço não vissem mais motivo de ali estarem juntas.

Não podiam esperar mais. Estava na hora de ser lançada a nova semente. A terra estava no cio. Era agora ou nunca. Ia começar a leitura, quando, fazendo-se de esquecido, pediu a palavra para apresentar o camarada que o acompanhava desde a última reunião.

- Tenho a satisfação de apresentar a vocês nosso companheiro Raul. Vem para somar. Para nos dar mais força. Com mais experiência e vivência que nós, traz boa bagagem da capital, onde nasceu e foi criado. Como podem ver, o companheiro Raul é um de nós, nada de granfinice. A diferença é que não nasceu na roça. Nasceu na cidade, por acaso.- E pergunto para vocês, há diferença no pássaro que nasceu na cidade dos que são chocados nos matos?- Pois é, Raul é uma pessoa que vem lutando e sofrendo como vocês para quebrar as correntes que nos prendem e nos impedem de ir à frente, mantendo-nos duplamente escravos: das nossas mentes e dos nossos trabalhos.

Alto, calvo, rosto comprido, magro, Raul confirmava, pela aparência, as afirmações de Juca de que sua origem citatina não passava de mero acidente. De pé, ao lado do companheiro, Raul olhava a assembléia com um sorriso nos lábios.

Passo seguinte, Juca tomou de um papel datilografado e leu:

DO DIREITO DE PROPRIEDADE- "A propriedade privada tornou-nos tão estúpidos e unilaterais que um objeto só é nosso quando o temos, quando ele existe para nós como capital, ou quando é imediatamente possuído, comido, bebido, vestido, habitado, em resumo, utilizado por nós. Se bem que a propriedade privada concebe, por sua vez, todas essas

efetivações imediatas da posse apenas como meio de subsistência, e a vida, à qual ela serve de meios, é a vida da propriedade privada, o trabalho e a capitalização.

Em lugar de todos os sentidos físicos e espirituais aparece assim a simples alienação de todos esses sentidos, o sentido do ter. O ser humano teve que ser reduzido a essa absoluta pobreza, para que pudesse dar à luz a sua riqueza interior, partindo de si."

Tenho dito.

Durante a leitura não se ouviu um pigarrear. Nos curtos intervalos das pausas podia-se perceber o tap-tap dos pestanejares, tal o silêncio reinante. Verdade que ninguém entendeu nada da leitura. O título, entretanto, foi o suficiente para amarrar as atenções. Juca propôs que alguém falasse qualquer coisa sobre o assunto. João Barbosa e Firmino entreolharam-se, trocaram cochichos ininteligíveis e sorriram para em seguida calar.

- Podem falar os companheiros. Seu...

- Firmino!

- Isto, seu Firmino, pode falar- incentivou Juca. Não tenha constrangimento. Estamos em casa, em família. Todos que aqui vieram, fizeram-no porque querem aprender. Os sabidões não comparecem aqui. Vamos, pois, nos descontraír.

Seu Firmino retraiu-se mais.

- O companheiro...

- João Barbosa!

- Isto, seu João Barbosa,- pode falar.

- Ainda é cedo, meu senhor, vou esperar mais um pouco.

- Atenção! Vamos a uma pausa. Ninguém é senhor. Este é um tratamento que humilha e rebaixa. É uma palavra que não nos convém. Aqui somos companheiros, camaradas. Todos iguais, portanto. Somos gente que anda junto, que quer crescer junto e solucionar junto os graves problemas que nos afligem.

Lá atrás, no fundo esquerdo, seu Vitalino de Souza deu

a entender que gostaria de falar. Estatura mediana, rosto vincado pelo tempo, cabelos mais para a velhice, Vitalino aparentava passar dos cinqüenta. Era respeitado pelos presentes como pessoa de bom senso, séria e de confiança. Dada a ele a palavra, começou:

- Gostaria de falar muita coisa, a cabeça está cheia de idéias, entretanto, o quase nada de leitura leva a gente antes a calar. Acredito que é isto que está acontecendo com todos os companheiros presentes. Por causa disto ficamos prejudicados, escravos de nossa ignorância.

Um sussurro de aprovação e abanares de cabeça percorreu o ambiente.

E Vitalino continuou:

- O titlo... tito... título- emendou Raul- DO DIREITO DE PROPRIEDADE chamou minha atenção e até me distraiu num pedaço da leitura. Olhem, companheiros, nestes costados judiados que vocês estão vendo, vão quarenta anos de cangalha, de sol a sol. E eu pensava: será que até hoje não tive ainda direito de possuir um terreninho? Reparando bem, as únicas coisas de valor que tenho são mulher e filhos, Deus seja louvado! Mas os homens grandes da cidade, os bancos, as autoridades não dão valor a isto. Para eles sentimentos e amor são moedas falidas, não passam de contos de réis antigos. O que valem são as coisas materiais que qualquer vagabundo rouba, e nós ficamos nas mãos. E conheço todos os companheiros aqui presentes como vocês me conhecem. Sei que nenhum possui mais do que eu. E alguns não possuem nem filho e mulher. Confesso que nunca havia parado para pensar nisto. Só com este fato já me sinto satisfeito com a reunião.- E sentou-se.

Raul e Juca levantaram-se e puxaram as palmas para Vitalino.

- Muito bem!- prosseguiu Raul.- Quem mais quer falar? Sabemos que todos, como acaba de afirmar o companheiro Vitalino, têm muito a dizer. Sem acanhamento, pois, vamos lá gente!

Cochichos pipocaram pela assembléia e cresceram mais pelo centro. André Carreiro, dos mais antigos moradores na região, mineiro prudente e respeitoso, levantou-se. Gaguejou um pouco e soltou a palavra:

- Companheiros, cinqüenta e cinco janeiros pesam nesta cacunda das alterosas. Disposição para mais cinqüenta e cinco é que não falta na carcaça. Nem sei contar quanto já matutei sobre este assunto. Para mim é uma vida, pela frente já é outra- que o sol nunca me pegou no catre, ao amanhecer. Durante todo este tempo, tenho passado a cultivar esta terra que pertenceu a dezenas de pessoas e nunca a mim que sempre cuidei dela. Quantas vezes, choutando as bestas ribanceira acima e abaixo, não via muita diferença entre elas com as burras abarrotadas no lombo e eu, arrostando as intempéries, colhendo, cavando, plantando e carregando- fazendo com as mãos o que elas faziam com o lombo- para, no final, a metade de tudo ir parar, de mão beijada, nas mãos do proprietário. A oportunidade de pensar junto de vocês sobre este assunto, eu considero muito importante. Assim sei que não estou sozinho. Espero que não fiquemos aqui, unicamente, em bate-boca, sem chegar às vias de fato. Todos sabem que conversa não compra terra, não planta roça e não enche barriga. Até porque, na condição de analfabeto que mal sei assinar o meu nome, quando estou com a cabeça fria, nem sei bem se é isto que foi lido. Posso até estar dizendo besteira. Obrigado. Enquanto André falava, as dezenas de cabeças presentes aprovavam suas idéias.

Terminada a fala de André Carreiro, Juca pôs-se a explicar a leitura com a ajuda de Raul:

- Vejo que enquanto vamos, vocês estão voltando- começou. Não é propriamente disto que fala o texto, mas é a isto, a esses problemas que machucam vocês que ele vai chegar. A leitura se relaciona mais com o homem escravizado pela propriedade. Como o álcool domina o viciado, assim também o faz o sentido da propriedade. Quando vocês se sentem espezinhados, maltratados, desiludidos ao terem que

entregar ao dono da propriedade metade do que fazem produzir, vocês estão numa condição de escravos. E eu pergunto:- Quem os escraviza?- A terra?- Não, decerto!- O dono da terra. Aquele homem sorridente, bonzinho, até compadre de vocês, que traz presentes aos filhos de vocês. Mas, camaradas, ele também é escravo. Dominado e amordaçado pelo sentido de propriedade, ele não vê que faz vocês de escravos. E escravos pior que os negros no limiar da história. Lá havia um senhor e um escravo. Aqui existe um senhor escravo e cego que escraviza. Daqui já se pode concluir alguma coisa da leitura:

E fez uma pausa para, em seguida, enfatizar:

- Camaradas, o importante não é ter e sim usufruir. Ter a liberdade de usar. Para isto existe a terra. Para ser usada e não possuída.

Aqui olhares de dúvida cruzaram o ambiente silencioso.

- Mais alguma conclusão?- Alguém quer falar?

Timidamente, prendendo o palheiro entre os dedos de uma das mãos, de mais ou menos trinta anos, que é difícil calcular a idade de quem luta diretamente com a natureza, tal o desgaste nos embates- pois bem, uma mão de mais ou menos trinta anos levantou-se medrosa e lenta, pedindo a palavra. Era Antônio Ribeiro, caboclo pacato, mas inteligente. E falou:

- Quer dizer que o que eu entendi é que o moço falou que nós temos direito na terra que nós plantamos. Que esse negócio de um homem ter a terra e o outro cultivar e sustentar o dono que não trabalha não está nos conformes das leis.

- É mais ou menos isto, companheiro ...

- Antônio Ribeiro!

- Isto, Antônio Ribeiro. Só que não é bem que não está nos conformes das leis- devo explicar- acrescentou Raul- É assim que está nos conformes das leis. A reparar que essas leis foram feitas pelos homens que possuem as terras, por isso eles as fazem a seu favor e vocês são prejudicados. Então o que não está nos conformes da natureza e da justiça

são as próprias leis. Por isso, elas precisam ser mudadas. Mas estamos colocando o carro na frente dos bois. Voltaremos à leitura. Outra conclusão a tirar dela é que não é bom e nem digno do homem possuir as terras.

Os olhos abriram-se mais e as atenções prenderam-se em Raul.

- Sim- repetiu- não é bom e nem digno para o homem possuir sua propriedade. Explico: se a propriedade faz o homem escravo dela, eu pergunto: quem de vocês quer ser escravo?

Sorrisos de descrença percorreram o ambiente.

- E continuou: sei que não é bem assim que vocês pensam. Mas nem tudo que pensamos é o certo. Uma vez proprietários, vocês serão escravos e passarão a escravizar os próprios companheiros. Trata-se, esta maneira de pensar, de uma mentalidade enraizada em todos, por isso vocês estranham minha fala. É uma mentalidade capitalista difícil de ser extirpada. Quem possui é escravo e escraviza.

- Dá licença, seu doutor!- interrompeu Gracindo Franco.

- Fala, companheiro...

- Gracindo!

- Isto, Gracindo. Mas, por favor, não fala para seu doutor, fala com seu camarada, para seus camaradas.

- Tá bom! Mas só uma perguntinha:- com quem vão ficar estas terras todas nos conformes dos pensamentos dos dois companheiros?

- Eu respondo, seu Gracindo- levantou-se Juca:- é o desvio das finalidades que causa os transtornos, companheiros. O álcool usado nas máquinas, vai bem; usado na máquina humana destrói. A terra nas mãos do Estado usada pelo homem vai bem, mas, nas mãos dos homens, usada pelos homens, vai mal. É o que acontece com vocês, hoje.

- Então estas terras não têm que ser de ninguém?- insistiu Gracindo Franco.

- Devem ser de todos, controladas pelo Estado. Somente assim cada um de vocês poderá dispor de um quinhão para

trabalhar e sustentar a família, sem precisar ser escravo e escravizar.

Nestas alturas da discussão, Firmino cochichou no ouvido de João Barbosa. Ambos trocaram expressões de dúvidas no cochicho, gesticularam. E Firmino pediu a palavra:

- Camaradas, me dou por satisfeito. Consegui captar o pensamento do camarada Juca. Conforme meu parecer, ele está com a razão. É claro que intriga o que ele diz. Mas deixar as pessoas possuírem as terras, acontece o que está por aí. Uns têm muito e sobra. Outros não têm nada e também sobram.

O trocadilho provocou risos gerais.

E prosseguiu:

- Não concordar com seu Juca é querer que as coisas continuem como estão. E eu pergunto: querem que seja assim? Vamos! Respondam!

Um não reboou em coro.

- Então, vamos continuar. Temos muito caminho para andar ainda na busca de uma solução ideal, capaz de agradar a todos.

Os bocejos marcavam o adiantado da hora. O cansaço favoreceu a aceitação da nova idéia de propriedade.

Estabeleceu-se a data do próximo encontro para daí a quinze dias, quando prosseguiriam os debates.

VER PARA CRER

- É tarde, Firmino, não está cansado?

- Bastante, Rosa, mas sem sacrifício não se chega lá. Não há subida sem pedra.

- E daí?

- Está bom, Rosa, está bom. Hoje debatemos sobre o direito de propriedade. Pena que o assunto é longo, não progride como a gente quereria. Mas, paciência. A natureza é perfeita porque não tem pressa. Tudo é questão de tempo. O assunto continua ainda na próxima reunião. E Márcia?

- Mamou bastante. Dorme como um anjo. Cada dia está mais comprida. Cresce como broto de bananeira.- Agora vai se arrumar para deitar.

A rotina das reuniões entrara para a vida dos caboclos. Aos poucos, suas idéias evoluíam com as novas doutrinas que bebiam, sem o perceber. Nos últimos encontros, o entusiasmo cresceu. Falava-se da doação de terras do outro lado do rio, lá pelas divisas. O nome doação fazia o pessoal esquecer as teorias bonitas contra a propriedade privada, exaustivamente debatidas. A possibilidade de cada um possuir o seu pedaço de chão era suficiente para botar toda a gramática de lado. Os próprios Raul e Juca nem sempre se mostravam firmes em suas convicções. As notícias alvissareiras fizeram-nos mudar o discurso mais de uma vez. A princípio, mostraram-se céticos. Depois, viram, na posse por parte de pessoas escolarizadas no assunto, uma semente para iniciar a sociedade ideal de todos iguais, usufruindo da terra em benefício da coletividade e, antes de tudo, de cada um.

Durante a reunião, constituíram uma comissão para certificar-se "in loco" da veracidade dos boatos. Cada um entrou com sua cota para as despesas de locomoção na investigação da fertilidade da terra e da viabilidade de um deslocamento com as famílias para início de vida nova. Firmino e João Barbosa se ofereceram para compor a comissão. E lá, numa manhã de agosto, quando as chuvas rareiam na região, alugaram um velho jipe de guerra, presente de americano para brasileiro bonzinho, e seguiram viagem até onde se pudesse chegar. Sabiam das barreiras a serem enfrentadas. Na estrada areenta, os falcões prenunciavam as dificuldades vindouras. À medida que o tempo passava, a estrada estreitava e a mataria viçava mais e mais. Atravessaram de balsa o rio grande. Daí em diante, a estrada virou caminho que a mata fechada impedia de secar mesmo após dias de sol. Nem sempre carroça e cavaleiros tinham onde se encostar quando cruzavam com uma condução qualquer. Nos momentos do sem-sol, pareciam viajar num túnel. Aqui e ali surgiam clareiras com ranchos quase sempre abandonados. Raras eram as almas encontradas por aquelas paragens. Um que outro caminhão superaquecido dava a impressão de muito cansaço pela longa distância.

Trinta quilômetros haviam percorrido desde que abandonaram as barrancas do rio quando depararam com uma derrubada mais extensa, com ares de vida por perto. À beira do caminho, erguia-se a primeira casa encontrada, em tabuinhas, palmito e terra batida.. A derrubada acabara de ser queimada. Aqui e ali fumavam ainda troncos secos. A família inteira se empenhava em amontoar coivaras para a limpeza do terreno. O poço era convidativo diante do calor abafado. Na caneca de água vieram as indagações que pouco acrescentaram ao que o grupo buscava. Soube-se então que aquelas terras eram de ninguém. E por ser de ninguém, eram de todos. Ali, bastava chegar e ir tomando posse, buscando defender-se como podia dos mais fortes. Quanto às notícias a respeito de documentos do governo, não se

tinha conhecimento de nada. Muitos chegavam, abriam os lotes e partiam diante das dificuldades de sobrevivência e doenças, além da insegurança de morar numa terra de ninguém e onde, a qualquer momento, podia aparecer o dono documentado a exigir a retirada.

Firmino gravou bem a frase do caboclo: " a terra é de ninguém e por ser de ninguém é de todos ". Lembrou-se das reuniões em que se discutiu o direito de cada um em possuir seu lote, quando o companheiro Raul tentou convencer a todos que as terras devem ser do Estado e que como tal elas são de todos porque o Estado são todos os cidadãos.

A terra era boa. De primeira qualidade. O posseiro relatou também de ouvir falar em lutas pelos melhores lotes e em jagunços a serviço. Convencidos de que o que procuravam não estava ali, montaram de novo e foram adiante.

Escurecia quando abordaram o primeiro povoado. Nada além de uma clareira maior na mata. As casas não passavam de ranchos de sapé e palmas cercados de achas de palmeira. No meio das três únicas ruas, havia ainda grossos troncos de peroba que só o tempo se encarregaria de destruir. Uma que outra casa de tabuinha e assoalho alto se distinguia dentre as demais. O fornecimento de utilidades se limitava a duas casas de secos e molhados abastecidas do mínimo necessário. Comprimido entre a mata soberana e ativa, o arraial assemelhava-se a um pedaço de bolo prestes a ser deglutido pela natureza bravia num ato de vingança contra seus agressores.

Ali no povoado arranjaram-se para passar a noite. Não se pode dizer que repousaram pela ausência de condições mínimas de descanso. Um fogo afastava os muriçocas e possíveis feras existentes em qualquer parte do sertão. Durante a noite, raposas alvoroçavam as galinhas nos galinheiros. Cabras berravam desesperadas, pressentindo a aproximação de onças. O cheiro forte dos mão-peladas incomodavam os cães que procuravam no ar em que direção estava a fera. Encostados como podiam, passaram a noite, ou melhor,

aguardaram o amanhecer para continuarem viagem. Em mucutas e latas levavam provisões para uma semana. Em caso de emergência, confiavam nas armas de fogo diante da fauna rica da região.

De manhãzinha, antes mesmo que a noite se afastasse de todo, lamparinas começaram a caminhar nervosas através das ripas nos ranchos enfileirados pelas ruas. O clarão dos fogões a lenha disputava espaço na escuridão com a aurora que ameaçava a noite. Não tardou muito e o cheiro do café fresco e o frigidar das frituras excitaram as pituitárias e salivares. A dez metros de onde estavam, o primeiro bar abria para fora a porta de ripas e cipós. Primeiros fregueses, eles entraram para o desjejum: café preto e pão feito em casa. Aproveitaram e beberam com o café as informações que buscavam sobre doações de terras, em posse, pelo governo, a grilagem, o banditismo, a fertilidade do chão. As informações foram chegando incompletas. Pouco a pouco alinhavam o enredo de que precisavam. Ninguém se abria sobre o negócio. Todos ali visavam ao mesmo propósito: uma posse, uma grilagem.

O arraial era antes um acampamento de famílias de aventureiros em busca de riqueza fácil. Ali se encontrava de tudo, desde o sem-terra à procura de um pedaço de chão que pudesse regar com o próprio suor, sem ter depois que dividir os frutos com o patrão ganancioso, até o profissional do lucro fácil, mascarado de cidadão, e o intelectual utopista fantasiado de peão, buscando concretizar, às custas alheias, esdrúxulas teorias de bem-estar universal. Um ponto comum unia a todos: um futuro melhor que o presente na corrida louca e desenfreada do homem que busca preencher este vazio perene que se abre sob seus pés toda vez que pensa que o preencheu.

Ainda de farol aceso, rumaram mata adentro. Pela frente, mais picada que estrada. Com freqüência viam-se barrados por troncos e galhadas, tendo que abrir passagem no traçador ou no machado. Empecilhos que a natureza

colocava ali em sua ação incessante de renovação ou com que os homens, maldosamente, tentavam impedir a concorrência de desafetos. Duas horas depois que saíram do arraial, encontraram os primeiros seres vivos e pensantes, enquanto acertavam o aterro de entrada de uma ponte caída. Primeiro ouviram tiros com estampidos diferentes, secos e rápidos, depois estrondosos e ecoantes pelas barrocas. A experiência não deixava dúvidas. Não eram caçadores. O susto parou o trabalho de remontagem na ponte. Às respirações se prenderam sem que ninguém mandasse. Os pressentimentos foram instantâneos. Olhares se cruzaram. Caçador que se preza não atira na caça primeiro de revólver. Talvez para matar alguma cobra! Mas por que vários tiros seguidos de cartucheira, de carga grossa? O ronco do jipe chamara a atenção e alguém estava a dizer que esta terra tem dono. Os ouvidos atentos buscaram sinais mais esclarecedores. E por cerca de cinco minutos a selva falou sozinha no cicar das cigarras, no cricrilar dos grilos, no arrulhar nostálgico das pombas e no discreto piar dos caça-sebos e tico-ticos. Depois, devagar, sem palavras, o trabalho recomeçou. Mas em cada cabeça havia uma interrogação. Mais alguns instantes e duas balas seguidas silvaram sobre suas cabeças, cravando-se nos troncos próximos. O aviso agora viera claro, não deixando dúvidas. Passo seguinte, ouviram o trotar de cavalos de encontro a eles. Mais alguns segundos e viram-se diante de autênticos capitães-do-mato. Facões, revólveres, cartucheiras e foice à vista dispensavam qualquer apresentação, não fosse o local em que se encontravam. Mal-encarados, sujos, barbudos, a cena misturava o dantesco com o quixotesco e tornava-se mais viva com os cavalos que montavam, cavando o solo e forçando os freios nas bocas espumantes.

- Senhor, sim!- cumprimentou o mais baixo, de aspecto taurino e físico de Sancho Pança, com voz compassada, fria, sem eco- conhecendo as terras?- perguntou- enquanto mascava um palito de fósforo no canto da boca e batia com o chicote no cano da bota de couro cru.

- Viemos conhecer a região- adiantou Firmino.

Um minuto de eternidade pareceu intermediar a continuação do diálogo. Os companheiros de Firmino prosseguiram no arranjo do caminho, em ritmo lento, com a atenção toda nos interlocutores.

- Devem estar gostando!- continuou a figurinha esquisita, mais em tom de ironia.

- Vê-se que a terra é boa. A exuberância da mata está aí a atestar. Parece não ser é nada hospitaleira- complementou Firmino.

- Os companheiros não esperavam encontrar aqui no sertão hotel com banho quente e outros confortos? Se vieram só para conhecer a terra, a missão deve estar cumprida. A terra aí está, podem ver. Ela não foge e nem se esconde. Se buscam, porém, outra coisa, não aconselho os camaradas a prosseguirem.

Firmino explicou a que vinham. Eram de paz e não queriam encrenca com ninguém. Enquanto falava, a exótica figura ouvia em atitude de desinteresse completo. Por sua vez, o companheiro, magro, alto, cenho fechado, não abriu a boca um instante, autêntico protótipo do ódio encarnado.

- Se quiserem prosseguir, acredito em vocês, mas não aconselho a irem além de três quilômetros em linha reta. A estrada acaba então e depois é só picada. Por isso, que peguem ali na boca da mata, a quinhentos metros, o carreador da esquerda e saiam desta terra. Ninguém se responsabiliza pelo que acontece aqui neste mundo de sertão- concluiu em tom de ameaça.

As últimas palavras saíram quando já atravessava o córrego e continuava em sua profissão de protetor das terras de algum ricoço, padrinho ou apadrinhado de autoridades.

Sem deixarem intimidar, ajeitaram a passagem e prosseguiram mata afora. Mais à frente, tomaram a esquerda, alcançando, já com o sol a pino, outro lugarejo. Não mais que quinze ranchos formavam o povoado. As pessoas com quem conversaram admiraram-se de haverem atravessado

pelas terras do coronel, sem serem molestados. Ou era o dia de lua para eles ou para o Neco do Cadáver, nome por que se conhecia a figurinha taurina encontrada no mato.

Aqui puderam conversar e obter as informações que buscavam. A primeira constatação foi de que o sertão não era tão sertão assim. A idéia que tinham em mente, ou seja, que entravam cada vez mais para um interior desabitado, apagou-se ao verificarem que o interior era mais habitado com saídas facilitadas da outra banda da mata. Vários esboços de cidades se plantavam a partir dali, o que, entretanto, não queria dizer facilidades. Mais gente significaria mais problemas, mais concorrência, mais disputa em torno das terras férteis e de ninguém, ou antes, do mais forte. Aqui havia mais franqueza nas conversas. Cada pessoa com quem falavam parecia mais com os recém-chegados. Pousando em barracas improvisadas, ao relento, não escondiam o interesse que traziam de buscar terras onde pudessem viver em paz. Numa dessas conversas, veio o convite para um bate-papo informal em casa de Sebastião de Angeli. Segundo vieram a se informar, figura de ampla aceitação pelos habitantes, além de estar ligado à colocação de pessoas na área pelas familiaridades e entrada que tinha junto aos homens importantes no poder, tanto da região, como da capital.

A esperança quase perdida do grupo cresceu e se revitalizou ante o viço das plantações existentes ao redor do lugarejo. De princípio, é verdade, a mata assustava, mas estavam convencidos de que pagava a pena. Mais tempo, menos tempo, aquilo se transformaria num paraíso para o homem dedicado à árdua tarefa do manejo da terra.

Não tinham tempo a perder. Durante o dia percorriam a região para um contato mais direto com as pessoas. Aqui não se falava em estradas, eram trilhos e carreadores, picadas e picadões, correspondendo este último ao que havia de melhor no que tange à comunicação viária. Nos picadões, podia-se passar até de jipe, tomando os devidos cuidados e com muita paciência. Eram caminhos abertos mata afora,

verdadeiros túneis cavados a foice e a machado por debaixo do verde virgem. Os troncos das árvores eram cortados baixos, possibilitando a travessia de condução puxada a animal e mesmo a motor. Não se pode pensar em aterros, cortes e pontes. Os declives, as valas e as águas eram desviados até que se pudesse vencê-los, sem agredi-los, num trabalho de paciência para o desbravador e o transeunte. Mais de uma vez tiveram oportunidade de travar contato direto com o homem que cavava a terra. Cavava, maneira de dizer. O trabalho então principiante era mais de derrubada, queimada e limpeza do chão. O milho apontava, aqui e ali, na terra enegrecida pelas queimadas recentes. Numa das dezenas de clareiras existentes na região, o grupo se deteve em conversa com o proprietário. Ajuntava coivaras juntamente com a mulher e dois filhos, enquanto um terceiro plantava de cavadeira as primeiras sementes entre as galhadas que restaram do fogo. Com o sol baixo, não puderam espichar muito a conversa. O pouco que falaram foi suficiente para saberem que o tal Sebastião de Angeli era um guia para os habitantes. Pessoa inteligente, de sabedoria, vivia por ali, ninguém sabia por quê. Estava sempre pronto para dar uma mão. Fazia freqüentes reuniões em sua casa. E quem ia, voltava sempre elogiando a cultura de seu Sebastião ou doutor Sebastião, como alguns o chamavam. Motivado e orientado pelo doutor é que Gabriel ali aportara desde dois meses e agora via brotar, com muita esperança, os primeiros grãos da terra que sempre sonhara possuir. Na despedida, seu Gabriel recomendou:

- Se forem às reuniões do doutor Sebastião, podem estar certos que não passarão muitos dias e estarão de mala e cuia por aqui. O homem incute confiança. A gente se anima com ele.

Gabriel só não explicou como conseguiu as terras que ocupava e como Sebastião de Angeli convencia as pessoas. O assunto jagunço, posseiro e grileiro também continuava tabu. Ninguém viu e nem sabia de nada, como ninguém falou

em escritório do governo ou outra autoridade qualquer, em lei ou coisa parecida, como a imprensa anunciava em seus pregões. A impressão que se tinha é que as pessoas iam chegando e se arranchando como e onde podiam.

Escurecia, quando voltaram ao povoado. Antes pararam no córrego da entrada para se lavarem e refrescarem do calor e andação do dia. Depois, no boteco, comeram sanduíche de carne de porco com pão caseiro dormido.

Mas, não tinham tempo a perder por ali. Não podiam também partir sem conhecer o doutor Sebastião. E, conforme as informações de Gabriel, naquela noite haveria reunião em sua casa.

A ISCA

Reuniram-se no galpão de Sebastião de Angeli entre dez e quinze pessoas. Levantado em ripa de palmito e tabuinha, não havia muito conforto no ambiente. E ninguém ali viera para comodidades. As pessoas conversavam descontraídas sentadas em bancos de vara. O assunto não fugia à regra: terra, trabalho, produção, colheita, posse, garantias, segurança... Os presentes se dividiram em três grupos. Sebastião percorria cada um, observando as preocupações e tendências. Por fim falou:

- Vamos formar agora um grupo só. Percebo que os presentes têm muito de comum em seus problemas. Não vejo motivo para ficarmos separados. Unidos teremos mais proveito. Todos possuem esposas e filhos e procuram garantias e estabilidade para eles. São pessoas honestas e trabalhadoras que ainda não tiveram vez neste Brasil grande em que nascemos e com tanta extensão de terras sobrando, no entanto, estas terras não se sabe a quem pertencem e, quando têm donos, possuem-nas por possuir, não as cultivam. Assim, elas não trazem nenhum proveito para a comunidade, como deveria ser. Sabemos também que seus donos não as fizeram, tornaram-se proprietários por mero compadrismo. São pessoas que não conhecem a cor e nem o cheiro da terra. À eles só interessa o cheiro da riqueza. Não se preocupam com os que sofrem para lhes dar o sustento. Meus amigos, se possuir por possuir faz as pessoas felizes e ricas, convido-os a acompanharem-me até lá fora e os farei felizes e proprietários de riquezas incalculáveis.

Com o desafio, olhares de interrogação cruzaram-se entre os assistentes.

- Alguém aceita o convite?- insistiu Sebastião.

Jerônimo, moço arrojado, aceitou o convite e se dispôs a acompanhá-lo.

- Pois bem- continuou- como é você só, não preciso ir até lá fora. Vá sozinho que daqui de dentro mesmo cumprirei o prometido. A partir de amanhã cedo o sol que nascerá será todo seu. Agora mesmo você pode tomar posse das estrelas. Dentro de poucos instantes a lua vai nascer. É sua. Eu te dou. Passe a dizer para todo o mundo que o sol, as estrelas e a lua são seus.- Bom! Entenderam aonde quero chegar. A posse em si não gera riqueza. Gera sim, e muito, a ilusão da riqueza. Somente o trabalho gera riquezas. Neste aspecto vocês são ricos. Vocês representam a força do trabalho.- Mas trabalhar onde?- perguntarão.- Estamos aqui reunidos para encontrar esta resposta. Andem ao redor do patrimônio e depararão com dezenas de trabalhadores que aqui nesta mesma sala fizeram esta mesma pergunta, tiveram as mesmas preocupações que hoje os angustiam, passaram pelas mesmas dúvidas e incertezas. Como eles, vocês aqui chegaram em busca de um futuro. Pois bem, aqui o futuro é o presente. É agora. Voltem. Voltem todos. Busquem as famílias, as mobílias e venham com muita coragem. Vamos fazer desta região um Brasil de verdade. Um Brasil de ação. Não um Brasil de papel, de leis e conversa, como temos no presente. Somente assim seremos grandes, unidos na força do trabalho, na força das idéias, na força dos braços, e na força da força, se preciso for.

Por mais alguns dias, Firmino, João e os companheiros sondaram a terra, visitaram outros patrimônios que se espalhavam pela região, contactaram outras pessoas. Grandes latifúndios seguiam- se a vastas extensões de terras devolutas que eram ocupadas, desordenadamente. Depois de conversarem e andarem muito, encorajados pelas dezenas de trabalhadores chegados e que chegavam, resolveram que

também viriam ser posseiros na região. Na suposição que tudo desse errado em seus cálculos, com algumas colheitas conseguiriam recursos suficientes para comprar a posse do poder público. Este, por sua vez, fechava os olhos ao que ia acontecendo naqueles rincões, numa tácita anuência. Vez por outra, um ilustre comendador, conhecido só de nome, que as caras nunca dava, mandava cercar algumas posses, dizendo-se dono do quinhão. Quase sempre se chegava a um acordo vantajoso para o posseiro. Com o movimento que se organizava e avolumava, em breve não ia ser fácil comendadorzinho ir chegando e cercando, dizendo-se dono. Não demorava muito e um exército de posseiros, cientes de seus direitos, poriam a correr os aventureiros. Para tanto se documentavam com os anúncios das autoridades. Ainda mais quando se sabia que os tais comendadores não passavam de cupinchas das autoridades lá das capitais, quando não eram testas de ferro, agindo em benefício das próprias autoridades.

Firmino e João estavam bem escolarizados e sabiam da força que tinham e o que os esperava. Não era a primeira vez que governos prometiam terras em posse. Tinham ciência de fenômenos idênticos em outros tempos e lugares, desde umas tais sesmarias que conta a história. Para isto ajudaram muito as reuniões da tulha. Verdade era que nem sempre os fracos foram os vencedores, mas agora tinham retaguarda forte até na toca da onça, no Rio de Janeiro. Havia muita gente alta agindo e pensando junto deles. Não era por acaso que ali se falava a mesma linguagem que estavam cansados de ouvir nas reuniões da terra. Tinham ainda a motivá-los a pouca idade e as esposas tão fortes como eles na luta pela vida e pela justiça. Foi com esta disposição que o grupo voltou à terra. Levavam em mente o pensamento do regresso imediato. Não tinham mais tempo a perder. Era chegar, preparar os trastes e voltar. Ali era o lugar deles. Ali, pelo menos, se podia divisar uma nesga de futuro por entre as árvores copadas, testemunhas da fertilidade da terra, num contraste com a pastaria rala da região onde nasceram, que

se derretia em areia a cada chuva, levando tudo embora com a erosão.

Durante a viagem do grupo, Juca e Raul não compareceram para as reuniões. Aguardavam seu regresso, quando então ouviriam as novidades que já conheciam. Contatos distantes davam a eles a certeza do sucesso. Pouco a pouco, formava-se a corrente, elo por elo. Trabalho lento, persistente, turrone mesmo. Mas tinha que ser assim. Transformar idéias em ações nunca aconteceu da noite para o dia, no caminhar da história. Eram freqüentes as reuniões em que os camaradas discutiam e não chegavam a um acordo. No encontro seguinte, começavam tudo de novo. Até aquele momento, as coisas pareciam fáceis demais. Encaixavam como as pedras de um dominó. Dava até para se desconfiar do santo. As facilidades entusiasmavam os mais arrojados. Os pacatos criavam coragem. Nem sempre a conselheira prudência tinha vez. Os mais sisudos, porém, não se deixavam iludir. Sabiam que nos jardins nem tudo são flores. No mapa de toda a região prometida, pontilhavam os sinais vermelhos indicativos da presença dos camaradas. Chegavam a impressionar os chefes da organização. A riqueza da floresta, a fertilidade da terra e o espírito de aventura do pioneiro contagiavam. A sede local passou a ser freqüentada pelos líderes de maior expressão, vindos dos centros mais distantes, dada a colheita promissora para breve. A situação empolgava as pessoas que dia-a-dia chegavam de lugares os mais diferentes, servindo-se de todos os recursos de transportes, em busca de um futuro promissor.

Se quiser ter um amigo, elogie-lhe o sucesso, se quiser ter um inimigo, mexa-lhe no bolso. Os homens sabiam que o posseiro lutaria para defender o que plantara e regara com o próprio suor. A terra trabalhada cheirava a gente. O tempo se encarregava de criar uma verdadeira simbiose entre o homem e ela. Enquanto os dias passavam, o exército crescia e o pomo da discórdia amadurecia nas

suas benfeitorias, na família que aumentava, nas derrubadas que efetuavam, na terra que amainavam, nas colheitas que prometiam e no amor por tudo. Aqui, nas mudanças, os lavradores traziam expostas e com orgulho as armas do progresso; ali, nos aviões, nos trens de ferro e nos caminhões chegavam as armas que reforçariam as idéias na luta que, cedo ou tarde, fatalmente, tinham certeza, ocorreria.

Durante todo o trajeto, Firmino, João Barbosa, os companheiros trocaram idéias a respeito das ocorrências e observações.

Madrugava uma noite de sexta-feira, quando o jipe, de buzina aberta, chegou, prenunciando a boa nova. O papo durou pouco pelo cansaço. O grupo foi convocado para as impressões da viagem, no dia seguinte, à tarde.

A Balsa

O regresso deu-se sem novidades, é bom que se lembre. Salvo o pequeno incidente na passagem da balsa. Novidade para o grupo viajor não para o pessoal acostumado à turbulência da região. Firmino e os companheiros tiveram a oportunidade de presenciar a um dos casos, que foram muitos os ouvidos naqueles dias. O episódio serviu de início no calejamento da vida de sertão bruto onde a lei dispensa figuras ocas de legislativos, judiciários e executivos.

Os galos trocavam desafio madrugada a dentro. As águas corriam serenas em suave e sonolenta melodia. A lua minguante postava-se insegura perto da linha do horizonte. Poucas estrelas iluminavam o firmamento muito azul, quase negro. Unicamente o ronco forte de Devílio feria o silêncio da natureza, num dos cantos da balsa. Estirado em calção, numa esteira, tinha cinco horas para descansar o cadáver das dezessete de labuta do dia-a-dia. Noutra canto, Eudoro, na mesma situação, repousava tranqüilo. O assoalho em pranchas ressoava o ronco de Devílio conforme a posição que tomava. A travessia fechava, às vinte horas, para recomeçar, às quatro.

Pouco a pouco, de ambas as margens, as conduções chegavam, disputando os primeiros lugares na fila. Um muchocho seguido de um puta que o pariu nada acrescentou para apressar a embarcação. Tanto os apressadinhos como os balseiros tinham suas carradas de razões.

- Quisesse chegar logo, levantasse mais cedo- comentou um dos que esperavam na saída da balsa e conformado com

a demora da travessia. Devílio e Eudoro não precisavam de despertador. Perto das quatro, o pessoal da espera se encarregava de acordá-los com um buzinaço.

Com o sono curto e o corpo ainda cansado, nem sempre o bom humor acompanhava as primeiras horas de serviço dos balseiros. Numa lavada rápida de cara, a água fria do rio afugentava os restos de músculos ainda presos pelo sono. O serviço começava de imediato. Enquanto um deles acertava detalhes da balsa, o outro se encarregava de passar um café de tropeiro engolido ainda queimando com pão velado de semanas. Primeiro ato do dia: soltar as amarras e aproximar a embarcação das margens. Nos dois cantos, cada um busca desatar os nós endurecidos das cordas, úmidas que estavam pelo orvalho forte da madrugada fria. A iluminação precária dos lampiões pouco acrescentava. Trabalham mais com o tato que com a visão. Em silêncio, Eudoro persigna-se, implorando a ajuda do Criador para mais um dia de trabalho que prometia muito movimento. Resmungando, Devílio tropeça numa prancha desconjuntada e esforça-se agora na tarefa de desatar as cordas. Com altissonante filha da puta, ouvido nas duas margens, tentou solucionar o problema dos nós que não se desfaziam com facilidade.

Prenúncios do amanhecer cortavam os céus e já se podia vislumbrar as conduções à espera da vez de atravessar. Mais alguns minutos e o vaivém recomeçaria na esperança inútil de descanso com o esvaziamento das margens, numa tarefa digna de Sísifo nos infernos.

Conforme o movimento, ao meio-dia havia pausa para o almoço ou quer que seja parecido. O rango se preparava por ali mesmo num dos cantos da embarcação, em trempe de lenha, nos poucos minutos que medeavam o embarque e desembarque, quando bastava o trabalho de um só para os controles de manobra. As sombras estiravam por dois metros a leste quando seu Firmino e os companheiros aportaram com o jipe nos pranchões da balsa. Foi o último veículo a chegar. Por pouco não tiveram que aguardar a próxima

viagem, em mais uma hora de atraso. Encostaram atrás de uma carroça, paralelos a um caminhão. O espaço era diminuto. Meio metro separava as rodas do nível das águas. Com dificuldades, arranjaram-se no exíguo espaço. Daí puderam notar, mais à frente, apoiado na frágil proteção lateral, um vulto envolto com grossa capa de boiadeiro, chapéu quebrado nos olhos, cartucheira na mão, e, presa pelo cabresto, a mula ruana. Embora imóvel, era todo atenção. Enquanto mantinha as costas protegidas pela extensão das águas, os olhos, em vigília, percorriam os cento e oitenta graus da frente e dos lados. Exótica, a figura chamava a atenção. Em pleno sertão, não deixava dúvidas. Região de posseiros, de grileiros, de lutas de terras, de riqueza fácil, ali era o habitat natural dos profissionais do gatilho. Devílio calçava calmamente as conduções e mandava que todos descessem, dando tempo a que Eudoro lavasse um arroz. Foi quando se ouviu o pipocar de tiros vindos de pontos diferentes. Não tendo para onde correr, as pessoas se jogavam no chão, buscando se proteger. A primeira impressão foi de que a rajada de morte não deixara ser vivo sobre o convés. Com os corpos estirados, não se sabia ao certo quem se protegera ou quem fora atingido. Seguiu-se um silêncio longo como uma noite de insônia. Nenhum gemido, nenhum pedido de socorro se ouviu. Sinal dúbio que tanto podia significar que todos estavam mortos como que todos estavam vivos. Sentindo-se seguros, olhares desconfiados, os corpos foram-se levantando, como grandes interrogações. Os mais medrosos e lentos eram observados como possíveis vítimas. No final, um corpo somente não se ergueu. Encoberto pela capa, assemelhava-se a um réptil envolvido na própria gosma. Acostumado com cenas do mesmo porte, no quotidiano, Devílio gritou:

- Tudo certo, pessoal! Todo mundo vivo! Quem estiver morto que se manifeste- gracejou.- Agora cada um examine-se se não se foi para uma melhor ou se não tem furos além dos que a mãe natureza nos colocou.

- O homem aqui não se levantou- gritou voz desconhecida do outro lado da embarcação.

- Tem certeza! O cara não está dormindo ou de porre? Cutuca o bicho!- falou Devílio.

- Pelo que se vê não se mexe e nem respira!

- Veja lá, Doro, se o homem não bebeu demais, que a passagem por essa banda não está fácil- dirigiu-se ao companheiro.

Ligeiro, Devílio não terminara a fala e Eudoro já se abaixava junto da capa grossa amongunhada no chão.

- Venha cá, Vil, que o mocó é conhecido. Parece que já se foi para a outra.

Passando de quatro pés por debaixo das conduções, Devílio surgiu de cócoras junto da capa. A cartucheira caída ao lado afastou-lhe os temores. Pois mesmo dormindo, não a largaria; o tipo era por demais conhecido.

- Salvador!- gritou- levante-se rapaz!

Debalde, chamou mais uma vez. Cuidadosamente, foi puxando a capa e descobrindo a figura enigmática. Antes de aparecer o corpo, reluziram na cintura dois trinta e oito e um cabo de arma branca que puxada da bainha revelou um punhal de palmo e meio de lâmina. O sangue que jorrava de vários furos pelo corpo não foi suficiente para impressionar nenhum dos circunstantes.

- Tinha quase certeza de que era ele- falou Devílio- pois percebi que a balsa se elevou quase meio metro tão logo estouraram as pipocas, tal o peso dos pecados deste infeliz que tanta desgraça vinha causando. Agora tenho certeza no inferno.- E complementou:- porque se um diabo deste não for para lá, tenho esperanças de ser deus, um dia.- Bom, pessoal!- voltou-se para os presentes- ninguém viu nada, só ouviu. Os assassinos correram e sumiram pelas margens. Vamos continuar nosso trabalho e avisar o delegado que tem mais um saco de estrume aqui para a sua horta. Que ele venha buscar, se não quiser que os peixes o comam.

DOENÇA DE AMOR

Enquanto aguardava o regresso do marido, Rosa não descansou. Além dos afazeres domésticos, da horta e dos cuidados com a pequena Márcia, visitava as amigas e entusiasmava-se com a idéia de partirem para uma região onde pudessem possuir um pedaço de terra para cada um cuidar do que fosse seu. Ela esquecia a vida, sobretudo, nos momentos de maior ternura, quando banhava a pequena Márcia e a aleitava. Diante daquele pedacinho de gente, relembrava seus tempos de criança, de menina-moça e de noiva: ter, um dia, muitos filhos, ao lado de um marido trabalhador, terno e corajoso; possuir uma propriedade onde pudesse ver esses filhos crescerem alegres e felizes. Sabia que sem luta não conseguiria atingir seus objetivos, mas o começo era promissor. Sabia que, em breve, viria outro e outros e quantos mais... Sabia também que a felicidade dos pais estava numa prole sadia. Estava ciente dos trabalhos que lhe traria, mas não importava, estava disposta. Nunca titubeara diante do trabalho. Enquanto isto, Firmino buscava o lugar onde realizar o segundo grande sonho. Se demorava era porque as coisas estavam indo nos conformes. Agora, roça os dedos nos cabelos de Márcia, acarinha seu rostinho, retira penugens invisíveis de suas roupinhas, abotoa uma blusinha já abotoada, ajeita uma manta já ajeitada, sonha com rapazes e moças, enchendo de felicidade a casa, cercada de um pomar grande com abundante variedade de frutas, seguido de cafezais, pastagens, gados, horta bonita e muita mata ainda a ser derrubada: um futuro seguro, garantia

de prosperidade. Um sorriso espontâneo brota-lhe dos lábios. No colo, Márcia dormia. Rosa, sem o perceber, entoava ainda uma cantiga de ninar que continuou, após depositar, placidamente, a filhinha no cesto. Um leve embalo e afastou-se, sem barulho, trauteando piano a última estrofe da nênia.

Entrou novamente na realidade e cheia de disposição foi para a horta preparar canteiros de beterraba e alface. Esquecia-se, por vezes, do trabalho que executava tal o embevecimento nas realizações futuras, sequer pensava no não aproveitamento da horta que replantava, pois poderiam partir dentro de dias. Mas não importava. Cultivava a terra com amor, assim como cuidava da filhinha e fazia suas preces matinais e ao adormecer. Ela cantava, destorroava, afofava e sonhava com uma horta hipotética, toda sua, com canteiros de cenouras, rabanetes, couves, almeirão, cheiros. Ouvia os porcos roncarem, as galinhas cacarejarem e chamarem pelos pintainhos, o berro da vaca morena. No futuro de Rosa não tinham lugar os desgastes do desânimo, somente os arrufos das vitórias.- Vez por outra, um pressentimento dizia, bem lá no fundo, que Firmino estava para chegar.- Tinha certeza que seus sonhos, um dia, se transformariam em realidade. Contava como certo que, dentro de pouco tempo, partiriam. E pensou na horta, nos canteiros que preparava; e viu-os longe, sumirem como num túnel do tempo. Sem dar por fé no que fazia, agora o cocho estava cheio e derramava, era a quinta lata que ela trazia e ele comportava só duas.- Burra que sou!- Exclamou.- E dirigiu-se ao poço, novamente, pois carecia encher também a tina da cozinha, ver o bebedouro das galinhas e fechar o pinteiro por causa das ratazanas e possíveis raposas, durante a noite.

Alheia a tudo, vivendo num mundo do além, foi desenvolvendo maquinalmente as tarefas que falavam agora uma linguagem diferente daquela dos primeiros tempos de casada, quando ainda não se contagiara com o entusiasmo do marido e ainda não passara a viver num mundo de sonho. Pensou em Márcia, por um instante.- Ainda dormia. E

preocupava. Ia dar trabalho, durante a noite.- As galinhas vinham se aproximando do terreiro, buscando as árvores para o repouso.- Se nenê dormisse até mais tarde, dificilmente, pegaria no sono depois! Seria mais uma noite sem dormir!

Preparava-se para fazer a janta, quando comadre Betina chegou, trazendo uma xícara para um pouco de sal.

- Coisa à-toa, até dá vergonha, mas João viajou, não deixou dinheiro e fiquei sem.

- Que nada, comadre. Para essas coisas não tem acanho. Hoje é você que precisa amanhã sou eu, que ninguém não deixa de esquecer. Foi até bom você vir. Não está com pressa, né?- Teu homem não vem para a janta, não precisa pressa. A não ser que...- sorriu maliciosa.

- Que o que, comadre?

- Brincadeira, brincadeira, só para pé de prosa, Betina, - emendou Rosa.- Mas, como ia dizendo, foi bom você ter vindo. Assim, com umas nergas de prosa sempre se pode distrair. Ficar sem o homem da gente é tão ruim. Parece que os dias não acabam mais e as noites então nunca têm fim. É verdade que eles judiam da gente, mas a gente sente falta. Olha, hoje passei uma tarde tão esquisita! Achei até que estava meia zoró. Fiz a afilhada dormir e fui mexer na horta, mais por distração, porque sei que a qualquer hora a gente vai embora daqui. Depois ataquei os de costume, mas parecia que estava num outro mundo; que nem era eu que fazia as coisas. Acredita que fui encher o cocho dos porcos e baldeei um balde e dois e três e perdi a conta e foi derramando e derramando e só dei por fé porque os bichos estavam gostando demais e pareciam até se rirem para mim. Depois, comecei a ver as coisas longe, longe, a horta, os porcos, as galinhas, até a casa foi sumindo, voando, sumindo.

- É estranho, comadre. Também andei tendo umas idéias destas por esses dias. É claro que não tanto deste jeito. Mas vamos ser francas. Não pensou muito no compadre? -Não tem dormido direito?- Eu também não.- É doença comum, boba. Doença própria de mulher nova. Tenho um pouco mais

de experiência que você. Essas doenças saram logo. É só o compadre Firmino voltar. Isso o povo chama de doença de amor, comadre, doença de amor. Saudade!

PRESTANDO CONTA

Na manhã seguinte, as esquisitices de Rosa e de Betina haviam desaparecido com a chegada de Firmino e João Barbosa. As boas novas trazidas e rapidamente difundidas entusiasmaram amigos e vizinhos. Cresceu o número de interessados em partir. Juca e Raul, sabedores das intenções dos enviados, apareceram para discutir a mudança e reforçar a idéia da partida.

As coisas pareciam caminhar de vento em popa. Quanto maior o número de participantes, melhor. A terra estava pronta para o lançamento da semente. Agora não seriam mais eles a falarem. Cinco companheiros reforçariam suas teses com fatos, falando da terra que viram, pisaram e pegaram, não se tratava mais só de idéias.

Sábado, oito horas da noite, no local de costume estão reunidas perto de trinta pessoas. Mais alguns minutos e são cinqüenta, sessenta que se apertam agora. O espaço ficou pequeno. Prevendo reunião longa, resolveu-se que a fariam no gramado, em frente da tulha. Veio gente de longe: a cavalo, a pé, de charrete, de aranha.

A noite era de lua tardia. Somente às vinte e duas horas ela apareceu, crescente, quase cheia, bonita de dar gosto. Até aquele momento, os assuntos foram debatidos à luz frouxa dos lampiões de querosene. No início, ninguém precisou de apresentações. Um pouco mais, um pouco menos, todos se conheciam. Dentro de meia hora o número cresceu e foi feita uma pausa para que as pessoas se apresentassem. Embora nomes não interessassem muito naquela empreitada.

Interessavam os problemas de cada um que eram também de todos. Para isto estavam reunidos na busca de um caminho que os levasse a outro espaço com horizontes abertos que sorrissem para eles.

Entusiasmado, Raul abriu a reunião com um estrondoso boa-noite.

E falou:

- Tomo a liberdade de em nome dos presentes declarar aberta a reunião que, esperamos, definirá rumos novos de vida a muitos e quiçá a todos os presentes. Rumos de libertação, de progresso, de independência, de justiça. Ao dirigir-me a todos vós, tenho a certeza de que minhas palavras hão de ser compreendidas pelo que valem, como um brado de alerta, de união, de ação, já que os problemas que os afligem, no quotidiano, traduzem os sentimentos mais profundos daqueles que não se conformam com a crescente escravização do homem do campo a quem roubam as terras, o trabalho, a própria vida com a desatenção a que é relegado pelas autoridades. Companheiros, o momento é grave, conseqüentemente, é de decisão. Vamos nos unir. Façamos dos problemas de todos um só problema. E engagemonos para sua solução contra os traidores, ladrões e assassinos que os oprimem. Não preciso repetir que são explorados e subjugados pelos falsos donos das terras que trabalham. Entretanto, agora encontramos uma saída. Devo dizer que só não saímos desta escravidão se não quisermos.- E eu pergunto:- alguém aqui presente quer continuar na situação de explorado em que vive?- Alguém quer continuar a ser explorado? Alguém quer continuar escravo massacrado em sua própria pátria? E muitas vezes por elementos que nem brasileiros são?- Afirmo e reafirmo, neste momento, que a compra de nossa liberdade tem por moeda, primeiramente, a união. Unidos seremos capazes de vencer. Vencer qualquer obstáculo. Sejam quais forem as armas de que nos serviremos. Repito, e não precisava fazê-lo, que o momento é grave. Portanto, é de ação. Ouçamos, discutamos e debatamos com

seriedade, a partir de agora. Que cada um apresente suas sugestões, sem medo, sem preconceitos. O problema de cada um é o problema de todos. Minha gente, há muito tempo que estamos nos reunindo. E não é em vão que assim agimos. Companheiros nossos viajaram para tomar pé "in loco" da situação do terreno da luta maior, para assim podermos constatar da possibilidade da tomada de uma posição concreta. E aqui estão eles para falar do que viram, do que ouviram, do que apalpamos, do que provamos. Pois todos sabem que não vamos ficar sempre a discutir o que seria melhor para nós. Temos que viver este melhor. Buscar este melhor com as forças de nossos braços e com o suor de nosso rosto. Os acontecimentos se precipitam e é evidente que se aproximam dias decisivos a exigirem de nós mais ação e vigilância- falou em tom profético para entendimento de ninguém.- E prosseguiu:- A indiferença e a passividade, o conformismo e o silêncio constituem por si um crime contra o grupo. Reconheço agora que falei demais, desculpem. Achei, entretanto, que era necessário.

Neste instante, entrou Juca:

- Convido os companheiros José Firmino, João Barbosa, Vitalino de Souza, André Monteiro e Gracindo Franco. Todos os presentes sabem, são estes os companheiros que visitaram as terras que serão vossas dentro de poucos dias e nas quais todos terão a oportunidade de realizar sonhos acalentados desde que nasceram, como terem a sua propriedade, serem donos daquilo que fazem, de suas colheitas, de seus animais, de suas construções. Eles trazem mensagens que não deixam pairar dúvidas sobre o sucesso da empreitada. Com estas providências tomadas, vocês saberão que não irão dar um salto no escuro ao saírem com suas famílias daqui e suas mudanças. Os próprios companheiros de vocês, em quem vocês confiam e que conhecem desde longos anos, com suas palavras e suas experiências vistas e testadas na viagem que fizeram, servirão de testemunhos, de provas que o passo que darão será dado com a firmeza que o empreendimento

requer. Não partirão, pois, para uma aventura. E não é isto que queremos e que vocês querem, que ninguém aqui é imprudente ou louco. Buscamos o melhor. Caso contrário, vamos todos embora para casa e continuaremos mofando nesta terra que ora pisamos, pois estamos perdendo tempo e sono.

- Durante hora e meia, o grupo falou do que vira: a posse da terra, a fertilidade do solo, as dificuldades, as dúvidas existentes, os latifúndios, o banditismo, a região sem lei e as esperanças e previsões dos que lá se achavam instalados. O discurso foi encerrado por Firmino num balanço capaz de motivar até os mais frouxos. Não faltaram os questionamentos respondidos sempre dentro de uma tônica positiva. Ao citar a força dada pelo Dr. Sebastião, Juca aproveitou a oportunidade para informar que em todas as localidades da região havia elementos de apoio como o Dr. Sebastião, quais anjos custódios sempre prontos para proteger e orientar as pessoas nas dificuldades e tropeços do dia-a-dia.

A lua passava dos quarenta e cinco graus no horizonte, quando a turba se dispersou com a cabeça latejando por um futuro de realizações bem próximo. Antes, porém, marcou-se mais uma reunião de definições para o dia seguinte quando, após consulta aos familiares, voltariam com idéias mais arejadas e com posição tomada. Na oportunidade seriam discutidas as estratégias das mudanças. Com um mapa nas mãos poderiam também escolher a localidade preferida, após as explicações dos prós e dos contras de cada lugar.

No outro dia, em reunião definitiva e derradeira, dezenove famílias decidiram pela mudança imediata, outras tantas ficaram ainda no vamos ver e resolver depois. Juca e Raul não compareceram. Consideravam cumprida sua missão. Agora partiriam para outras bandas. No passo seguinte, outros camaradas esperavam os imigrantes.

Foram três anos de poda e quebra de arestas para os dois camaradas. O campo agora passava a ser outro. No

presente, fazia-se necessária sua presença no fronte, não mais na retaguarda. Lá, os problemas se acumulavam com famílias e famílias que chegavam, buscando os mesmos objetivos. Ademais, conforme orientação, os camaradas não deveriam se envolver muito com as famílias. Nos insucessos, o comprometimento era perigoso. Fazia parte da estratégia a troca freqüente nas lideranças, principalmente quando o campo se encontrava minado.

A MUDANÇA

Madrugada avançada, fresca, de verão. Desde o anoitecer que dez caminhões roncavam pelos carreadores da redondeza. Nas casas, as famílias se preparavam para se deslocar até a terra que lhes oferecia o que sempre desejaram: a propriedade para plantarem o que seria só delas. As atenções se redobravam. Nada podia ficar esquecido. Aos poucos, os trecos foram sendo depositados nas carrocerias: roupas, panelas, bancos, prateleiras, ferramentas, sacarias com grãos, mudas de legumes, hortaliças, flores. Cada coisa em seu devido lugar.

Amanhecia, quando fizeram a vistoria geral para nada ficar esquecido, quando mais tranqueiras foram parar dentro dos caminhões, objetos conservados mais por tradição que por necessidade. Desde alguns dias que a preocupação e a responsabilidade reuniam os objetos a serem transportados. Estavam a vinte e quatro horas trabalhando, sem descanso, naquele amanhecer. O sono aumentava o desgaste. E não tinham como dormir. Agora era ir em frente, ir embora.

Na casa de seu Firmino, ao passar a tranca na porta, Rosa lembrou-se ainda de uma visitinha à horta de onde colheu mudas de couve, salsinha, cebolinha, manjericão, alecrim, arruda, hortelã, chuchu e latas diversas com mudas que só ela mesma saberia dizer o que era e para que servia. Cada um teve o seu lugar no quase nenhum espaço que sobrava no caminhão. Mas sempre existia canto de gaveta, um armário, um fundo de mesa emborcada.

Pela terceira vez, naquela noite, as pessoas se

assustaram com o bater barulhento de asas dos galos engaiolados seguido do canto estridente, num derradeiro adeus aos companheiros de vigias e serenatas.

Para os retirantes, nada melhor que os óculos escuros da madrugada para esconder, na despedida, a dureza da separação, embora sem saudades e sem lágrimas.

Tudo pronto. Rápidas as manivelas giraram as partidas dos velhos motores que se recusavam a funcionar, numa previsão sinistra do que os aguardava pela frente. Finalmente, aquecidos e engatados, puseram-se em movimento ao som de buzinas e gritos de adeuses para sempre.

No fundo, a retirada nada significava pela terra que deixavam. Toda luta ali travada até o presente fora inútil.

Agora, a caminho, a cada curva vencida, novos horizontes se abriam, novas esperanças enchiam as almas daqueles camponeses na busca de uma vida nova.

De início, tudo prendia as atenções. O despontar do dia nos vales e montes; o iriado deslumbrante da aurora; a estrela d'alva solitária no firmamento, empalidecendo, paulatinamente, até desaparecer num derradeiro desmaio. As cidades e arraiais ainda dormindo, com seus vagabundos do amanhecer: o padeiro, rápido e falado; o leiteiro, curioso em seu carrinho ligeiro, quase fantasma, a percorrer avenidas, becos e vielas; o bêbado, perdido no tempo, postado à porta do boteco, esperando que a abrissem; os mendigos, encolhidos nos cantos dos muros, resmungando desventuras. Era um mundo diferente a distrair os corpos alquebrados.

E o dia clareou. O sol inclemente abateu-se sobre o comboio. O sono e o cansaço tornaram os corpos mais pesados que os ideais que os sustentavam. As longas retas pareciam não ter mais fim no sobe-e-desce dos outeiros e vales. As posições, cômodas no princípio, tornaram-se insuportáveis ante a falta de opções, no espaço apertado que cabia a cada um. O rodar lento das conduções abalava as esperanças de uma chegada rápida. Momentos de cochilo eram goles de água fresca nas tardes suarentas de colheita

de feijão. Rosa, Betina, João Barbosa e Firmino comentavam das esperanças. A mudança tinha tudo para dar certo. A terra era boa. Estava lá para quem quisesse ver. Os temores que costumavam apoderar-se das pessoas em momentos desses não tinham motivo. O que faziam não era uma aventura, o lançamento num poço escuro. E tinham que levar em consideração que não ficariam em situação pior que a que enfrentaram até então. Finalmente, parecia que a sorte sorria para eles.

Pelas dez horas, a fome passou a rondar fundo os estômagos. As crianças choravam, os irracionais reagiram cada um a seu modo, até as máquinas pareciam ansiar por um fresco em suas fatigadas e quentes ferragens. Foi quando os racionais resolveram pôr termo ao incômodo. Sob frondosas santas-bárbaras, com olho d'água no barranco, aconteceu a parada do almoço. Os caminhões foram encostando um a um com o turbilhão de poeira que os acompanhava.

- Parada rápida que temos muito chão pela frente!- alertou uma voz perdida.

As mulheres aproveitaram para trocar as crianças. Uma a uma as pessoas foram-se embrenhando pelo capim alto dos arredores, atendendo aos reclamos da natureza. As crianças se abaixavam por ali mesmo.

Serviram primeiro os bichos de água e comida. Torresmo, lingüiça, polenta, farofa de ovo, pão e goiabada caseiros motivaram, uma vez mais, os organismos que insistiam em manter viva a chama do entusiasmo pelo eldorado perseguido.

O que comer desceu rápido para mais uma vez recomeçarem o torturante ritual no sacolejar das carrocerias, no vaievém dos engates secos, na trepidação dos motores possantes e na poeira fina e irritadiça.

Não percorreram cinco quilômetros e a ponta aguçada de um cascalho murchou o pneu traseiro de um dos caminhões. Durante mais de uma hora, os homens se revezaram, levantando macaco, destarrachando porcas,

desmontando roda, lixando, colando, enchendo câmara de ar e remontando tudo, novamente.

Por estas alturas da viagem, um cheiro diferente na atmosfera prenunciava novas terras. A balsa da travessia no grande rio da divisa não devia estar longe. Ares de ansiedade estampavam-se nos rostos engelhados pela dura faina do dia-a-dia. Cada vez que venciam uma encosta, os olhares alongavam-se horizonte afora, buscando divisar por primeiro, como o raiar duma nova aurora, o solo que os aguardava com a esperança de dias melhores. Mais um declive, à direita, e, inesperadamente, aproximam-se da divisa, escondida lá embaixo pelas altas barrancas e as matas ciliares do rio grande.

A sombra não ia além de meio corpo quando chegaram à barranca. Em pouco tempo, nuvens povoam o céu num prenúncio de chuva para os viajantes que tinham, ainda pela frente, mais de oito léguas de caminho pela mata afora, mais picada que propriamente estrada. Com lentidão uns, rápidos outros, este estirando os membros adormecidos pela posição incômoda, aquele atento na imagem piscosa das águas, resmungando todos, foram descendo das carrocerias a mando do balseiro ante o perigo da travessia.

Enquanto se preparavam para entrar na balsa, um vento frio passou a soprar rio acima, arrepiando os adultos e fazendo chorar as crianças. O chap-chap das ondas aumentou nas margens cariadas pela persistência das águas. Descalças ou de chinelos, as mulheres temiam adentrar a balsa, de assoalho esburacado e beirais combalidos pelo uso e o tempo. A tosca embarcação não ia além de um tablado assentando sobre canoas preso por um cabo de aço de margem a margem. Uma placa enferrujada, dependurada por uma das pontas apenas, advertia os transeuntes: carga máxima dez toneladas. As pessoas comprimiam-se entre as conduções. Foram duas horas de angústia, enquanto aguardavam as lentas idas e vindas da embarcação, empurrada por dois homens, que se apoiavam em varões e

cordas para fazer a engenhoca deslizar sobre as águas barrentas. Mal haviam terminado a travessia do último veículo e um pé- d'água malhou inclemente, molhando a terra, as pessoas, as mudanças e os ânimos ainda esperançosos de chegar ao destino antes de entardecer.

Agora, debaixo dos encerados que protegiam as mudanças, gente e animais dividiam o exíguo espaço. O cheiro forte dos bichos e seus estrumes molhados dificultavam a respiração. A chuva engrossou, não permitindo alternativa nas posições. O ar se tornou pesado e os estômagos mais fracos não resistiram. O desconforto crescia ainda mais com o temor dos perigos que rondavam o comboio à medida que o chão cedia, diante das rodas sem apoio, na lama vermelho-escura.

O ciciar dos insetos, os vôos ligeiros das pombas trocazes e os bandos barulhentos dos melros e guaxes nas copas úmidas das árvores anunciavam o fim do dia. Impossibilitados de se frearem os pesados veículos, no chão derrapante, os baques se tornavam mais secos e doídos. Se nas subidas havia a incerteza de se atingir o topo, nas descidas, crescia o temor pela insegurança das faixas molhadas dos freios. Enquanto isto, debaixo das lonas, a solidariedade fazia crescer a coragem e fortificava os ânimos.

O céu carregado apressou a noite dentro da mata. Os veículos rodavam lentos, quase parando. Cada tope a vencer, por menos íngreme que fosse, constituía uma epopéia, até que todos atravessassem. Bastava que um atolasse para que os outros corressem em socorro. Não rodaram mais que cinco quilômetros e tiveram que parar. O caminhão que ia à frente atolou mais uma vez. Os homens agora uniam esforços para empurrá-lo fora do atoleiro.

Com pouca esperança para aquele dia, enquanto buscavam o melhor meio de o desencalhar, Firmino caminhou adiante. Dobrou a primeira curva, atravessou um aterro e deteve-se diante do chão enchar em cem metros de lama, num brejo bravo. Mediu o atoleiro, as viabilidades de

atravessar e concluiu pela impossibilidade de cruzá-lo ainda com claridade. Voltou a comunicar aos companheiros do que vira. Encontrou-os retirando o barro da frente das rodas afundadas enquanto preenchiam o vazio com folhagens e paus. Discutiram, enquanto um grupo foi certificar-se das afirmações de Firmino.

Assentaram, finalmente, que não tinham condições de ir adiante. Restava-lhes se prepararem para pernoitar por ali mesmo. Enquanto contavam com luz, levantaram os encerados sobre as carrocerias, dispondo-os em forma de barracas. Ajeitaram colchões e cobertas para descansar.

O tempo estiou, durante a noite. Duas horas e o clarão da lua cheia rasgava as copas molhadas das árvores. Na manhã seguinte, prosseguiram viagem, com dificuldade por causa da lama no caminho e, somente pela tarde, alcançaram o vilarejo de Centenário. Muito chão separava-os ainda do destino.

LUA- DE- MEL

A chegada a Vila Progresso deu-se com noite fechada, em meio a um chuva que derretia o negrume da escuridão e o fazia escorrer pela enxurrada grossa, mais sentida que vista propriamente.

Foi só dar um estadiinha e o pessoal se arranhou ali mesmo nas carrocerias dos caminhões para passar a noite, junto aos animais e aos pertences, como na noite anterior.

Na manhã seguinte, antes do sol nascer, a chuva havia parado e os homens se movimentaram em busca de definições. Durante toda a tarde, pouco a pouco, as famílias foram-se dispersando pelos povoados espalhados na região: Lugar Tenente, Guaiivira, Água do Centenário, sem mencionar os mais temerosos e prudentes que preferiram assentamento nas proximidades do centro maior, arredores de Porecatu. Dentre os últimos, contavam-se as famílias de José Firmino, João Barbosa e de Vitalino de Souza.

O assentamento ocorreu sem transtornos, preocupados todos que estavam com se realizarem, orientados pelos grupos de apoio, com a disposição e a vontade de vencerem de que vieram imbuídos. Em pouco tempo, ergueram os ranchos, roçaram, derrubaram, queimaram e plantaram.

Do húmus virgem apontavam agora as plantações de milho, de feijão, de arroz, hortaliças, que, sorridentes, enchiam de esperança e entusiasmo aquelas pessoas preocupadas antes de mais nada com terem um lugar ao sol onde pudessem viver em paz. O futuro sorria para elas no viço das plantações que cresciam.

As propriedades se valorizaram com a abertura das matas e com as benfeitorias: residências, mangueirões, galinheiros, tulhas e terreiros para grãos. As colheitas, sempre abundantes, atraíam as pessoas à região. Cada dia mais gente chegava com o objetivo pacífico de trabalhar e viver independente, deixar de ser empregado e escravos de donos de terras. Gente que não preocupava. Entretanto, a ganância e a ambição diante da fecundidade da terra passou a despertar grupos poderosos, em parte ligados a autoridades nos três poderes, lá onde não costumam residir as virtudes que dignificam e enobrecem, quanto mais em se falando de Brasil. Era comum encontrar-se na região agrimensores, medindo terras em nome de seu doutor fulano de tal. Em sua ingenuidade, as pessoas acreditavam nas promessas falazes de titulação definitiva das terras por parte das autoridades que fizeram divulgar em vários Estados da Federação anúncios em que convocavam a quem quisesse trabalhar que as terras eram de graça.

Aos poucos, os posseiros foram percebendo o engodo em que caíram. Cercas erguiam-se da noite para o dia, cortando suas terras. Grandes placas chantavam-se aqui e ali com nomes de fazenda tal, propriedade de fulano de tal. Eram sempre nomes desconhecidos na região. Assim é que surgiram fazendas e fazendas, ensacando em suas divisas dezenas de posses em franca produção, deixando os posseiros sem saber o que fazer, uma vez que não possuíam as escrituras definitivas das terras que ocupavam. Dispunham como único documento um título sem registro em cartório e assinado por um representante oficial ilustramente desconhecido das autoridades presentes.

Assim, ao cansaço do dia-a-dia de trabalho, aos dissabores do cotidiano que a vida reserva a cada um, juntam-se as incertezas num porvir próximo quanto à propriedade da terra. Muitas dessas pessoas passaram a ver o sonho acalentado de ser proprietários sumir-se no horizonte em borrasca mais próxima do que se podia imaginar. Nas

reuniões que mantinham para discutir o assunto, uma única certeza: lutariam até à morte na defesa de suas terras. A cada dia passado, o perigo tornava-se mais premente. O círculo de ferro se fechava. As reuniões ficavam mais carregadas. Os pronunciamentos eram mais incisivos. Não tinham realmente como fugir a uma realidade escancarada, quando cercas isolavam os caminhos, pontes desapareciam em misteriosas enchentes, árvores enormes apareciam tombadas, cortando as passagens dentro das matas e incêndios inexplicáveis surgiam nas pastagens, misteriosamente. Os ânimos se acirravam e os nervos passaram à flor da pele. Qualquer transeunte era dado por inimigo. Nem mesmo os turcos mascates inspiravam tranqüilidade.- Quem podia afirmar que não eram espiões?- Interrogação que ficava sem resposta toda vez que apareciam com suas malas e bugigangas.

Aqui e ali chegavam notícias de gado solto nas roças. A guerra de nervos estava declarada. As reuniões se amiudavam em locais sempre diferentes. Hipóteses eram levantadas e planos traçados diante dos possíveis avanços dos inimigos. Enquanto isto, mais pessoas desconhecidas percorriam a região com aparelhagens esquisitas, dizendo-se a serviço do governo, medindo, mapeando, anotando.

As colheitas naquele ano prometiam como nunca. O café avermelhava os grãos bem granados. Colhia-se o milho com renda recorde. Os preços animavam.

Quanto mais bela a rosa, mais ferem seus espinhos. Nas reuniões, agora realizadas nas matas fechadas para não despertar suspeitas, as conclusões não deixavam margem de dúvidas: a qualquer momento se daria o confronto. E para tanto precisavam se preparar, não fossem pegos de calças curtas. Passou-se a falar menos e a agir mais. O tempo exigia definições. As pessoas válidas e capazes foram recenseadas. Mapas aparecem, não se sabe de onde, e são abertos, durante as reuniões, mostrando a extensão do mal, espalhado num raio de mais ou menos vinte e cinco léguas. Armazenam-se

provisões em lugares estratégicos. Armas chegam a cada dia por caminhos ignorados. Amiudam-se as reuniões. Represálias pipocam aqui e ali. Pistoleiros e jagunços aterrorizam com suas ameaças. Nunca se falou tanto em paz!

POBRE CHICO NEGO

A notícia correu célere. Não houve quem não se comovesse, embora o desfecho fosse esperado. Havia algum tempo que seu Francisco Gonçalves andava gira da cabeça. O filho e a mulher tentaram de tudo para ver se curavam o velho. Recorreram até à macumba.- Coisa de encosto! Coisa feia!- Pai de Santo prometeu curar Chico Nego, como o chamavam.- Três galinhas e bode preto em encruzilhada de sete ruas, durante nove sextas-feiras. Coisa brava. Ia dar trabalho! Ia!- E o velho não melhorava. Por sugestão de pessoas devotas, recorreram ao padre.- Aquilo só podia ser possessão do capiroto. Coisas que acontecem. Através delas, Deus manifesta sua glória. Os livros santos estão cheios de casos parecidos.- O vigário não prometeu muito.- Que a vontade de Deus fosse feita.- Ele chegou de baratinha azul-marinho. Encostou a condução no terreiro, debaixo da paineira florida. Entrou na sala, conversou, sondou, rezou, buscou cativar o doente com palavras edificantes. E constatou tratar-se antes de fraqueza das idéias. Como bálsamo para a família fez uma longa oração. E, tirando as dúvidas, leu também no breviário o exorcismo resumido. Jogou água benta, fez o sinal da cruz por três vezes e despediu-se, desejando a paz de Deus e saúde para o doente, não sem antes recomendar que fosse levado a um médico. Missão quase impossível para a situação econômica da família. O médico mais próximo morava a cem quilômetros.

Efeito nenhum. Nego continuou a roncar como porco, a berrar como cabrito e a ter visões de bode com velas nos

chifres, caminhando ao redor da casa, enfiando a cara nas janelas e portas e ameaçando de marradas quem se aproximasse. Impressionadas, as pessoas de casa e vizinhos diziam ouvir vozes esquisitas, barulhos estranhos e sentirem presenças no ambiente, convencendo-se mais e mais da encarnação do demônio no pobre velho Nego. Augusta já não fazia mais nada a não ser cuidar do velho. Um descuido e Nego sumia-se pela capoeira, falando coisas estranhas. Com o rosto transfigurado, lançava berros horríveis diante do inferno que dizia ver e que, tragante, se escancarava em abismo borbulhante de fervura a seus pés. Comentava-se de cheiros nauseabundos de enxofre nunca sentidos, incutindo-se cada vez mais a idéia da possessão diabólica. Nego só se recobrava de seus acessos depois de engolir à força uma canecada de chá de alecrim sem açúcar, forte, misturado com palmas bentas no Domingo de Ramos, receita de comadres e que dona Augusta tinha sempre preparado sobre o trempe do fogão. Todo e qualquer objeto que representasse perigo foi afastado de casa ou escondido. Os amigos que tentavam levar um conforto, numa visita aos domingos, ou num encontro fortuito com Pedro, o filho, sempre recebiam a resposta vazia:

- Ah! O papai, coitado, vai como dantes, na regra do costume.

Ultimamente, Augusta e Pedro não tinham mais sossego. Era atenção seguida. Revezavam-se noite sim, noite não na vigia de Nego que só falava bobagens de se matar.

- Pobre Chico Nego!- lastimavam os amigos- pessoa tão bondosa, como pôde acontecer isto com ele!

Suas visões de inferno e bode, seus roncos e urros levavam a comentários sempre em voz baixa para não atrair a ira do tinho.

Naquele ano, as poucas roças plantadas de Chico Nego morriam no mato. Conversa aqui, conversa ali, os vizinhos prepararam um mutirão para dar um auxílio. Limpar as roças, o caminho, a mina, dar um acerto na casa, no chiqueiro, no

galinheiro. Contra os costumes, desta vez não haveria a farta comeria que marcava tais rasgos. Que cada um providenciasse a sua marmita. Nada também das algazarras que acompanhavam o costume. O mutirão seria um ato de caridade, quase uma oração, praticado com o espírito que deve acompanhar uma ação evangélica. Tinham fé que com esta atitude cristã Deus podia ter piedade de Nego e afastar o diabo encarnado em seu pobre corpo.- Afinal, o Senhor é o todo poderoso!- comentavam as mulheres com respeito.- Para Deus nada é impossível. Todos sabem que o bode obedece a seus mandos.

No sábado escolhido, até às duas da tarde, tudo foi ajeitado. Até a capoeira para lenha perto de casa foi roçada. Augusta e Pedro sentiram-se agradecidos e mais aliviados. Mas a vida não parara. De vez em quando, um descuido significava hora de angústia em busca de Nego que se escondia na mata, a trezentos metros do terreiro.

E num entardecer de sábado, com Nego estirado no piso em terra da cozinha, verdadeiro reptil, roncando e espumando, após forçarem-lhe uma caneca de chá de alecrim, Augusta foi regar a horta e dar um milho aos capados, enquanto Pedro dirigiu-se à venda para o querosene que havia acabado, o açúcar e o fumo. Passaram-se menos de cinco minutos e Augusta, ao regressar, não encontrou mais o marido. Sumira sem explicações.- Pelo terreiro não passara, jurava Augusta.- A porta da sala estava chaveada. Da porta da cozinha até a capoeira espaçavam uns cinqüenta metros. Tinha convicção que por ali não cruzara. Só podia ser coisa do outro mundo. Fora levado invisível.- Rápida, Augusta buscou ao redor da casa, chamou, gritou, sondou os trezentos metros da capoeira batida no mutirão. E não encontrou Chico Nego.

Escurecia. Pedro não ia tardar. Ainda se enxergava em vultos quando ambos se dirigiram à borda da mata em busca do velho Nego. Seguiam-se cem alqueires de mata virgem a subir e descer espigões sem grandes aguadas e precipícios

que representassem perigo maior. Chamaram por Chico Nego. Gritaram. Imploraram. Rezaram. E as respostas voltavam ocas no cicar dos insetos e no piar das aves noturnas. O tempo firme cooperava. De lamparina nas mãos não conseguiam enxergar grandes distâncias. E a solução foi deixar as buscas para o dia seguinte. Poderia até acontecer que ele regressasse, durante a noite. Devia estar ali por perto. Estava enfraquecido. Não tinha forças para ir longe. Dormiria em qualquer cama de folha. Não era a primeira vez que se embrenhava pela mata e nunca fora além dos cinqüenta metros da boca da mata. Desta vez não seria diferente. Ainda mais que tomara o chá bento de alecrim.

Na manhã seguinte, Augusta e Pedro esquadriharam toda a borda da mata. Viam-no deitado ou encostado atrás de cada moita ou em cada tronco, na esperança de encontrá-lo. Olhos arregalados, sem reflexo, rosto chupado, descabelado, pálido, ultimamente vinha-se alimentando mais de terra que de comida, com as roupas emporcalhadas, movimentos calculados. À medida que o dia foi-se adiantando, as dúvidas e as incertezas cresciam e a esperança minguava.

A notícia espalhou-se pela vizinhança. À tarde e no dia seguinte, buscaram auxílio nos amigos. No quarto dia de busca, quase uma certeza dominava a ansiedade estampada nos rostos, gestos e expressões: Não estava na mata. E se estivesse, não estaria com vida.- Era certeza que havia-se debandado para outras localidades. Correram boatos de pessoas que viram uma bola de fogo subindo ao céu pela hora de seu desaparecimento.- O demônio o levava ainda vivo para o inferno!- Pobre Nego! Crença de muitos que poucos arriscavam comentar e quando o faziam era em voz baixa. Nas aparências, todos tinham esperança de encontrá-lo.

E resolveram procurá-lo nas redondezas, nos caminhos que levavam a outras localidades e ao arraial, a vinte quilômetros de distância. Dois mensageiros dirigiram-se para lá à sua procura. Percorreram vendas e botecos, fornecendo as características do desaparecido e se informando se alguém

não o vira passar por ali. No segundo dia, regressaram com o travo da desilusão a embargar-lhes o entusiasmo, nada acrescentando de concreto à situação de antes da ida que estimulasse ou iluminasse aquelas esperanças, em final de busca inútil. Os vizinhos, um a um, foram desistindo da procura. E Augusta e Pedro viviam sós sua ansiedade.

Dez dias se passaram. Todas as manhãs, mãe e filho, mais por instinto, dirigiam-se aos arredores na esperança de encontrar algum sinal promissor que preenchesse o vazio da ausência do bom Chico Nego.

O décimo segundo dia chegava ao fim desde o sumiço misterioso, quando um ponto negro na contraluz do céu muito azul chamou a atenção, prenunciando maus agouros. À princípio, uma ave como qualquer outra em busca de comida, no final da tarde. No dia seguinte, os pequenos e quase imperceptíveis pontinhos negros multiplicaram-se e perderam a tranqüilidade que o precursor do dia anterior demonstrava. Agora, deslocavam-se nervosos em vôos baixos. Vez por outra, um desprendia-se veloz do grupo e descia em mergulho, sumindo-se na mataria para em seguida ressurgir das copas e voltar a ajuntar-se ao grupo.

Próximo à borda da mata, trabalhava em seu roçado Barbosa Ribeiro, o mais exímio caçador da zona, que conhecia tão bem a mataria como a palma de sua mão. Ainda no domingo anterior, percorrera os carreiros em busca de caça miúda, pois as grandes de há muito desapareceram da região com medo das pessoas ou porque também a época não era própria de caça grossa. Descansando-se numa perna, o cabo da foice apoiando o sovaco, seu Barbosa perscrutou o infinito e os pontos que se moviam, aparentemente inocentes. Da algibeira, puxou a boneca de palha num gesto maquinal, da cintura saiu a faca e do bolso o naco de fumo de corda da zona da Mata das Gerais.- Fumo dos bons, não precisa dizer, cheirava à distância. Nenhum fumante que se prezava resistia a uma puxada do bitelo. Comprara de um viajante de fumo na venda da Serrinha.- Enquanto as mãos se movimentavam

no apreparo do vício, os olhos e a mente assuntavam os pontinhos no céu. Não sabe por quanto tempo ficou de palha na boca à espera de ver o bicho sair da mataria. Até que era bonito! Quando um subia, o outro descia. Parecia de caso combinado. O ponto de mergulho na mata era sempre o mesmo, fato que intrigou seu Barbosa. Conhecia por demais a mata e sabia que nada de chamar a atenção dos bichos havia por aquelas bandas. Foi quando já com o cigarro na boca, fumegando, que um mau presságio passou por sua imaginação. E resolveu ir até o ponto do mergulho das aves que não ficava longe da divisa a sondar o que acontecia. Caminhou os cem metros que separavam a palhada da orla da mata, buscando orientar-se pelo bando, no alto. E espantou-se ao perceber que as aves haviam desaparecido. Mesmo assim caminhou mata a dentro por cerca de dez tiros para novamente buscar com a vista os bichos no céu ou nas copas. Depois trepou num tronco de peroba lascado por raio para lá de dois metros arriba, ainda chamuscado, e, na clareira aberta pela queda, buscou o horizonte. Daí pôde então divisar na galhada de um pau-de-óleo, seca, porém altaneira sobre a mata, os bichos pousados a se debicarem. Foi por aí dos acontecimentos que deixou para trás as dúvidas. Matutou um pouco, pensou no pior, e resolveu regressar. Encaminhou-se direito à palhada de compadre José Pedro, de terras limites, contou-lhe de suas cismas e convidou-o a acompanhá-lo, que a coisa, passados tantos dias, e já não tinha dúvidas do que fosse, não devia estar lá bonita, a considerar a arruaça dos urubus. Depois das investigações, tomariam as providências que julgassem mais prudentes.

Distavam ainda uns cinqüenta metros do cenário e a pestilência do ar arrepiava. Os estômagos sugeriam regresso, mas era preciso constatar os fatos. A um tiro de estilingue do local, o cenário se abriu. Com as camisas nos narizes, os dois puderam ver os restos de Chico Nego. A três metros, pendurados de uma goiuvira num cipó, estavam pedaços de roupas, vermes, cabelos, carne podre, ossos, baloiçando,

macabramente. Bichos de vareja, peludos, medindo uma e mais polegadas, pingavam, intermitentemente, do cadáver. Pelo cabelo podia-se distinguir sinais do perfil do Chico Nego. De onde fora o rosto sobressaía a caveira arreganhada, e uma fossa movediça de vermes ocupava o que fora a boca. Do ventre para baixo as roupas se desfizeram e um enorme buraco negro se abria onde se situavam a barriga e as vísceras, deixando ver o interior com as costelas e a coluna vertebral à mostra. Restos do couro insistiam em se manter pegados por pontas e fiapos, gingando ao vento. Abandonados ao léu, as mãos e os pés aparentavam um estado de maior conservação. Pareciam antes secos que podres. No chão, a cena não era diferente, nem menos horripilante. Restos de um banquete disputado por milhares de vermes, insetos e os corvos que, na rinha pelos melhores bocados, deixavam-nos pendentes dos arbustos, ao buscar lugar tranqüilo para degluti-los por sobre as árvores.

Sem se falarem, Barbosa e José Pedro afastaram-se rápidos em busca de ar puro com que pudessem realimentar os pulmões. No regresso não conseguiam afastar das mentes a repugnância da cena e passaram a refletir sobre as causas de tamanha desgraça. A meditação brotou de um pormenor alentador e inocente face ao horror do que haviam presenciado. A mais ou menos dez metros do epicentro do cenário, um amontoado de folhas, tendo na cabeceira uma cruz em embira, falam alto dos últimos momentos de Nego, aqueles instantes de lucidez que dizem anteceder ao desenlace fatal. Provavelmente, ali Nego passara a derradeira ou as derradeiras noites de vida. E o sinal da salvação falava, na matéria, da fé e confiança no Supremo, sempre ao nosso lado, quando os espartilhos de nossa sustentação se quebram e sentimo-nos só e nus.

Desde os primeiros momentos, e alguns anos decorreram, quando apenas discutiam, em grupos reduzidos, a sorte, ainda obscura pelo sem-rumo, que Nego marchava firme com os companheiros, falando pouco e nunca vacilando

nas horas da ação. Nas reuniões não lhe interessavam idéias. À medida que as coisas foram-se tornando claras, evoluindo, tendo por ambição única possuir um pedaço de terra para viver e ser livre da exploração do homem, Nego contagiava os companheiros com sua presença e suas ações. Quando se tratou de ir ver as terras, apresentou-se por primeiro e não fez parte do grupo avançado na empreitada por absoluta falta de espaço na condução. Esperou com ansiedade o regresso dos companheiros e, em poucos dias, antes de qualquer outro, tinha sua tralha pronta para a viagem. Pouca coisa, convém que se diga, a bem da verdade. Em casa era ele, o filho, ainda pequeno, e a esposa, Augusta. A mudança não enchia um caminhão. Coube tudo em pouco menos de meia carroceria. Na terra nova, em curto espaço de tempo, abriu sua posse. Seis alqueires. Foi o primeiro a lançar as sementes e a vê-las brotar alvissareiras no meio das coivaras. Sorriso aberto, dente de ouro no lado esquerdo da boca, Nego era feliz. Sempre pronto a dar uma mão, a empurrar, a puxar, a carregar, aliviando o fardo para o companheiro. Nego sentia-se realizado junto ao filho e à esposa.

As reuniões, entretanto, continuavam, e o vento sul passou a soprar mais e mais gelado. E quando era verão, o vento norte descia mais e mais escaldante. O sorriso amplo de Nego foi-se escasseando até não se ver mais o seu rico dente de ouro. Sua ambição única era poder viver em paz na terra que fosse sua, que pudesse cultivá-la e amá-la. Terra que lhe fora prometida, por isso para ali viera. Cumprira sua parte no compromisso. Entendia de honra, de palavra, nada de subterfúgios, de politicagem e coisas que o cansavam mais que o sol canicular na colheita do arroz de várzea. A idade e a debilidade natural de seus nervos foram crescendo. A brutalidade da vida daqueles sertões levaram-no à tragédia. Era homem de paz como todos os seus companheiros. Paz que desfrutava agora à sua maneira, deixando aos viventes, na repugnância da cena vista, a marca do seu protesto.

A PRISÃO

As pazadas e mancheias de terra lançadas sobre o corpo de Chico Nego recalçavam e faziam crescer no interior de cada companheiro a idéia de luta, de vingança. O jagunço que o matara, invisível, em sua emboscada, era tão canalha quanto os conhecidos sanguinários José Celestino ou Mineirinho. O dia-a-dia, durante os vários anos de luta de nervos, levava-o, inconscientemente, à cilada final, num inocente cipó imbé. Era com dificuldades que os punhos tensos se abriam para deixar cair a terra na derradeira despedida a Chico Nego.

E a vida continuou com suas agruras e ironias. As reuniões se seguiam e a cada dia as discussões e hipóteses se tornavam realidade nos mapas, nos esconderijos, nas trilhas secretas, nos relatórios e nos armamentos que chegavam a pé, a cavalo, de carroça, de caminhão, de trem e até mesmo de avião.

Enquanto isto, Rosa, não obstante, via seus sonhos se concretizando um a um. Amamentava agora o quarto filho. Molecão destes que despontam e prometem, quando crescidos, físico avantajado, pilheriado pelos companheiros quando dizem que possui escritura e não registro de nascimento. O ventre já intumescia com o quinto. Márcia freqüentava a escola e ajudava em casa. Rosa sempre arrumava tempo para uma ajudazinha ao marido na roça.

- Ele se animava mais e o amor crescia- comentava com comadre Betina.

Além do que, era a única hora que tinham tempo para

repensarem o futuro e discutirem sobre os problemas que os premiam. De pensamento positivo, não acreditava nas lucubrações a respeito das possíveis conseqüências da situação, como perder tudo e correr risco de vida.

O assunto da reunião da noite anterior foi a ocorrência na gleba vizinha quando Virson de Souza passou maus bocados nas mãos dos jagunços do seu Chatib, turco escamoso, mercenário, que vivia apoquentando os posseiros com seus contratados. Virson ia às compras quando teve o caminho barrado por um por-aqui-é-proibido-atravesar, são ordens do patrão.

Os peões acabavam de fincar a cerca, isolando as propriedades do lado de lá da Água do Couro do Boi. Quem agora precisasse ir ao arraial, teria que atravessar pela mata, beirando a cerca, cruzando a vau o riacho e caminhar mais cinco quilômetros para pegar a estrada do outro lado dos arames do turco, que assim ficou chamada aquela cerca, homem que ninguém na região conhecia. Comentava-se a boca pequena que não passava de um fulanão da capital, ligado a gente graúda do governo. Suposições estas que vieram a confirmar-se, posteriormente. Pois bem, seu Virson que não era caboclo de se matar com a unha, esporeou o cavalo e forçou a passagem, uma vez que a cerca apresentava aberturas. Alguns tiros raspantes e armas apontadas fê-lo desistir da valentia e regressar sob os apupos e as gargalhadas da canalha.

Falou-se também dos aprontos do Mineirinho que andara visitando diversas famílias com ameaças de liquidá-las caso não abandonassem as terras, lá pelo lado do Patrimônio do Centenário. Até a Água dos Papagaios havia dias que era rondada por elementos estranhos, vistos aqui e ali. Até então considerada uma das regiões mais tranqüilas naquele mundo de incertezas. Embora seus moradores não se iludissem. Sabiam que a qualquer momento sobraria para eles.

Por aqueles dias, pairavam, na atmosfera, cheiros estranhos. Esperavam-se para qualquer momento novidades

não muito agradáveis. A orientação era de alerta. Todos por um e um por todos. Mas que não se arriscassem. Posto que invisíveis, todos tinham conhecimento da existência de espiões infiltrados que os alertariam sobre possíveis contratempos.

Naquela manhã, Rosa tratava os animais e Firmino preparava as ferramentas, quando os cachorros latiram, e viram a poeira levantar-se atrás da casa. Tinham visitas. Que não fossem inoportunas. Na baía, a égua relinchou e cheirou o ar, estranhando os fluxos. Os visitantes chegaram gritando, sem apeiar:

- Prepare-se para nos acompanhar, seu Firmino, a autoridade da vila quer falar com você e mandou buscá-lo.

- Quem são vocês?- perguntou Firmino.

- Não pergunte!- respondeu um que parecia mandar-cumprimos ordens. E como conselho, é bom não desobedecer.

Com os paletós abertos, podia-se ver na cintura de cada um a autoridade maior. Neste momento, Rosa aproximou-se e perguntou o que queriam. Firmino pediu a Rosa para não se meter que aquilo era conversa de homem. Ela insiste, mas não obtém resposta.

Enquanto encilha o cavalo, Firmino conjetura com os botões: cedo ou tarde isto aconteceria com ele ou com outro companheiro. Despedindo-se de Rosa, cochicha-lhe aos ouvidos:

- Avise aos companheiros, imediatamente.

E nem era necessária a precaução. Os companheiros viram os homens estranhos encaminhando-se para lá e seguiram-nos à espreita.

Mal os cavaleiros sumiram na primeira curva do caminho e a vizinhança estava sendo informada do acontecido.

O grupo caminhou até à cidade, em silêncio, que era quebrado apenas pelo barulho do trotar das bestas na estrada cascalhada e dirigiu-se direto à delegacia. Ali Firmino esperou até à tarde que a boa vontade do delegado viesse dizer para que o chamara. Estava tranqüilo, nada tinha a temer.

Diante da autoridade teve que responder a perguntas de rotina, a princípio, até que chegaram aos finalmente:

- Senhor Firmino, o senhor tem participado de reuniões secretas por aí afora?

- Sim. Tenho participado de reuniões. Só não entendo por que são secretas, se o senhor mesmo sabe da existência delas. Participo de reuniões desde antes de vir para cá. E eu até questiono: quem não participa de reuniões com as pessoas de suas amizades para tratar de assuntos de seus interesse? Se for proibido participar de reuniões, confesso que não o sabia. E para mim tal proibição não passa de mais uma lei que não pegou. Ademais, o senhor sabe que não sou doutor de leis. Meu diploma é conhecido de todos os que me cercam. Está aqui.

E estendeu as mãos calejadas diante da autoridade.

Inquieto, cenho fechado, sentindo-se humilhado, o delegado foi ríspido:

- Senhor Firmino, parece que o senhor está falando um pouco demais. Lembre-se que está diante de uma autoridade que tem todo poder sobre você.- Agora pergunto ainda:- que outras pessoas participam destas reuniões?

- São muitas!

- Muitas não são nomes de pessoas. Quero nomes de gente. João, Pedro, Chico, Manoel, Antônio, Tiago, José e o raio que o parta- falou impaciente a autoridade.

- Senhor delegado, nunca me preocupei em gravar os nomes das pessoas que participam destas reuniões de que o senhor fala. Aliás, conheço bem poucas delas por nome. E os nomes destas poucas o senhor também conhece como conhece o meu.

- São duas, três, quatro, dez, vinte, quantas pessoas se reúnem com vocês? Fala! Fala mais sobre as reuniões!

- Posso falar, doutor?

- Pois fala! É o que estou pedindo!

- Bom! Se não fossem muitas pessoas não seriam reuniões, senhor doutor!

- Senhor Firmino, nada de gracinhas, quero os nomes das outras pessoas.

- Meus vizinhos todos, aqueles que vieram há oito anos na leva dos paulistas. Quer mais alguma coisa?

- Bom! E que fazem nestas reuniões?

- Muita coisa. Rezamos, lemos a Bíblia...

- Pro inferno, seu Firmino. Isto não interessa. Além do mais, sei que a única coisa que vocês não fazem lá é rezar e ler a Bíblia. Podem ler sim, mas é outra bíblia, não esta a que está se referindo.

Todos os camponeses estavam orientados para estas respostas evasivas e aparentemente inocentes.

- O senhor sabe o que eu quero, seu Firmino, vamos, vai-se abrindo, senão...

- Não precisa apelar, seu doutor. Estamos aqui para conversar como gente educada.

- Então fala, antes que eu perca a paciência!

- Pois vou falar do meu jeito que não sei de outro. Nas reuniões discutimos os preços de nossos produtos. As previsões das novas colheitas. Sistemas modernos de fazer produzir mais a terra e de conservá-la. A garantia dos preços e, sobretudo, de nossas posses, agora como nunca, ameaçadas, e o senhor sabe disto mais que nós e como sabe...

- Dispensio comentários, senhor Firmino, continue...

- Comentamos política, quem vai ganhar as eleições e quais os melhores candidatos para nós, para a lavoura, os menos injustos...

Aqui Firmino fez uma pausa. Pausa estratégica. Tinha ganas de dizer tudo o que pensava a respeito das autoridades venais e corruptas que protegiam os poderosos e perseguiram os pequenos.

- Vamos, desembucha, o que mais?

- Parece que é só isto, senhor doutor.

- Sei que não é só isto, quero mais!

- Então diga o que o doutor quer saber.

- Sei da existência de pessoas estranhas nestas reuniões e que não é só isto que você disse que discutem por lá.

- Bom! A maior parte dos que se reúnem são conhecidos e muitos são até compadres. Se o doutor não conhece, aí eu não tenho o que fazer. Mas estou certo que se o doutor for morar lá na roça e trabalhar com a gente, em pouco tempo fica conhecendo todo mundo, que ninguém lá é bicho e todo mundo se dá muito bem. Basta um dia de participação num mutirão e verá. Quanto ao que a gente discute por lá não é só isto que eu falei mesmo. Tem mais coisa: a gente conta causos, piadas, comenta das autoridades que não olham para as pessoas da roça e só se interessam pelos grandalhões. Fazemos aquelas fofocas maldosas que o senhor sabe que correm nestas situações.

- Senhor Firmino, estamos trilhando para um caminho que não gostaria de pisar. Hoje você vai dormir por aqui. É só.

Sem chances de resposta, Firmino foi levado a uma cela, nos fundos, onde passou o resto da tarde e a noite. Não se abalou, porém.

Nas regiões vizinhas, comentava-se a boca pequena sobre essas pressões dos latifundiários e de outros grandes do poder. A maioria era lá da capital, testas-de-ferro de gente do governo. O esquema de ação, em tais situações, já fora discutido nas reuniões: falar o menos possível e ignorar o máximo, quando argüido pelas autoridades. Mostrar-se humilde e ignorante. Teimosia e petulância não levavam a nada. Todos tinham bem vivo na lembrança o que aconteceu com Raul Giroto, lá da Água do Centenário. Convocado que fora a comparecer diante da autoridade, ele desacatou os esbirros e pô-los a correr com cães e chumbo. Antes do anoitecer, a própria autoridade com mais dez soldados chegou, cuspiendo balas nas paredes da casa, nos animais e em tudo que tinha vida. Esbofeteado, chutado e amarrado, assim chegou ao arraial em cima de um burro, atravessado como bandas de capado. Mofou quinze dias preso, sem água, comendo lavagem dos restos dos outros

presos. Solto, não agüentou caminhar dez metros e desfaleceu. Três meses do acontecido, o homem não conseguia ligar as idéias, não dizia coisa com coisa e era com dificuldades que arrastava as cadeiras para as necessidades da natureza.

Enquanto Firmino curtia as grades, na Água do Papagaio, o pessoal se reunia para o que fazer. Todos confiavam em Firmino. Sabiam que de sua boca não ia sair denúncia alguma.

Na manhã seguinte, o grupo se abalou para o arraial de Porecatu a ver o que acontecera. Mal clareava o dia, cerca de trinta homens, como quem não quer nada, zanzavam pelas cercanias da delegacia. A guarda, reforçada àquela noite, desconfiou e correu à autoridade.

O delegado, ainda de ressaca, festejara até à madrugada em casa do doutor Cerqueira por mais aquela contribuição na solução dos graves problemas de terra na região, não recebeu os subordinados e da cama mesmo resmungou à empregada um diga ao Joca que solte o homem. Executada a ordem, Firmino voltou para casa na garupa de João Barbosa, pois ninguém tinha notícia do alazão que deixara preso à rédea no coqueiro do pátio da cadeia.

Uma semana se passara, quando urubus denunciaram carniça na margem do carreador que levava a Porecatu, para depois do tope da Ponte Torta. As crianças da escola, donas do achado, lá identificaram, sem dificuldades, a carcaça fedida do alazão de Firmino.

TEMPO QUENTE

A pressão sobre os posseiros na região se intensificava. Nos patrimônios e cidades que abrigavam a área conflagrada chegavam a cada dia mais soldados para garantir a ordem e pressionar os lavradores. Estes, por sua vez, continuavam se reunindo, visando a defesa das propriedades a eles prometidas quando ali aportaram. Da capital de onde chegavam as autoridades, vieram também homens de idéias brilhantes a colocarem-se junto dos posseiros na defesa de seus legítimos direitos.

A presença de gente nova nas regiões com discursos inflamantes e decisivos trouxe incentivo e reavivou os ânimos. Em menos de um mês, os argumentos dos recém-chegados afastaram os temores e puseram em pé de guerra os camponeses que agora contavam com um desfecho favorável para a luta.

O ânimo voltou ao trabalho. Um movimento de renovação cresceu no setor rural. As terras foram preparadas para o plantio, casas foram reformadas, cercas consertadas, tulhas estaqueadas e rematajuntadas. O entusiasmo do primeiro momento em que ali chegaram retornou àquelas almas simples que queriam apenas uma terra para viver em paz e criar os filhos.

Duas, três vezes por semana, reuniam-se para entrar em contato com as novidades e saber das reações dos homens que invadiam suas terras, matavam seus filhos, destruíam suas plantações, incendiavam seus paióis e dizimavam as criações. Na ocasião, discutiam como agir, quando atacados e

perseguidos; tinham conhecimento que o país acompanhava seus dramas e suas tragédias, que não estavam sós. Jornais e revistas do Rio e de São Paulo chegavam através dos que para lá se dirigiam ou de lá vinham, dando conta do que acontecia. A prisão de Firmino, com pormenores e exageros, fotos da cadeia, de cavaleiros inidentificáveis, de agrupamentos de soldados, de treinamentos de posseiros impressionava e fazia crescer a confiança. Editoriais comentavam as injustiças cometidas contra eles, pormenorizando seus direitos, dramatizando seus sofrimentos, interpretando seus sentimentos.

Não se passaram muitos meses e aqueles homens pacíficos, com as mãos calejadas nos cabos dos machados e das foices e no puxar das enxadas, com os sentimentos e as consciências enobrecidos pela convivência mimética com a sabedoria da natureza, sofreram uma mudança radical em relação a seus direitos. Diante da idéia de que a terra por direito, justiça e delegação do próprio Criador pertence a quem nela trabalha, aquelas pessoas ficaram cegas e prontas para enfrentar com todos os meios quem quer que tentasse apoderar-se de suas propriedades.

Rosa, que perdera um pouco de seu entusiasmo, rejuvenescera alguns anos com o pensamento de que aquelas terras lhe pertenciam e de que ninguém lhas poderia tirar. Os pesadelos que a perseguiam e faziam perder o sono transformaram-se em sonhos adolescentes.

Mas não se podia esperar mais. Era uma temeridade. Notícias de mais prisões chegavam a cada reunião. Aproximava-se a hora de trocar as ferramentas. Em seus discursos convincentes, os emissários das cidades grandes não tiveram dificuldades em se fazerem entender. Todos dispunham de armas para caça. Fazia-se mister um levantamento. Armas de pouco alcance, era verdade, mas serviam. As pessoas foram divididas por águas e bairros com encarregados de interligação entre eles. Mortes ocorridas aqui e ali amedrontavam a alguns que preferiram pôr-se a

salvo com as famílias, perdendo o que tinham. Entretanto, a maior parte optou pela resistência e defesa de seus direitos, diante dos discursos veementes dos líderes.

Não foi difícil encontrar entre os mais inflamados aqueles que comandariam os grupos na hora dos pegos. Era importante a união de todos. Qualquer estranho na região tinha que dar satisfações do que andava fazendo. Até os mascates seriam afastados da zona de conflito. Não mereciam a confiança. Cada um, onde quer que estivesse, agiria como uma sentinela avançada. À enxada ou à foice na roça se acrescentaria a carabina, e ao facão e farnel acompanharia o embornal de munições. A qualquer sinal de suspeita todos se reuniriam, imediatamente.

A cem quilômetros daquele cenário, inocentes-úteis, enviados especiais e simples simpatizantes, juntos no que seria o Q.G. da guerra, levantavam fundos de ajuda aos resistentes. Enquanto isto, as autoridades continuavam a convocar os posseiros a deporem e a assinarem acordos sempre em prejuízo deles próprios, beneficiando ilustres nomes de autoridades, doutores, comandantes e comendadores, nas palavras do delegado, legítimos donos das terras. Nestas ocasiões, os cassetetes e canos de revólveres apontavam as canetas para as assinaturas.

Na última reunião, o grupo da Água do Papagaio, isolado pela cerca no caminho, resolveu botá-la abaixo de ponta a ponta. Dito e feito. Na mesma tarde, queimaram dezenas de palanques e picaram os fios de arame farpado.. Para eles a guerra havia começado, no dia em que ali ergueram o obstáculo. Hoje, revidavam ao ataque. No dia seguinte, sábado, resolveram ir às compras no arraial, cruzando o caminho até então proibido. Durante toda a caminhada, foram observados à distância pelos peões, sem esboço de reação. Esconderam as armas perto da cidade e puderam voltar tranquilos, à tarde, sem serem incomodados. Tinham, contudo, a certeza que a guerra não estava ganha somente com aquela atitude. Aguardavam agora o contra-ataque, tinham certeza de que não passaria da semana

seguinte. Na Água Dois, que nem água era, apenas uma mina que ia encontrar o Ribeirão Papagaio quilômetros abaixo de sua nascente, ali, isolada dos companheiros pelo espigão, se encravava a posse de Firmino. A Água Dois era disputada por Giacomo Corso que a tinha como parte de sua fazenda, a Centenário. Nos propósitos de acerto a que fora chamado, seu Firmino não chegou a um acordo com Corso que se recusava a indenizar-lhe as benfeitorias. Sob pressão, continuou na posse até o amanhecer fatídico em que nem tempo tivera de olhar a folhinha, quando se retirou às pressas com a família para o mato, sob os gritos de morra e saraivada de tiros de jagunços enviados por Corso.

De cima do espigão, Firmino, Rosa e as crianças presenciaram à queima de sua casa, do paiol de milho, do galinheiro e à morte a tiros dos animais domésticos: a vaca com o bezerro, a mula, os porcos, as galinhas, as duas cabras e até o papagaio. Rosa chorou alto, as crianças soluçaram com a mãe e seu Firmino passou as costas da mão na testa e amparou uma lágrima que abria caminho nos sulcos da face cansada. Márcia Mara buscou consolar a mãe:

- Ninguém morreu, mãe, nós construímos tudo de novo!

Rosa segurou-se na filha, sem ter o que dizer. Sentado, cabisbaixo, seu Firmino mordida os lábios. A ação foi rápida. Os tiros ouvidos do outro lado do espigão pegaram ainda os companheiros em cuecas. Eles vieram rápidos, porém tarde. Os jagunços, prevendo a reação, estavam longe, quando chegaram. No terreiro, encontraram Firmino e a família procurando salvar o que podiam. Os animais mortos foram divididos entre as famílias que se comprometeram a devolver outros vivos tão logo se acertassem.

À noite, na reunião, discutiu-se o caso de Firmino. Era a represália pela derrubada da cerca. Nos dias seguintes, em mutirão, ergueram outra casa, o paiol e as manguieiras para seu Firmino recomeçar vida nova.

Mal aconteciam, os fatos percorriam o país. As autoridades passaram a se preocupar com o problema diante

da reação da opinião pública. Na queima das propriedades de Firmino, a imprensa abriu manchetes: "Por pouco trabalhador não é assado com a família dentro de casa". No texto, palavras do trabalhador: "Eu vi o turco chegando com seus jagunços, gritando e dando tiros, prometendo matar a mim e a minha família. Era ainda cedinho. Acordei as crianças e a mulher, e fugimos rápidos pelos fundos, embrenhando no mato molhado de orvalho. Subimos até o espigão e de lá pudemos presenciar a judiação de ver eles queimarem nossa casa com tudo o que tinha dentro. Queimaram ainda o paiol de milho e mataram todos o bichos de casa, nem o papagaio escapou. Não fizeram desaparecer a terra porque não puderam. Depois fugiram. Eu, a mulher e os filhos choramos juntos, no meio do mato. Os taquaris, os pau-d'alhos e as perobas são testemunhas de nossa dor. Mas aqui estamos de novo e vamos recomeçar. Isto que o senhor está vendo aí é bondade dos vizinhos, tudo feito em mutirão,- disse ao repórter- apontando para o rancho novo, o paiol, as cercas consertadas e alguns animais domésticos." Diante da pergunta do repórter:- E se eles voltarem de novo. Firmino não titubeou. Em silêncio, entrou no quarto e voltou, trazendo uma carabina e duas cartucheiras 12.- Homem, se eles voltarem, vão encontrar pelo menos três para os enfrentar. Pode morrer gente, mas pelo menos três deles, eu garanto que os urubus vão comer aqui no meu terreno.- E completou, mostrando as armas:- Esta é para minha filha, esta é para a mulher e esta é para mim, apontou para a carabina, com um sorriso de ódio.

ATAQUE NA FAZENDA

Os emissários e coordenadores do movimento receberam ordem para motivar mais e mais os posseiros que se achavam com o moral baixo diante das ameaças a que eram submetidos. Não podiam ficar sempre esperando. A melhor defesa é o ataque, foi o assunto mais discutido nas reuniões. Todos se dispuseram a seguir o lema. Um comando bem munido de armas e víveres foi organizado. O objetivo era atacar a Fazenda Tapuamba, símbolo da prepotência. Firmino fez questão de participar do grupo. Revoltada, Rosa falou em acompanhá-lo.- Não se importava com mais nada- dizia- meu sangue ferve diante de tanta injustiça.- Firmino, que tirara diploma do primário, disse para ela que ainda não estavam precisando de Marias Quitérias naquela briga, quando fosse a hora, ela ia, que tivesse calma. Além do mais, tinha que ficar em casa com as crianças e com Márcia Mara para se defenderem caso os jagunços contra-atacassem. A ordem agora era ficar atenta e não fugir e pregar fogo para matar. Rosa e Márcia faziam exercícios de tiro em horas marcadas e avisadas para não atrair os comandos que podiam pensar que fosse ataque dos jagunços. As pressões sobre os posseiros cresciam. Os nervos viviam à flor da pele. Não tinham tempo de analisar as conseqüências das ações. Enquanto sofriam pressão de pessoas ambiciosas e inescrupulosas, tudo bem: de polícia, delegado, jagunço e político não podiam esperar muito. Entretanto, não contavam com o envolvimento da autoridade judicial. De uma feita,

caiu o último baluarte em que os posseiros podiam colocar sua confiança. Contra todas as evidências e documentos, as terras de João Barbosa foram tomadas por deferimento da autoridade judicial. Era a faísca que faltava para incendiar o rastilho espalhado pela região. Cientes de que não tinham mais a quem apelar, chegaram à conclusão que só podiam contar com a própria força, se quisessem manter as posses, dura e justamente adquiridas, há dez e doze anos atrás. O tempo agora era curto entre o decreto de seqüestro e seu cumprimento. Entretanto, estavam preparados e organizados de tal modo que não se passaram cinco dias da iníqua ordem e o grupo invadiu a Fazenda Tapuamba onde estava encravada a propriedade de João Barbosa com quase uma dezena de outras. Calar seria aceitar a situação. Se não agissem, em questão de semanas não ficaria um posseiro na região. De flor em flor se destruiria o jardim.

Durante toda aquela madrugada de agosto, o pessoal se deslocou, sorratamente, evitando sempre o campo aberto, utilizando-se de trilhas e picadas para atingir o alvo. Aos primeiros clarões do alvorecer, a fazenda estava literalmente cercada. A um sinal, tiros de alerta cruzaram o casarão que dormia. Da tulha os seguranças ainda tentaram esboçar reação, atirando a esmo pelas frinchas das matajuntas. Os posseiros cerraram o tiroteio na tulha, cerceando toda e qualquer tentativa de reação. Protegendo-se nos palanques do curral, por detrás de carroças, pranchas, barricadas e árvores, eles incendiaram a tulha, forçando a saída dos jagunços. Dos cinco, três tombaram nos primeiros passos fora das paredes. Dois escaparam em cuecas, descalços e feridos. Dentre os mortos, estava o turco que Firmino acertara com um tiro no meio da testa e que dias antes atacara e incendiara a sua posse. Firmando-se nas posições, deram vinte e quatro horas para o administrador e a família abandonarem a área.

A guerra iniciada não tinha previsões de fim. Na reunião do dia seguinte, quando da análise do episódio, tomaram

conhecimento que o inimigo quase invisível não se limitava aos jagunços e a alguns mercenários empregados, estes tão interessados em viver em paz como eles, os posseiros. E iam ter que trocar esforço e chumbo com pessoas que nada tinham a ver com as terras que defendiam. A cada dia a região recebia levadas de soldados que, em sua frieza, simplesmente cumpriam ordens que nem sabiam bem de quem partiam. Expunham suas vidas em defesa de um salário, do bem-estar de suas famílias. Mas nem eles eram os inimigos. Este permanecia invulnerável em seus apartamentos carpetados, de ar condicionado e outros confortos. Enquanto os posseiros se reuniam horas avançadas da noite, cada dia em um local diferente para não serem descobertos, ele, o inimigo, tramava, tranqüilamente, a apropriação de suas terras em salões iluminados, em conversas regadas a whisky e jantares, entre sorrisos e tapinhas de amizade, tudo baseado em razões do direito e da ordem.

Exemplos idênticos ao da Fazenda Tapuamba se repetiram na região que parou em suas atividades agrícolas.

Cientes do início da guerra através dos estafetas, os agrupamentos se reuniram, prevendo a reação não dos jagunços, em minoria, mas da autoridade maior, do governo, que em vez de fazer justiça, cumprindo a palavra dada aos posseiros, ficou do lado dos grandes, os verdadeiros invasores.

Prevendo o pior, os posseiros viram que não podiam esperar. Assim, sob a orientação dos superiores, dezenas de propriedades foram invadidas, simultaneamente, numa demonstração de força com que nem eles mesmos contavam. E administradores, fazendeiros, jagunços e até mesmo alguns soldados que os protegiam foram postos a correr, levando feridos e mortos. Viesse a autoridade em busca dos posseiros, teria que atacá-los em dezenas de frentes. Ataque difícil porque durante o dia permaneciam em suas casas, cuidando de suas coisas, com as armas pesadas escondidas no mato.

Em desvantagem numa primeira fase, quando viviam amedrontados pelas constantes intimações para depor junto

ao juiz e ao delegado, tomaram agora a frente da luta, espalhando o terror e o pânico na região com seus ataques, madrugada adentro, irreconhecíveis, expulsando os intrusos das áreas ocupadas e desbravadas por eles. A assiduidade e a intensidade dos ataques espalhou-se pela região e levou para fora a impressão de que havia um verdadeiro exército fantasma nas matas e capoeiras da área conflagrada. Falavam de assombrações e falanges de espíritos que combatiam ao lado dos posseiros trazidos pela cólera divina contra as injustiças que sofriam.

Nas praças públicas das principais vilas, às terças, quintas e domingos, grupos evangélicos se reuniam para ouvir as palavras de seus pastores, interpretando, gravemente, passagens do Apocalipse e da besta seiscentos e sessenta e seis. Alguns guias religiosos, de mente mais fértil, limitavam o fim das lutas ao ano de 1966, símbolo da mula escatológica, além do qual este mundo deixaria de existir. Nas igrejas e capelas, os fiéis faziam novenas e procissões cumpridas com piedade pelas mesmas pessoas que horas mais tarde se envolviam em ataques sangrentos.

Da capital não chegavam só reforços para tirar as terras aos legítimos proprietários, de lá vinham também, disfarçadamente, como repórteres, como lavradores, como compradores de terra, simpatizantes e intelectuais utopistas que sumiam pela região, dando apoio moral e físico aos posseiros, mantendo vigilância nos pontos estratégicos, como estafetas, mascates e, sobretudo, levantando seus ânimos com palavras inflamadas pelos ideais bebidos nos livros recheados de belas teorias socialistas. Eram seus doutores que surgiam, nas reuniões, não se sabia de onde, quais cavaleiros negros, trazidos por pessoas ligadas às lideranças, deixavam suas mensagens de direito e justiça e sumiam depois ocultos pela capa da noite, deixando atrás um rastro de confiança e esperança. Estes elementos serviam de ligação até à retaguarda mais distante, na capital da República, e de principais porta-vozes dos oprimidos junto aos órgãos de

divulgação. Com o pensamento fixo num poder maior, pouco se importavam que os posseiros se ralassem no final de tudo. Desfecho que a história das lutas pela terra até então vinha mostrando, sobejamente, na proporção de cem por zero a favor dos mais fortes. Para aqueles homens de teorias utopistas e ambição desmedida, a guerrilha na região não passava de mais uma experiência de laboratório com cobaias humanas em que não importava quantos ratos iriam morrer, contanto que atingissem os objetivos visados, objetivos estes nem sempre merecedores da morte de um rato sequer. Entretanto, a pílula dourada que apresentavam aos oprimidos posseiros, dadas as circunstâncias, era engolida com aplausos e mesuras.

Um dos personagens misteriosos que aportaram à região, personagem quase fantasma, cujo nome passava de boca em boca, mas que pouca gente vira ou ouvira, era Soares. A partir do momento de sua chegada, as ordens de comando vinham sempre com a sua assinatura. O mesmo acontecia com averiguações, levantamentos, expulsões, embargos e execuções que não tinham qualquer efeito se não viessem com seu aval. Os líderes menores deixavam muitas soluções para depois, enquanto ganhavam tempo, para irem consultar o chefe, quase um eufemismo para designar o temido Soares.

De um momento para outro, o nome de Soares deixou de ser mencionado. Aqueles que acostumaram a ver nele uma tábua de salvação sentiram-se, momentaneamente, órfãos. Parecia que a natureza toda tramava contra eles. Acidentalmente, num exercício de tiro, Soares tombou com uma bala na cabeça que o fulminou no instante. O golpe foi duro, mas a guerra não estava perdida com a morte de um soldado. Soares mesmo montava guarda e orientava estafetas e olheiros, deixando o pessoal informado de como prosseguia a luta nos pontos chaves da região em litígio. Sozinho, de uma feita, enfrentara uma patrulha que vasculhava as matas em busca de indícios concretos da presença dos inimigos. Andava sempre em guarda; por isso, sentindo a presença

dos meganhas, distribuiu bombas ligadas por rastilhos de pólvora no local da emboscada. Um rifle de repetição preso a uma árvore era manobrado à distância através de um cordão; nas mãos, segurava dois revólveres. Na hora certa, bastou acionar uma vez a engenhoca para que os homens da lei fugissem diante do esquadrão fantasma. Soares ainda teve tempo de alvejar dois que tombaram ali mesmo para não mais se levantarem.

A EMBOSCADA

Algum tempo de declarada a guerra, as coisas passaram a complicar-se. Raro o dia em que não apareciam mortos e feridos nas picadas e carregadores da região. Na cidade, a cadeia se enchia de pessoas suspeitas, cujo crime maior era ser morador no lugar, há muito tempo, e ser posseiro. Na luta não havia neutralidade: ou se era a favor ou contra. Aos posseiros não interessavam também prisioneiros. Nos embates, quem caía era morto a paulada ou picado a facção. Não se desperdiçava munição com tiro de misericórdia.

Nestas alturas dos acontecimentos, as mulheres e crianças já haviam sido postas a seguro longe dos embates, levadas para as casas de parentes distantes. Umhas poucas esposas fincaram o pé e resolveram lutar ao lado dos maridos, dispostas a enfrentar o inimigo do modo como viesse. À frente destas poucas heroínas, caminhava Rosa. Entregara os filhos aos cuidados da comadre Betina que fora para o arraial.

Aquele pôr de sol de dez de outubro impressionava sobremodo. Nuvens desgarradas amontoavam-se desordenadas. À medida que o disco solar tocava o horizonte, o firmamento foi-se enrubecendo aos poucos. Nos últimos momentos, antes do dia findo, a calota solar assemelhava-se a um naufrago num lago de sangue. A visão impressionava até aos mais valentes que viam na imagem um símbolo apocalítico do fim do mundo. Firmino comentou com Rosa as esquisitices da natureza justamente na véspera do dia que considerava definitivo em suas lutas.- Mas seja o que Deus quiser- concluiu, no fim da conversa.

Agora não havia mais como retroceder. As patrulhas da polícia intensificaram-se nos caminhos e picadas. Todo suspeito era preso e toda pessoa encontrada era suspeita. Não tinham mais o que esperar. Pelos estafetas, chegou a notícia de que três patrulhas fortemente armadas percorriam os principais núcleos de resistência. A Fazenda Tapuamba era um deles. A oportunidade não podia ser desperdiçada. Se a deixassem passar, podiam pegar suas coisas e irem embora, com uma mão à frente e a outra atrás. Advertidos, cada grupo se preparou como pôde. Na Fazenda Tapuamba, o grupo de Firmino comandado pelo Dr. Sardinha contava com quinze atiradores. O grupo estava coeso e tinha sede, agora não só de terra, mas também de vingança.

Três dias decorreram desde que a posse de Vitalino Ribeiro fora invadida. Os Jagunços não deixaram nada em pé. A posse se plantava na cabeceira do Ribeirão dos Cágados. Olheiros sondaram três suspeitos que seguiram rumo ao Vitalino, ouviram tiros, viram fumaça e correram em socorro. Chegaram tarde. A cena que se seguiu era por demais trágica. A esposa fora estuprada e retalhada, os pedaços lançados aos porcos ainda eram disputados quando os olheiros chegaram. Melhor sorte não tivera a filha Celita, de doze anos, empalada numa lasca da cerca do mangueirão, com o corpo retalhado, o rosto deformado, degolada e o pescoço invertido, assemelhando-se a uma espantalho. Vitalino tinha um pedaço de pau atravessado na boca e amarrado com cordas na nuca, fora castrado e pregado na parede da casa. Tinha o couro do corpo arrancado de cima embaixo como se faz a um cabrito. Respirava ainda quando os amigos se aproximaram. Nada, porém, restava a fazer.

Mais de uma vez, tais cenas correram em notícias. Inacreditáveis, não fossem presenciadas. Com a alma ferida pela previsão de perda das terras e, sobretudo, da perda, de forma tão bárbara, de amigos, aqueles homens tomaram posição e se armaram, durante a madrugada. Em cada peito, rugia um leão faminto de vingança. O local escolhido para a

espera não podia ser melhor escolhido. O caminho era estreito e cortava uma faixa de mata fechada com taquaras e cipós, mata virgem, de ninguém, apropriada pela Fazenda Tapuamba. Eram terras acidentadas de pouco interesse, numa região de tanto solo plano. Oitocentos metros antes da boca da mata, o caminho cortava em boqueirão o Corgo dos Passarinhos num a pique de mais ou menos cem metros de extensão nos dois lados, em aclive de 25 graus. Em dias de chuva, com dificuldades se conseguia passar por ali a pé ou a cavalo. De carroça nem se falava. A terra era dura, o local úmido. A camada de folhas caídas na pista tornavam-na intransitável. A ponte de madeira num aterro não se estendia além de dez metros. Não existia ponto melhor para cortar a ação das autoridades no cumprimento das ordens do senhor juiz para a expulsão dos posseiros que ocupavam a Fazenda Tapuamba.

Protegendo-se por detrás dos troncos, ocultando-se nas copas e nos galhos, os homens tomaram posição antes mesmo do amanhecer. Eram quinze mãos em armas. Eles sabiam que os fardados não seriam numerosos. Três bananas de dinamite na ponte lhes tirariam as chances de fuga, além do pavor momentâneo que desnortearia o grupo, enquanto seriam presas fáceis das cartucheiras e fuzis dos homens de tocaia.

Passava pouco das oito, quando o barulho do fordeco ecoou mato adentro. Acostumados antes à vida pacata de roceiros, ali estavam escondidos leões em busca das presas. Não que assim o quisessem. As contingências os colocaram ali. Era tudo ou nada. As coisas acontecem e há sempre uma primeira vez. Luciano Alves, cunhado de Vitalino, irmão que era de sua mulher, não acreditava ainda que chegara a hora da vingança. Não se cabia na pele, desde os acontecimentos com os parentes, jurara de morte seus assassinos. Não importava quem viesse. Era do outro lado, era inimigo e cúmplice da morte bárbara da irmã, da sobrinha e do cunhado.

Com dificuldades, o grupo continha a respiração ofegante, ao aproximar-se o barulho do motor. Enfim, o caminhão apontou no alto do lançante. Diminuiu a marcha, quase parou. A descida era brava, o chofer teve medo, talvez testasse os freios, ou uma simples parada técnica para engatar a primeira no velho ford bigode. Na tocaia, um calafrio percorreu os corpos. Os suores abundaram, os dedos tremeram, no primeiro momento. O susto maior passou. Imaginaram, a princípio, ser uma parada para a patrulha verificar o terreno. O engate arranhado da primeira no caminhão amainou nos ânimos. A condução desceu firme, espocando pelo escape, com disposição bastante para vencer o tope do lado oposto que começava a cinco metros da ponte. O barulho do motor sufocou os tics no engatilhar das armas. As rodas da frente entravam na ponte quando Firmino fez o aterro ir para os ares. O buraco de quatro metros aberto pela explosão recebeu tragante o caminhão. A frente desapareceu. Como um mourão de cerca antes de ser aterrado, a carroceria ficou erguida no ar formando ângulo de quarenta e cinco graus. O estrondo da bomba sufocou o baque da condução e desapareceu no pipocar do tiroteio. Não houve tempo de ouvir gritos de dor. De todo canto da mata, detrás dos troncos, de cima das copas, da barranca torta do riacho, choveram balas, estampidos. Foram alguns minutos, talvez segundos, infernais, que ninguém se preocupou com tempo, naquele instante. Como por encanto, a mata emudeceu. Sem necessidade de comando, não havia mais em quem atirar. Passou-se a ouvir tão somente o barulho de folhas secas pisadas e de galhos afastados. Ninguém deu as caras. Alguém que de longe presenciasse à cena imaginaria tratar-se de uma mata assombrada. Dali mesmo cada um tomou seu rumo, devendo encontrar-se, à noite, na reunião para pesar o resultado e ouvir os acontecimentos da região, pois além do grupo de Firmino, dois outros estariam em ação naquele mesmo amanhecer em pontos diferentes. A missão estava cumprida.

No local do embate, a água do ribeirão colorou-se de vermelho por umas dezenas de metros. Ao piar assustado dos pássaros e ao cicciar dos insetos acrescentou-se o gemido moribundo dos soldados. Da patrulha comandada por um tenente, apenas dois regressaram com vida ao arraial, vindo a falecer dias depois. Seis foram fulminados no local e três morreram ao serem transportados. Melhor sorte não teve a patrulha enviada à Água do Tupi em que além do guia da tropa, o jagunço Pereira, tombaram no local cinco soldados e três saíram gravemente feridos, não sobrevivendo, posteriormente.

Q.G. DO C.

Enquanto da capital do Estado chegavam mais tropas para reforçar os contingentes e substituir as baixas, da capital federal os homens das idéias e falas ardentes e ambições desmedidas enviavam também um substituto para Soares. O nome do capitão Cabrera, assim se tornara conhecido, se impôs em pouco tempo.

Armamentos e munições não constituíam problema. Chegavam sob os mais disparatados disfarces, além de percorrerem com segurança caminhos só conhecidos por quem ali vivia de longa data.

A abundância de animais selvagens fazia de cada roceiro um caçador. Desde cedo, as crianças acompanhavam os pais, mata adentro, em busca da proteína que o organismo exigia. Nos começos, armados de estilingue e espingarda pica-pau, treinavam pontaria nos passarinhos até chegarem à caça grossa. Conhecimento das trilhas na selva e sobrevivência no meio da mata ninguém precisava ensinar aos roceiros. Os homens das idéias brilhantes e soluções fáceis tinham muito que aprender com eles.

Cabrera, no fundo, não passava de um testa-de-ferro dos diretores cerebrinos daquele sangrento teatro de fantoches. Um homem que gostava de desafios. Encorpado, com ares de bonachão, cordial nos cumprimentos, cativava nas primeiras palavras. A realidade, porém, era diferente. Em defesa de seus ideais, de suas convicções, de seus superiores e de seus camaradas, era capaz de fuzilar a própria mãe. Chegou, percorreu a região, contactou os camaradas,

participou das reuniões, incentivou, motivou, fez relatórios e desapareceu sem aviso prévio e sem deixar rastros. No fundo, cumpria a missão a que viera: sondar a situação para constatar em que pé caminhavam as coisas e verificar a viabilidade de aplicar ali as novas estratégias emanadas dos líderes que raramente desciam ao campo de luta.

Não decorreram muitos dias e Cabrera reapareceu. Desta vez para ficar. A partir daí, onde quer que houvesse um posseiro ameaçado, lá estava o grupo de Cabrera pronto para defendê-lo. A estratégia não consistia somente em defender o posseiro, buscava ainda trazer de volta aqueles que venderam a preço de banana suas posses ou as abandonavam sob coação, ameaça e até pela morte de amigos e parentes.

A chacina dos Cágados, assim ficou conhecido o assassinato da família de Vitalino, continuava engasgada como um osso na garganta de todo posseiro. Para eles não havia sangue que lavasse aquele crime.

Gente simples, simplória até, trabalhadeira, que um dia sonhara mais alto, pensando em possuir um pedaço de chão, não extensas terras para explorar, mas um pedaço de chão onde pudesse plantar e colher, fugindo de não ter que dividir em meias e terças e outras invencionices criadas para explorar quem trabalha, Vitalino viera, como os companheiros, confiante nas palavras de um governador mentiroso. Pois bem, cercadas, as terras de Vitalino permaneceram incultas, o mato cresceu, as benfeitorias foram arrasadas, enquanto lá em cima, os homens sem escrúpulos sentiam-se felizes em ampliarem mais e mais suas propriedades. Não importavam. Possuíam. Eram donos. Passarão aquilo tudo para os herdeiros que farão o mesmo para os herdeiros num processo quase infinito do "homo possidens".

Quanto a Vitalino, não tinha como trazê-lo de volta ou outro qualquer herdeiro. Foi quando alguém sugeriu que suas terras servissem como quartel general dos posseiros. Idéia proposta, idéia aceita. As cercas seriam destruídas e as terras

retomadas. O sítio serviria antes para despistar o inimigo. Cabrera, por seu próprio gênio, jamais aceitaria ou concordaria em se estabelecer ali. Esta não era sua missão. Mas o que importava, no momento, era retomar as terras de Vitalino. Questão de honra. Decisão tomada, ação encetada. Três dias depois, pela madrugada, um grupo armado, chefiado por Cabrera, apossa-se das terras de Vitalino.

O dia amanheceu com os caminhos liberados, os palanques incendiados e os arames cortados. Embora invisíveis os grupos armados, a própria natureza, o ar, os pássaros, até o farfalhar das folhas diziam que os homens de Cabrera andavam por ali e ameaçavam quem quer que se aventurasse por aquelas bandas.

Do alto do espigão, antes da descida íngreme que ia dar na casa de Vitalino, o grupo chantou uma placa onde se podia ler Q.G. do C. A última letra era a inicial de Cabrera que, para bem da verdade, visitara o local duas vezes apenas. Se não era realidade, despistava. Estratagemas idênticos serviam para desviar as atenções dos movimentos em outros pontos da região.

O plano deu certo. A polícia não tardou em armar forte esquema para recuperar a localidade. Nas cidades da região, os olheiros e informantes das células mantinham-se atentos. O dia marcado para a retomada do local fora um domingo, no entardecer, quando ninguém estaria esperando e momento em que as pessoas davam uma saidinha para desopilar. Ainda de véspera, grupos armados defrontaram com pessoas que foram às compras, ameaçando-as em nome da lei e aumentando o pânico. Os prenúncios deixavam ver muito sangue. No sítio de Vitalino, sabia-se de tudo. Pelas três da tarde, alguém arrancou a placa do espigão. Quando a patrulha aproximou-se sorrateira, lá não encontrou viva alma. Por ironia, no esteio maior do que fora o curral de Vitalino, uma coruja observava a movimentação com ares de desentendida. O próprio tenente que comandava o esquadrão se encarregou, naquela tarde de cansaço e decepção, de expulsar o animal com um tiro, que ainda errou.

DESÂNIMO

Madrugada quente de muito pernilongo e pouco sono. Rosa, na cozinha, mantinha o lume aceso com a esculateira cheia do café grosso, cheiroso, quente de tirar o couro do céu da boca e fazer olhar para os picumãs do teto. Ela cochilava e tomava café. Passava minutos pensativa. Atiçava o lenho que mantinha o fogo sob a panela de feijão e voltava ao banco. O despertador sobre o guarda-comida marcava duas da madrugada. Três dias também fazia que não via o marido. Mas ele havia de voltar! Sim! Havia de voltar! Rosa estava certa disto. De repente, os cachorros latiram bravos. Parecia que passos se aproximavam. Instintivamente, ela apagou a lamparina, correu atrás da porta e pegou a cartucheira, calibre doze. Tirou do prego o bernal de cartuchos e dependurou no pescoço. Os cachorros lá fora insistiam em perseguir os passos, agora bem próximos da porta da sala. Eram vários e pareciam apalpar o chão com cuidado desmedido, como gente se aproximando sorrateira. Não entendia porque os cachorros não avançavam de vez, como acontecia com gente estranha. Devagarinho, ela abriu a meia tábua camuflada no canto da parede, quase uma seteira, para constatar de que se tratava. Pôde então perceber vultos que caminhavam lentos ao lado da casa. Vultos indefinidos, a princípio. Observou com mais vagar as sombras, empurrou a janelinha, tramelou e respirou fundo. Então que pôde relaxar. A égua havia escapado do pasto e atravessava pachorrenta o terreiro seguida da potranquinha, de três meses, diversão das crianças. Novamente na cozinha, ela

acendeu a palha no tronco e levou-a ao pavio da lamparina que, preguiçosa, bruxoleou e firmou a chama. Agora, com a cabeça encostada na parede dura, ela desliga e vê os filhos crescidos na terra que sempre sonhara possuir. Vê muitas crianças que riem, correm e brincam e choram. Ao derredor da casa, que é grande e tem alpendre e redes onde ela está assentada em uma cadeira de vovó, as plantas crescem. São milharais, feijoads, arrozais que se estendem a perder de vista. Uma horta grande e que lembra a que abandonara antes de vir para ali tentar vida nova verdejava ao lado da caixa d'água. Ela se sente feliz e sorri.

O corpo não agüenta a cabeça e, num cochilo, ela volta à realidade. Não sabe quanto tempo durou a visão. Novamente, lá fora, os cães ladram. O galo canta pela segunda vez. Ela pressente a aproximação de passos. Pura impressão, talvez! Um gato, uma coruja teriam assustado os bichos. Desta vez, ela não apaga a lamparina. No fogão, toma a caneca de folha e bebe o último gole. O ladrido dos cães perde a intensidade e a convicção. A intuição lhe fala forte. É ele! Desta vez, é! Os passos ainda soam distantes. Agora se aproximam. São passos cansados. Os cães festejam. Parece ouvir-lhes o abanar dos rabos. A cartucheira continua atrás da porta. Ela tem certeza. É ele! E espera ansiosa que Firmino bata à porta. Está cansado! Está! O coração de Rosa bate descompassado. Agora ele pisou no primeiro dos três degraus da escada. Parou. Ela não tem coragem de abrir ainda e espera que ele bata e se anuncie. Ela tem certeza sim, mas duvida, duvida, com certeza.

- Sou eu, bem! Abra!- anunciou-se com voz fatigada, após uma tênue pancada na porta.

- Já vou, Firmino!

E a porta se abriu. Os cumprimentos foram parcimoniosos. Um aperto de mãos. Um beijo. Firmino mostrava-se abatido, desanimado, como nunca antes o vira Rosa. Pela primeira vez, aquele homem forte mostrava desânimo. Um momento talvez de fraqueza. Ele entrou e

sentou-se com o fuzil no meio das pernas e o embornal de lado. Estava exausto. Ela olhou para o marido e sentiu a garganta comprimir-se. Foi um silêncio de segundos. A aparência de Firmino desarmou-a para qualquer pergunta. Por isso esperou que ele falasse primeiro.

- Um pouco de água, Rosa, depois o café!

Antes mesmo de saber as causas, ela teve dó, muito dó do pobre Firmino. E enquanto enchia a caneca de água no pote, passou despercebida as costas da mão nos olhos.

- Toma, bebe, está fresquinha, ainda há pouco bebi um gole.

Agora, calada, atíça o fogo para aquecer mais o café sobre a trempe. A labareda cresceu no tronco que mantinha o caldeirão de feijão borbulhando. Quase amanhecia. Os segundos pareciam não ter fim, naquele recinto estreito da cozinha, simples e humilde como as almas do casal que ali se encontrava.

- Meu bem, estou vivo e inteiro. E isto é o que mais importa nestes momentos difíceis. Como você sabe, muitos de nossos companheiros não tiveram esta sorte, morreram ou estão feridos. A gente estava reunida até agora. Os homens lá de cima querem que a gente saia por aí invadindo as terras dos outros. Já há grupos preparados que vão agir, a partir de amanhã. Vão invadir e tomar as terras dos fazendeiros e grileiros e também de sitiantes que possuem escrituras definitivas. E isto não é correto. Eles têm na cabeça que a gente toda deve se unir para fazer guerra contra o governo e assim mandar no país. Quer dizer, eles vão mandar no país, nós depois ficaremos por aqui mesmo. Parece que caímos numa armadilha. É como dizem, ninguém trabalha de graça. Quando o milagre é grande, é bom desconfiar do santo.

E aqui, Firmino fez uma pausa. Abriu o embornal e de dentro tirou alguns papéis e os estendeu para a esposa.

- Aí, Rosa, o que distribuíram. Leia um pouco.

Enquanto Rosa pegava os papéis e os desamassava,

Firmino aproveitou para relaxar. Fechou os olhos, encostou a cabeça na parede e deixou-se ficar. Rosa separou os folhetos de propaganda e pôs-se a ler à luz da lamparina, enquanto, pelas frestas do oitão e das mata-juntas, a claridade do dia os espreitava, sem que o percebessem: "TRABALHADORES DO CAMPO! Assalariados, peões, meeiros, parceiros, colonos, arrendatários, trabalhadores do eito! Organizai-vos nas fazendas e nas aldeias. Lutai pelos vossos interesses econômicos, por maiores salários, pelo pagamento do salário em dinheiro e quinzenalmente, contra o vale e os preços extorsivos do armazém ou barracão. Lutai pela completa liberdade de organização e de locomoção dentro do latifúndio, contra a expulsão da terra, pelo direito de prorrogação de todos os contratos, por uma menor taxa de arrendamento, pela liberdade para a venda no mercado de toda a produção. Lutai contra a guerra imperialista, em defesa da paz e pela posse da terra; por um governo democrático popular que vos ajude a tomar a terra dos latifundiários e distribuí-la, sem indenização, entre os trabalhadores do campo".

Rosa pega outro folheto. Verdade que não entendia tudo o que lia, mas continuou: "São duas políticas que se defrontam, num antagonismo que se torna, dia-a-dia, claro para todos, que não admite uma terceira posição e que obriga a todos seja qual for a posição social, a religião ou opinião pública a se definir, num ou noutro sentido... as grandes massas trabalhadoras que não se prostituem... . É o povo que luta porque não está disposto a ser reduzido à condição de escravo. Diante da violência dos dominadores, a violência da massa é inevitável e necessária, é um direito sagrado e o dever iniludível de todos os patriotas. É o caminho da luta e da ação, o caminho da revolução. Este o caminho do povo que nos últimos anos em árduas lutas já demonstrou sua imensa vontade de paz, que desperta, e já começa a mostrar aos provocadores de guerra que não se deixará arrastar em suas aventuras criminosas, que não trabalhará para a guerra, nem admitirá que o sangue de nossa juventude seja

derramado em benefício dos banqueiros anglo-americanos, nem jamais participará de qualquer guerra de agressão..."

Rosa cansou-se, a cabeça pendeu um pouco, ela observou o marido que dormia. Foi à esculateira e bebeu do café grosso e cheiroso. Pensou em chamá-lo para deitar. Descansaria melhor. Mas poderia também não dormir mais. O cansaço era grande, estava preocupado em demasia. E deixou-se ficar ainda ao lado dele. Passou mais um folheto, de letras grandes e leu: "E É JUSTAMENTE POR ISSO QUE, HOJE, MAIS UMA VEZ, NOS DIRIGIMOS A TODOS VÓS, DEMOCRATAS E PATRIOTAS E, DIANTE DOS PERIGOS QUE AMEAÇAM OS DESTINOS DA NAÇÃO, APRESENTAMOS A ÚNICA SOLUÇÃO VIÁVEL E PROGRESSISTA DOS PROBLEMAS BRASILEIROS- A SOLUÇÃO REVOLUCIONÁRIA- QUE PODE E HÁ DE SER REALIZADA PELA AÇÃO UNIDA DO PRÓPRIO POVO COM A CLASSE OPERÁRIA À FRENTE. "

Firmino abriu os olhos e Rosa perguntou-lhe se queria mais café.

- Mais um pouco. Está gostoso. Parece que dormi. Sonhei com nossos sonhos de quando viemos para cá e que se tornam cada vez mais distantes. Você se lembra bem, Rosa, o que procurávamos. Dez anos se passaram. Hoje parece tudo um grande pesadelo. Já era tempo de estarmos acordados e tê-los realizados. Mas a impressão que tenho é que regredimos. E com um gesto de repúdio, encostou o fuzil atrás da porta e prosseguiu:

- Sonhamos sempre com outras terras, colheitas fartas. Com isto (e apontou a arma) só plantaremos sangue e colheremos ódio. Não foi para isto que viemos para cá. Agora que a gente confiava em conseguir as escrituras das terras e poder viver mais em paz, vêm estes homens querendo nos envolver numa guerra pelo poder que eles vão desfrutar. E continuarão a nos oprimir com outros engodos e mentiras. Fomos enganados uma vez. Você acha, Rosa, que paga a pena confiar de novo, arriscar a nossa vida para eles serem

os senhores presidentes e governadores e deputados e virem pisar em cima de nós?– Rosa, estava pensando bem aí pelos caminhos, se você quiser, agora mesmo, arrumamos as coisas, pegamos as crianças e vamos para um lugar qualquer onde a gente possa viver em paz que isto não está sendo mais vida. Se eu quisesse ser soldado tinha ficado no sorteio.

Rosa ouvia calada, enquanto passava os folhetos e lia trechos sem entender muito de que se tratava: "É a guerra que nos bate às portas e ameaça a vida de nossos filhos e o futuro da Nação". "A diferença e o silêncio, o conformismo e a passividade já constituem, no momento que atravessamos, um crime de lesa-pátria...". "A ameaça de guerra pesa sobre o país. É cada dia maior e mais iminente o perigo que ameaça a vida de nossa juventude e a segurança de toda população do país. Os provocadores de guerra exigem o nosso sangue para suas aventuras guerreiras". "É a iminência deste perigo de guerra e a intensificação da preparação para a guerra que explicam fundamentalmente o clima de terror crescente em que já nos encontramos".

– Estamos cansados, Firmino, vamos dormir. Depois pensamos no que fazer. Mas eu também tenho pensado muito se paga a pena.

Já deitados, Firmino ainda comentou:

– Rosa, hoje falaram até em designar um grupo para assaltar um banco na busca de dinheiro para a guerra que iria começar por aqui. O Cabrera e mais alguns dos grandes, que nem conhecemos, estavam por lá. Foi idéia deles. Apresentaram a idéia e escalaram um punhado de gente para a missão. Ninguém aceitou. Estamos sendo transformados em bandoleiros, em bandidos. No fundo, no fundo, a gente percebe que ninguém está mesmo para isto. Mas a voz dos homens mudou muito. Agora não pedem, nem sugerem ou aconselham, eles mandam, impõem e ameaçam, ameaçam, ameaçam...

Virada para a parede, Rosa mal ouviu as últimas palavras de Firmino.

NA ENCRUZILHADA

As exigências dos líderes que vinham de longe passaram a incomodar mais e mais os posseiros. Vítimas já de promessas fementidas, vêem-se agora nas garras de pessoas ambiciosas e inescrupulosas. Prestes a perderem as terras, são constrangidos a dividirem as colheitas e outros bens que possuem para satisfazerem a ambição de desconhecidos, lobos em pele de cordeiros. Poderão perder assim as terras, os bens, a liberdade com as imposições que passavam a sofrer e até a vida nos embates sangrentos. Era muita desgraça para pessoas que se deslocaram de longe em busca de um terreno para criar a família e viver em paz, embalados que foram pelo canto enganoso da sereia nas promessas de um governo incompetente e corrupto. Acusados, os posseiros esboçaram movimentos de revolta contra a própria liderança de que desconfiavam agora, seriamente. Alguns segredos dos grupos passaram a fazer parte das conversas abertas e do público. O caldo entornou, quando Cabrera apresentou proposta de assalto a banco para se conseguir dinheiro e aumentar o raio de ação. Houve cochichos e protestos secretos que sequer foram ouvidos. Abriu-se o voluntariado para a missão e ninguém se apresentou. Os chefes humilharam os presentes, chamando-os de frouxos e covardes, e os ameaçaram.

- Nós temos idéia de como deve ser feita a luta. Temos os planos. Vocês precisam confiar. Se não acreditam em nós, partiremos. E o assunto por aqui se acaba. Daí, amanhã,

serão todos presos e assassinados. E as famílias de vocês ficarão por aí aos vermes. Temos ciência que a hora é difícil. Encontramo-nos numa encruzilhada. Ou havemos de prosseguir ou, covardemente, entregamos o ouro aos bandidos. Escolham. Vamos à frente ou dou por encerrada minha missão junto de vocês. Cada um, então, cabeça baixa, vencido, sem ter lutado, volte, volte. Mas, pergunto eu! Voltar para onde? Para casa? Sim! Vão enfrentar os olhares dos filhos e das esposas. Tão logo os homens saibam que fomos embora, ninguém ficará por aqui. E vocês, sozinhos, com foices, machados, peixeiras e pica-paus, cagando de medo, como se defenderão? Vamos fazer uma pausa de cinco minutos para conversarem e escolherem.

O tempo esgotou-se sem chegarem a nada. Cabrera reabre a reunião e prossegue:

- Quero ação! Quem fala primeiro?

O silêncio falava por si. O salão transformou-se num grande túmulo.

- Ninguém fala,- continuou Cabrera- pois vou propor uma saída. Precisamos de recursos para a luta. Os recursos que nos foram mandados esgotaram-se. Nossos chefes dizem que já temos pernas para andar sozinhos. Ademais é bom que saibam que alguns deles estão presos, sem condição de ação. E é o que acontecerá com cada um de nós, se não nos unirmos. Tenho uma saída, já disse e vou propor. Mas não esperem facilidades. A situação é grave e o remédio, por força, tem que ser amargo. Sei que se ajuntarmos todo o dinheiro que possuímos em caixa não armamos meia dúzia de homens. Precisamos de dinheiro e armas. Alimento e gente temos, gente até sobrando- ironizou.- Pois bem, atacaremos um banco da região a ser escolhido e que possa render uma quantia compensadora e também a delegacia de polícia de Porecatu, onde estão armazenadas munições e armas a serem usadas pelos soldados contra nós. É sabido que lá não fica muita guarda protegendo estes brinquedos. Sei ainda que ninguém se apresentará como voluntário.- E

seu olhar percorreu o auditório, aguardando que alguém se manifestasse. O que não aconteceu.- E continuou:- Enquanto estivermos pensando em nós e não na coletividade, nada será feito. Precisamos mudar nossa maneira de pensar. Sei que é difícil, mas precisamos.

Aqui Cabrera fez uma suspensão na fala. Olhou os ouvintes e enfatizou:

- Repito, sei que é difícil, mas precisamos.

E fez nova suspensão para prosseguir em tom elevado, silabando:

- Nós não existimos!

Todos repitam comigo:

- Nós não existimos!

Apenas algumas vozes acanhadas se fizeram ouvir. Cabrera insistiu:

- Vamos repetir:- Nós não existimos!

Pela quarta vez, conseguiu ouvir a metade dos presentes.

E prosseguiu:

- Agora todos: Só existe a coletividade!

E a mesma metade repetiu:

- Só existe a coletividade!

E prosseguiu:

- Não existe o meu bem-estar, o meu conforto. Isto só acontecerá quando eles forem para todos. Só haverá o meu bem-estar e o meu conforto quando o meu companheiro também os tiver. Ou não é esta a chamada de nossa luta contra os nababos do poder? Ou eu penso ter conforto, bem-estar, felicidade, dinheiro, enquanto o camarada ao meu lado passa fome, está doente ou é escravizado por um patrão desalmado? Pois bem, se ninguém fala é porque concorda ou não tem argumento contrário. Vamos então lançar sorte para ver quem buscará o dinheiro do banco e quem arrebatará as armas e munições da delegacia.

A proposta provocou uma reação na assembléia, manifestada por murmúrios e cochichos, ao mesmo tempo que um abanar de cabeças, quase unânime de desaprovação, sacudiu os presentes.

Cabrera percebeu então que não era naquele caminho que se encontrava a saída. Tirou o relógio do bolso e olhou as horas: dez para as duas da madrugada. E prosseguiu:

- Pois bem! Estou percebendo que perdemos tempo até agora. O cansaço não está permitindo mais o raciocínio. Vamos nos dispersar. E depois de amanhã todos aqui de novo, na mesma hora, se julgarem que a causa merece o sacrifício. Cabeças frias, pensem com carinho no assunto, em casa, com as esposas e os filhos. Ponderem os prós e os contras. Mais um último aviso: a próxima reunião só se realizará se surgirem propostas novas e todos estiverem dispostos a enfrentar a situação tal como se apresenta. Caso contrário, permanece a proposta de hoje. Se não vierem com disposição de aceitá-la, nada feito então. Podem ficar em casa.

E buscando provocar um impacto maior, acrescentou:

- Nestas circunstâncias, deixo aqui minhas despedidas a todos para sempre com as conseqüências que este gesto supremo acarretará e que vocês conhecem.

NOVA TÁTICA

Três dias depois estavam novamente juntos para estudarem as propostas da reunião anterior. A frequência se reduziu pela metade. Cabrera e seus camaradas sabiam que ia ser assim, para isto tinham experiência. Afinal, era uma vida dedicada àquela arte. Tinha que ser assim de acordo com a natureza das coisas. Nunca foi fácil inculcar nas pessoas as inovações. Por isso, resistem. Em se tratando de gente simples, rude, mais difícil se torna a missão. Ela não tem orgulho e vaidade em querer aparecer. Além do mais, estava cansada. Urgia muita motivação, fatos concretos. As teorias tinham chegado à náusea. Saturaram. As idéias novas nada de concreto haviam trazido para suas existências. Agora era necessário muito tato por parte dos dirigentes. Caso contrário, tudo correria água abaixo. Era a última cartada.

Cabrera começou a reunião, buscando amaciar o terreno. Voltou mesmo atrás, reconhecendo que fora precipitado na reunião anterior. Fora duro demais. Meditara sobre o assunto e concluíra que as coisas não eram como então imaginara. Em suas meditações, naqueles três dias, chegara à conclusão que o caminho da prudência era o mais indicado e o mais seguro no presente. Perorou por meia hora sobre os benefícios que a luta traria a cada um. Podia até acontecer que os benefícios não fossem tão imediatos como se esperava. Entretanto, a natureza assim também age no caminho perfeito que trilha. Uma árvore leva quatro, cinco anos e mais para dar frutos. Os participantes todos tinham

filhos a quem queriam legar um futuro melhor que o vivido no momento. Isto, sobretudo, devia ser levado em consideração. Afinal, a vida não é só nós. Morreremos e a pátria continua. As gerações seguem seus destinos em nossos descendentes.

Com os ânimos apaziguados, o ambiente mais receptivo, Cabrera passou a propor novas ações na trilha para a posse definitiva das terras. Não ia propor confrontos diretos, puros assassinatos, ninguém aceitava isto. A assembléia, entretanto, estava convencida de que não podia entregar o ouro de mão beijada ao bandido, depois de tanta luta por ele. Era um trunfo para Cabrera. O sangue dos companheiros mortos também estava a bradar vingança nos ouvidos de cada um. E propôs que usassem de outra estratégia. Vencer pelo medo. Passar a ameaçar, ameaçar, ameaçar. A nova ordem era estragar e infernizar a vida dos invasores. Seriam os camaradas divididos em grupos e partiriam sobre esta e aquela propriedade. No começo, as maiores e as mais abastadas. Assustariam os animais, furariam as caixas d'água, os cochos, os vasilhames. Fariam tiroteios sobre as casas, altas horas da noite, queimariam barracões e tulhas; nada, porém, de atingir gente. Pelos caminhos apenas ameaças às pessoas. Deixariam e mandariam recados com intimidações caso não se retirassem. Ficou estabelecido que os presentes comunicariam aos ausentes as resoluções e que todos se engajariam na manobra. Ali mesmo escolheram a primeira propriedade a ser visitada e infernada, a Fazenda da Santa, um dos principais desafios.

Empenharam-se a partir daquela reunião a divulgar as intimidações e a inventar mortes e ações para forçar as saídas dos invasores de suas terras. Depois da guerra de nervos, através de boatos, um grupo se encarregou de atacar a Santa, num tiroteio cerrado, mostrando a que vieram. Caso contrário, em pouco tempo, o movimento se desmoralizaria. O próprio Cabrera se propôs a comandar o ataque. Não pretendiam matar ninguém, apenas assustar. Vencer pelo

terror. Entretanto, se preciso fosse, ninguém ia se deixar matar como carneiro. Em princípio, os tiros seriam dirigidos sobre os telhados, contra as paredes, para o alto. A última etapa do plano consistiria em seqüestrar as pessoas, fazê-las passar por maus bocados e soltá-las, a seguir.

No dia seguinte, na escola da Água da Baiana, as crianças comentavam, atemorizadas, o que ouviram dos pais, que até a escola seria atacada e incendiada com todos os alunos dentro; que, no Ribeirão Centenário, os homens pegaram um trabalhador, caparam e sangraram igualzinho se faz com um porco gordo; que, na Água do Guavira, um outro homem foi encontrado amarrado pelos pés no alto de uma árvore, com o pescoço cortado e o couro arrancado como se faz com o cabrito nas festas do Ano Novo. Não é necessário dizer que o medo e o terror se espalharam rápidos. Nos roçados, os paióis arderam um após outro. No espigão oposto a Ribeirão Tenente, uma casa teve suas paredes varadas de balas, durante a madrugada. Os moradores escaparam por milagre, puro milagre. E um dos malfeitores ainda deixou o aviso pela escuridão:

- Da próxima vez, vamos incendiar e degolar quem fugir. Não vai escapar ninguém com vida.

No Lote do Alemão, o grileiro João Quitério foi às compras, sábado à tarde. De regresso, não encontrou nada de pé. A casa, a tulha, o paiol era tudo um monte de cinzas. No chiqueiro, os porcos foram presos no cercado de dormir e queimados com a armação da cobertura, em sapé. No dia seguinte, ajuntou a trouxa e partiu. A tática funcionava. Muitas famílias desistiram das terras griladas ou compradas irregularmente, reuniram suas mudanças e foram embora.

Entretanto, os poderosos apertavam o cerco contra os posseiros. Levas de soldados chegavam a cada dia nas cidades próximas e vilas. Esperava-se para qualquer hora o desfecho de um ataque mortal. Os homens de Cabrera tinham pressa em afastar o máximo de intrusos até que os homens do governo os atacassem. Observadores falavam da

quantidade de armas, munições e alimentos que traziam. Até ambulâncias, muitas, faziam parte dos carregamentos. Percebia-se que os homens da lei não estavam para brincadeiras. Não fosse só isto, de vez em quando um companheiro era preso e torturado, entregando os outros. Os fatos apontavam o fim daqueles dez anos de incertezas. Fim ainda imprevisível na fala dos homens que vieram de longe, de fala mansa nos começos e feroz naquele entardecer de dois lustros. Analisando os fatos, de cabeça fria, o desfecho da luta não enganava a ninguém.

QUESTÃO DE HONRA

Naquela manhã, a delegacia entrou em polvorosa. Local em que, nas horas mais calmas, a linguagem soa pesada, torna-se difícil descrever a comunicação brutal daquele momento. A imprensa dos grandes centros denunciava a cumplicidade pela liberdade que os chefes da revolução desfrutavam nos locais em litígio. Todo mundo os conhecia. iam e vinham quando quisessem. Freqüentavam madrugada adentro as casas noturnas em rodas de cerveja, aliciando com suas idéias deletérias mais e mais pessoas. Diante disto, o delegado via o posto ameaçado e quem sabe até as grades pelas costas. Era um entrar e sair dos cabos, soldados, dedos-duros, alcagüetes que não tinha fim pelos gabinetes do delegado-chefe e adjuntos. Nos corredores amontoavam-se munições para tomar uma fortaleza. Leigos que por ali passassem e vissem a movimentação de armas e gente e gritos e palavrões saíam imaginando que o inimigo estava às portas. A realidade, porém, era bem outra. O assassino, subversivo, cafajeste, filho de uma puta estava mais uma vez na cidade e precisava ser preso. O monstro chamava-se Cabrera. Para os homens da lei era premente mostrar serviço. Agora que a coisa estava mesmo para ser definida a favor do fica como está, a prudência apontava para a oportunidade de uma ação espalhafatosa que pudesse limpar a mancha da ineficiência demonstrada até então.- Ninguém iria descansar até que tivessem o homem nas grades. A ação tinha que se desenrolar dentro da maior discrição quer na cidade, quer na redondeza. Os homens procurados eram

bagres ensaboados e qualquer desconfiança os levaria para longe. Nunca mais os pegariam. Agentes à paisana foram destacados para os pontos estratégicos. Campanas foram montadas nos locais que eles costumavam freqüentar com seus sequazes. Os alcagüetes de maior confiança foram postos em alerta.

A cidade encheu-se de boatos sobre um ataque dos inimigos, ataque decisivo das hostes subversivas, revolução no país, derrubada do governo com um golpe comunista e quejandas invencionices de imaginações nervosas. Ventilou-se até uma possível volta de Hitler.

À noite, foram reunidos os comandos para prestação de contas das operações do dia, quando se constatou que nada de anormal fora registrado. A não ser a desconfiança de um alcagüete que disse ter visto um homem que, ao que tudo indicava, seria o "Wanty", dirigindo-se de baratinha rumo ao Município de Assaí. "Wanty" era a senha para designar o procurado. O pessoal das campanas manteve-se alerta durante toda a noite. A caçada não podia demorar. Precisavam desmascarar a grande imprensa. E o desmentido não podia ser com palavras. Precisavam de ação, da lebre na armadilha. Deliberou-se naquela reunião que, no dia seguinte, patrulhas se deslocariam para Assaí onde vasculhariam tudo. Assaí era apenas um lugarejo, por isso a operação podia revestir-se de certa agressividade. Não revelariam, contudo, o que buscavam, enquanto não tivessem "Wanty" nas mãos.

Após três dias de busca inútil, as investigações se concentraram no centro maior onde mais residências suspeitas passaram a ser vigiadas, dia e noite. O chefe tinha pressa. Demorava muito o aparecimento da caça no carreiro.

Agora, era questão de honra. Naquele final de semana, o homem seria preso a todo custo. Não haveria dúvidas de que estava na região. Já que estava, deveria aparecer que ninguém é fantasma. Eram quatro as residências campanadas. E não deu outra. Pelas bandas de Shangrilá, foi sendo constatada movimentação estranha, após as onze horas

daquela noite de sábado. Os mendigos deitados aos pés dos postes, fingindo dormir, e os andarilhos que fossavam os latões de lixo em busca do que comer, alertaram imediatamente o plantão na delegacia. À medida que a noite avançava, mais gente chegava à socapa ao casarão vigiado. Um, a pé, como quem vinha de uma festa; de automóvel outro; agora são dois cavaleiros que passam pela rua e um fica, levando o outro o animal pelo cabresto. Pela madrugada já se podia contar os suspeitos lá dentro.

No plantão, vinte homens bem armados de munições e coragem se preparavam para agarrar a presa, enquanto outro tanto se dispunha a dar cobertura aos companheiros, caso fosse necessário, restando o mesmo número para apoio à distância, pronto também para entrar em ação.

Quem quer que cortasse a rua principal do bairro, naquela madrugada, nada aparentemente perceberia de anormal no casarão número vinte e seis. O máximo que poderia despertar a atenção seriam as cortinas abaixadas e um clarão frouxo por detrás. Pormenores naturais em se tratando de uma casa de família. Nenhum ruído se ouvia a não ser o cantar dos galos e o latido dos cachorros. A noite fria não animava os insetos. Esporadicamente, ouviam-se risos e conversas de grupos que regressavam de bailes e brincadeiras; vez por outra, o barulho de uma condução qualquer perturbava a monotonia das horas.

Os relógios marcavam quatro da manhã quando os fardados começaram a se deslocar em grupos de três e quatro, seguindo por caminhos diferentes, para não despertar as atenções. Na cintura, sob as camisas soltas, as armas de cano curto. No plano traçado, às quinze para as cinco, a casa deveria estar cercada. Na mesma hora, chegaria o delegado, de caminhão, transportando as armas pesadas. Em dois minutos, os homens deveriam estar de posse delas e fechar o cerco, quando então dariam a voz de prisão. Antes, porém, a recomendação:

- Queremos os homens vivos. Mortos não nos interessam.

No entanto, ninguém deve morrer no cumprimento restrito desta ordem.

A recomendação foi bem entendida. Se fossem atacados, era revidar. Às dez para as cinco, uma cerca viva e bem armada enfaixava a casa, a poucos metros da parede. Da varanda o delegado gritou para se entregarem que era a polícia e estavam cercados. Um silêncio de caverna foi a resposta. A ordem se repetiu por três vezes sem nenhuma repercussão. À terceira ordem seguiu-se a ameaça de invasão. De dentro, cortinas se movimentaram lentamente e cabeças apareceram pelas bordas das janelas, sondando as ameaças. O clarão frouxo do interior desapareceu e reinou a escuridão por completo. Mais uma ordem enérgica para se entregarem ecoou no lusco-fusco, que já era quase manhã. Entremeava as ordens do delegado um silêncio de rocha. Até mesmo os animais pareciam compreender a gravidade do momento e calaram suas vozes. Sequer a brisa do amanhecer movimentava as folhas das roseiras no jardim da entrada. O delegado chutou a porta da frente com fúria, enquanto uma bala atravessava-lhe a almofada superior em madeira. A reação foi imediata. De dentro, a escuridão cuspiu tiros pelas janelas e portas existentes nas quatro paredes externas. Foi o quanto bastou para que os soldados descarregassem as armas e o delegado gritasse que iam incendiar a casa se não se entregassem. Se alguém tivesse nervos para olhar no relógio, observaria que a artilharia não durou mais que segundos seguidos de um silêncio, que diria sepulcral, para não enfraquecer a imagem.

- Se não saírem, vamos incendiar a casa e ninguém escapará vivo- urrou de novo o delegado, dando ordem aos comandados: preparem a gasolina e as estopas!

Alguns instantes mais e ouviu-se barulho de trinco e correr de cortinas. A seguir um vulto branco foi visto desfraldado por fora da janela da frente.

- Levante-se quem estiver aí por detrás! gritou o delegado.

Lentamente surgiram as cãs, o coque e o rosto de uma respeitável anciã, segurando uma vela.

- Cadê os homens desta casa!- esbravejou a autoridade.

- Paciência, senhor, não nos mate que vou abrir a porta!

Ouviu-se o ferrolho correr do lado de dentro e a velhinha apresentou-se de pé na porta.

- Saiam todos!- insistiu a autoridade.

Ela caminhou para fora seguida de três crianças, uma mocinha de quinze para dezesseis anos e uma senhora com um bebê no colo.

- Quero os homens, vocês não fazem guerra! Onde estão eles?- perguntou o delegado, segurando fortemente a velhinha pelo braço.

- Paciência, senhor, não nos mate, está me machucando- resmungou a anciã.

- Os homens! mulher, os homens! que não temos tempo a perder!

E ordenou aos seus subordinados:

- Vigiem todos os lados e joguem gasolina nas paredes que vamos incendiar tudo.

Alguns soldados se aproximaram e puseram-se a molhar as paredes com o líquido incendiário.

- Diga para os homens saírem daí de dentro que vamos riscar o fósforo!- ordenou à velhinha.

Neste momento, as crianças puseram-se a gritar de desespero. A senhora com o bebê no colo pediu ao delegado para voltar ao interior da casa. A licença foi concedida e minutos depois ela aparecia, protegendo com seu corpo a criança e oito adultos.

- Mãos na cabeça!- berrou o delegado.- Vigiem todos os quadrantes!- dirigiu-se aos comandados.

Os homens foram algemados um a um e encurralados no canto do muro juntamente com as mulheres e as crianças.

O dia estava claro quando a casa foi vasculhada pelo sargento, escudado num prisioneiro e seguido por dois soldados. No forro e num alçapão secreto que dava para o

porão foram encontrados armamentos, munição, mapas, roteiros de plantas, sem contar o vasto material de propaganda usado na zona de guerra.

Amarrados agora a uma corrente, os prisioneiros foram levados pelas ruas da cidade, fortemente vigiados, até à prisão. Os sinos dobravam na torre da igreja matriz chamando ao dever dominical e muitas pessoas devotas presenciaram o humilhante cortejo. No sermão, o padre falou do inimigo preso e preces de ação de graças foram dirigidas ao Criador que faz chover e iluminar o sol sobre as cabeças dos bons e dos maus.

Enquanto isto, na cadeia, ao cerrar o último ferrolho, os homens da lei e da ordem descarregaram suas armas, comemorando a vitória. "Wanty" estava nas grades com sua trupe de auxiliares. A honra estava lavada. O emprego do delegado garantido. Talvez até apontasse uma promoção...

RESCALDOS

Com a prisão dos líderes dos posseiros, e aqui não interessam suas intenções, os ânimos se esmoreceram e o problema deixou de existir para a ordem pública. Os homens que lá de cima comandavam os cordões de bem-estar social e promoviam a ordem, sorriam, e bateram palmas, agraciando-se com medalhas de pacificadores. Entretanto, as chagas abertas pela injustiça cometida contra os posseiros continuavam a sangrar. E muitas destas feridas, crônicas, purgam até hoje em seus descendentes, embora eles tenham perdido a memória da origem de suas mazelas.

Por isso, fomos atrás dessas pessoas ulceradas pela injustiça. E conseguimos encontrá-las. Poucas, bem poucas, mas que acreditamos serem um retrato vivo daquelas dezenas de companheiros que, um dia, enfeitiçados por lindos sonhos de serem proprietários das terras que lavravam e das quais, até aí, pouco ou quase nada desfrutavam, acreditaram nas promessas falaciosas de pessoas sem escrúpulos revestidas de dignatários.

EU VI- TESTEMUNHO- 1

Meninos, eu vi!

Como o velho índio, nos seus setenta anos bem vividos, ele conta o que viu e ouviu, naqueles dias, mais precisamente, naquela noite de horrores quando os homens de Cabrera resolveram dar uma demonstração de força contra sua família na Fazenda Murauama. Para confirmar sua narrativa, ele repetia no decurso da entrevista:- "Meninos, eu vi com esses olhos que a terra há de comer um dia". Sobre as ameaças que recebeu, não soube precisar quantas: muitas, muitas. Não que o tempo as apagou. É que elas chegavam de todos os lados e de tantas maneiras que se tornou impossível enumerá-las.

Assim contou seu Joaquim Ferreira ao autor destas memórias. Seu Joaquim reside hoje numa dependência de fundos, propriedade do filho, juntamente com a mulher, na cidade de Porecatu. Bastante debilitado, mais pela aspereza da vida que pela idade, é cuidado por uma filha viúva. Sua renda se resume à esmoler aposentadoria rural. Na fase mais difícil das disputas das terras, ele desempenhou a função de administrador da Fazenda Murauama, o rincão mais cobiçado da região. Seu Joaquim não quis gravar a entrevista, por isso o ouvimos e buscamos, com o máximo de fidelidade, traduzir o seu relato.

Fazia algum tempo que as coisas pareciam ter-se acertado na região e tinha-se a impressão que, finalmente, ia-se poder viver em paz por aquelas bandas. Com a nova situação, seu Joaquim deu uma chegadinha até São Paulo

para conversar com o proprietário das terras sobre a maneira de agir diante do futuro nebuloso, mesmo com a trégua aparente. Sabia ele que aqueles dias de tranqüilidade representavam um quase nada diante do furacão que ameaçava. Havia trovoadas e relâmpagos nos quatro pontos cardeais, alguns próximos, outros mais distantes. A qualquer momento, aquele mundo se desmoronaria, podiam ser atacados e as conseqüências ninguém poderia medi-las. Notícias de sucedidos em outras localidades eram bem um retrato do que poderia acontecer por ali dentro de segundos, minutos, horas ou dias. Esses pressentimentos ele não os manifestava à esposa e aos filhos para não os atemorizar. Entretanto, tinha certeza de que daquele mato não iria sair caça boa, mais cedo ou mais tarde. Por isso, antes de viajar, foi ao arraial e pediu proteção para a família à autoridade face às ameaças de que estava sendo alvo. Assim foram enviados para Murauama quatro soldados e um jagunço que ficaram hospedados na tulha.

O tempo vai mostrar que as desconfianças de seu Joaquim eram bem fundamentadas. Na tardinha de sua viagem, dona Idalina preparou um ensopado de mandioca com torresmo para os homens da segurança que na sua opinião eram dispensáveis. Conversou com eles sobre o motivo de sua vinda. Estavam tranqüilos e consideravam a permanência ali mera formalidade, trabalho de rotina, um exagero mesmo por parte do administrador e da autoridade.

O vento fresco da tarde soprava paz e tranqüilidade. O dia escureceu com o pessoal no terreiro, contando causos e tomando café com pipocas que Da Graça, a filha mais velha de Idalina, estourou.

Passava pouco das nove, quando os cachorros levantaram os focinhos em direção ao caminho no pressentimento de estranhezas pela vizinhança. Latiram e avançaram até meio morro. Voltaram a seguir e deitaram sob a mangueira grande do terreiro. O pessoal já adormecera quando os animais alardearam e esbravejaram de vez. Os

soldados e o jagunço dormiam e não deram por fé, de imediato, ao alarme. Dentro da sede, dona Idalina mantinha-se em vigia, lamparina acesa, junto da máquina de costura. As duas filhas ao lado chuleavam e remendavam, enquanto ela alinhavava algumas roupas de serviço antes de passar na máquina.

Tempo seguinte ao esbravejar dos cães, foram ouvidos tiros contra os animais. Alguns ganiram feridos, dois avançaram mais ferozes para calarem de vez, diante de novos estampidos que se seguiram.

Afastado o primeiro obstáculo, a casa passou a servir de alvo para as armas. Os projéteis assoviavam e irrompem forte contra as tábuas das paredes, atravessando-as, ficando encravados ou ricocheteando nas telhas. José, o filho mais moço, adolescente, salta da cama e busca proteção atrás do armário. A mãe e as filhas deitam-se no chão, apagando a lamparina. E em minutos de desespero aguardam que os soldados reajam. Foram momentos de sofrimento e angústia até que seus protetores acordassem e cruzassem fogo contra os agressores, pondo-os em fuga. O tiroteio cessou depois de uma meia hora. Só então puderam sair e constatar o resultado do entrevero. Na casa, ninguém estava ferido. Dezenas de buracos nas paredes atestavam a brutalidade do assalto. Dois dos cinco cães estavam mortos e os três restantes feridos.

Posicionados entre a casa e a tulha, os agressores não previram a presença da guarda, por isso não foi difícil atingi-los. Um dos assaltantes estava estirado no terreiro morto com uma bala na cabeça. Restos de sangue atestavam que outro ou outros saíram feridos. Entretanto, não foi ainda desta vez que a Murauama caiu, se é que o objetivo era tomá-la. A estratégia das ameaças, porém, não se encerraria ali. Ao se retirarem, deixaram no ar o brado:- Nós voltaremos!

No regresso da viagem, seu Joaquim examinou os rescaldos do embate. Matutou. Conversou. E resolveu resistir. Afinal, não podia desonrar o sangue de cabra macho lá da Paraíba que herdara do pai e da mãe.

Seu Joaquim não era homem de se matar com a unha. A conselho do patrão, contratou pistoleiros para defender a família e passou a andar protegido por guarda-costas até o furacão passar. As pressões, porém, continuaram. Animais apareciam mortos a tiro, vasilhames amassados, até a caixa d'água, amanheceu um dia furada a bala. Sorrateiramente, durante a noite, os homens de Cabrera se aproximavam e semeavam a destruição com o medo.

Agora ameaçavam botar fogo nas casas. Os paióis mais afastados foram os primeiros a arder. Se encontravam qualquer casa vazia, incendiavam-na de imediato com tudo que estava dentro. Seu Joaquim resistia. Resistiu até os nervos agüentarem. A gota d'água foi o envenenamento da água do poço com o aviso do perigo. Foi quando seu Joaquim percebeu que o cerco se apertava. E, diante das implorações da mulher e dos filhos, resolveu seguir o caminho da maior parte dos companheiros. Abandonou o emprego e foi embora. No dia seguinte à sua despedida, antes mesmo que o substituto chegasse, a sede da fazenda, a tulha, o chiqueiro, o galinheiro, foi tudo reduzido a cinzas, durante a madrugada. O que aconteceu a seu Joaquim, na Murauama, acontecia em toda a região conflagrada, de um e de outro lado, onde os lotes foram disputados ferozmente, com resistências, fugas e mortes.

EU VI- TESTEMUNHO- 2

Preso, Cabrera foi submetido a interrogatório em Assaí, Londrina e Porecatu. Nesta última cidade, Q.G. da luta armada, ele teve ocasião de mostrar o que estava escondido atrás daquela carcassa nordestina assim descrita por quem o conheceu: tipo baixo, encorpado, pescoço grosso, curto e bem falante. Quando foi preso, tinha perto de trinta e cinco anos. Menos conhecido em Londrina e em Assaí, foi em Porecau que abriu o bico e contou o que sabia e o que não sabia a respeito da guerra na região. Não abriu a boca à-toa que cada homem tem seu preço. Mês e pouco depois do interrogatório, ele recebeu os trinta dinheiros combinados: fugiu.

Foi junto ao oficial de justiça que fomos encontrar informações sobre o que aconteceu, naquele mês de julho de 1951, entre as quatro paredes da delegacia onde Cabrera algemado e escoltado por dois soldados, com proteção policial nos corredores, nas portas e no pátio da casa de detenção, foi ouvido pelo delegado com a ajuda do escrivão e a assistência do promotor público.

Alquebrado pelos anos, seu Totonho, como é conhecido, caminha com dificuldades, mas, como todo idoso, gosta de lembrar histórias e causos do passado. Não foi preciso insistência para falar sobre aqueles tempos. Lembremos, antes, que seu Totonho mora em Porecatu. Sua casa é do tipo popular. Ganhou da Prefeitura. É figura conhecida. Faz parte do grupo dos pioneiros, título bonito que acrescenta um quase nada à penúria em que vive.

Também seu Totonho se recusou a fazer gravação e justificou:

- Nesta idade, moço, o senhor sabe né, a gente pode até se enganar ou dizer coisa que não deve. Eu vou contar o que me lembro e você vai ouvindo, seu companheiro dá uma mão na ouvidão, depois ajuda você a passar a limpo. Mas deixa esta maquininha de escrever as palavras de cor aí de lado. Pode pôr ali na mesa.

Atenciosa, vó Antônia, sua esposa, logo chegou com o cafezinho e o sorriso receptivo. A manhã estava fria e o céu nublado. O líquido negro aqueceu e fomos direto ao assunto. De fala pausada, anotamos as palavras de seu Totonho.

- O senhor mora aqui faz muito tempo, seu Totonho?

- Moro, menino, moro! Cheguei aqui nestas terras, em 38. Não preciso dizer e você já sabe, aqui era tudo mato. A gente vivia igualzinho bicho. Os caminhos eram picadas. Eu tinha para lá de vinte anos e já era casado com a velha aí. Só que ela não era velha não, era moça e bonita. Ou você acha que eu ia casar com algum bucho? Que eu também não era de jogar fora. Tinha até uns ciúmes bobos dela, coisas que o tempo acabou.- Aqui vó Antônia não deixou de esboçar um sorriso vaidoso.- Vim aí da Alta Sorocabana. Lá todo mundo comentava que aqui era só chegar e ficar rico. Diziam que nessa terra a gente ajuntava dinheiro com o rodo. Eu acreditei e vim. Mas a coisa não era bem como diziam. Trabalhei muito. Derrubei mato de empreitada. Ajudei a formar cafezal de arrendamento. Mas não fiquei rico não. Pouquinho, pouquinho fui-me acostumando com o destino que Deus me traçou de viver na pobreza. Arranjei emprego no Fórum e calmei na vida.

Aqui seu Totonho fez uma pausa, acendeu um cigarro, pensou alguns instantes e prosseguiu:

- É, eu trabalhava no Fórum durante as brigas que aconteceram por aqui.- Você falou de guerra!- Onde é que você tirou isso?- Não houve guerra não, menino. O que aconteceu por aqui foi briga. Briga de marmanjo, de barbado.

Briga feia. Uma vergonha. Eu vi coisas. Coisas que esqueci porque não queria mais lembrar delas. Aqui não teve avião jogando bombas, não teve canhão e nem bombardeio de cidades, nem tampouco, alemão, fascista ou japonês pegando em armas. Por isso não foi guerra. Mas eu vi coisas que até hoje tenho nojo de contar ou relembrar. Vi os grandões pisando nos coitadinhos dos pequenos; os homens de paletó e gravata dando dinheiro para os que têm a força prenderem e baterem nos coitados da roça, de mãos calejadas, roupas arremendadas, pele judiada do sol, do frio, da chuva. Gente que veio para cá porque queria progredir na vida, criar a família com um pouco mais de conforto e decência. Gente trabalhadeira que enfrentava qualquer serviço em qualquer situação. Gente sofrida que queria paz. E olha que eles vieram porque o governo convidou para eles virem. Fez propaganda dizendo que bastava os interessados chegarem, derrubarem a mata, plantarem, produzirem, pagarem impostos e viverem na área no mínimo seis anos quando, então, lhes seria outorgada a posse definitiva da terra. Pois olha, moço, nada disto o governo cumpriu (aqui seu Totonho se emocionou e vi uma lágrima correr de seus olhos) e os pobres homens fizeram tudo o que ele tinha pedido, só que na hora de pegar o tal papel da posse, as terras tinham sido doadas para outras pessoas da corriola dele, que nunca estiveram lá trabalhando nelas. Gente grã-fina da capital e das cidades grandes. Agora que os pobres roceiros tinham roído os ossos da terra, derrubando, destocando, plantando, os homens chegaram, ostentando os títulos de posse e expulsando eles com os jagunços que contratavam. Além destes, outros chegaram, grilando pedaços de terra de que diziam serem donos.

E seu Totonho voltou-se para mim, olhou-me os olhos e prosseguiu:

- Você que é moço, me diz, quem não ia brigar numa situação destas?- Pois foi o que aconteceu, menino. Vi muita gente morrer. Vi muito luto. Uma multidão de gente apareceu por aqui, naquela ocasião. Gente de jornal, de revista, de

rádio, de todo o Brasil e até do estrangeiro. Houve gente também, para ficar nos conformes da verdade, que ajudou os pobres dos roceiros, mas foi um quidiquinho. E aqui eu só me lembro do seu vigário ali da igreja que esbravejava e amaldiçoava por causa das injustiças. Também ficou pouco tempo, foi mandado embora. Agora estes repórteres de jornais, revistas e rádio aportaram só para lucrar às custas das desgraças dos posseiros, tal qual urubus. E vieram também os aproveitadores que tiravam vantagem da necessidade de apoio que os posseiros tinham e assim fazer valer suas idéias de domínio, que eles não amavam nada aqueles infelizes de mãos calejadas.

De novo, seu Totonho fez pausa. Depois, olhou triste pela janela, o céu muito azul lá fora e prosseguiu em tom soturno:

- Menino, eu vi os homens da roça serem trazidos amarrados como porco para a cidade, de noite, com as roupas sujas do serviço e sem jantar. Eu vi esses homens serem jogados no xadrez e lá passarem a noite, sem um gole de água. Judiação! Os homens da lei faziam isto só para agradar seus doutores fulanos e sicranos e forçarem os posseiros a deixarem as terras para eles, já preparadinhas, de mão beijada. Menino, eu vi suas criações todas serem baleadas, seus caminhos cercados, seus filhos ameaçados e suas escolas e capelas incendiadas, a ponto de não poderem ir à escola ou rezar, com medo do que pudesse acontecer.

Diante destas injustiças, as autoridades calavam e quando abriam a boca era para declarar que só podiam agir no cumprimento restrito da lei. Por isso, quando começaram a aparecer os homens que ofereciam apoio aos coitados, eles os acataram como seus salvadores, verdadeiros enviados de Deus. Só que eles não tinham nada de Deus. Estavam ligados antes com o diabo. Trabalhavam única e exclusivamente por seus interesses de domínio e poder. e, mais uma vez, os roceiros foram enganados e se transformaram em bonecos nas mãos deles. E pior, com a perda de muitas vidas. Famílias inteiras foram assassinadas.

E voltou-se seu Totonho para mim:

- Você é muito criança, menino, para saber destas coisas! Você já ouviu falar na família de Vitalino?- Pois é!- No seu Chico Negro?- Pois é!- Você tem muito que aprender ainda.- Soube da malvadeza que fizeram com a professorinha Maria da Penha?- Mas como ia dizendo, os homens vieram chegando com aquelas falas macias de ajudar, de ajudar. Fizeram igualzinho bicho-de-pé. No começo, foi aquela cosquinha gostosa. Toda atenção. Mas depois, como incomodaram! Buscavam só os interesses deles.- Você conhece bicho-de-pé?- Garanto que não conhece.- Conhece?- Pois é!- Você acha que ele faz aquela cosquinha gostosa porque ele gosta do pé do caboclo?- Que nada! Ele está atrás só do interesse dele arranjar um lugarzinho bom para viver e procriar.- E no fim deu no que deu, que eu vou contar que parece que é o que você quer.- O Cabrera, capitão Cabrera, que assim o chamavam, era tido como por um deus pelos posseiros. Todo mundo confiava nele. Ainda mais que era um homem meio misterioso que sumia e aparecia, sem ninguém explicar como. Até certa altura dos acontecimentos, corria tudo muito bem com o capitão Cabrera na frente dos posseiros. Mas quando a coisa começou a ficar preta contra eles, com a chegada de tropas e de delegados especiais, de promotores e de todo um aparato de guerra, capitão Cabrera sumiu por algum tempo e depois foi preso. E eu presenciei seu depoimento. E tive ódio dele, naquele dia, que Deus me perdoe. Tive ódio porque, pela primeira vez, pude conhecer em carne e osso um verdadeiro traidor. Conheci um Judas em pessoa. E pensar que ele era o homem de confiança dos posseiros já tão injustiçados! Olha, moço, para mim, o homem era muito pior que Judas porque Judas nunca foi o homem de confiança de Jesus. Verdade que os livros contam que Judas guardava o dinheiro do apóstolos, mas a gente sabe que Jesus não estava nem aí com dinheiro. Ele tirava dinheiro até da barriga de peixe. Ou não tirava?- Pois bem, o capitão Cabrera foi preso e eu assisti a seu

depoimento. Lembro-me bem.- Às coisas que não prestam a gente conserva melhor na lembrança!- Foi num dia de manhã do mês de julho, foi. Não me lembro do dia da semana, parece que foi numa terça-feira que era quando o delegado atendia estes casos mais difíceis. O dia estava chuvoso. Fazia setenta e duas horas que mais de vinte soldados cercavam a delegacia com medo de o homem fugir ou que seus companheiros de armas ou de conversa viessem soltá-lo. O Fórum ficava ao lado da delegacia e eu fui chamado pelo promotor para dar uma mãozinha. Podiam precisar de mim. Fazia bastante frio pelas nove da manhã, quando o delegado convidou os presentes para tomarem seus lugares nos bancos e em algumas cadeiras de palhinha. Todos a postos e o interrogatório teve início com as perguntas de praxe. A primeira encenação começou com o nome do acusado. Não havia dúvida por parte de ninguém que aquele homem era o capitão Cabrera. E ele insistia em afirmar que seu nome era Pedro Ferreira de Andrade, um ilustre desconhecido dos presentes. A confusão que o vivaldino armou só se encerrou quando o delegado apresentou a ele e aos presentes a folha de identificação com a foto do safado. Confirmado o nome, vendo-se desmascarado, sem qualquer tipo de ameaça, ele desfiou perante os presentes, com a maior naturalidade, os nomes de todos os envolvidos no conflito armado não só da região, mas dos lugares mais distantes como do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Curitiba. Começou falando em linhas gerais e depois pormenorizou a ponto de enumerar até os tipos de armamentos de que dispunham na região com as respectivas munições. Dos armamentos ele mencionou: duas submetralhadoras, uma pistola 45, quatro pistolas Parabellum, seis granadas, um mosquetão e doze carabinas com 60 tiros, uma carga para cada pistola, 800 cartuchos calibre 44, 400 cartuchos de mosquetão e mais alguma coisa de que não me lembro.

Durante o interrogatório, que terminou somente pelas três da tarde, ele traçou mapas, rabiscando os caminhos e

trilhas, marcando na folha os centros de maior poder de fogo, assim como os paióis de abastecimento escondidos na mata, delatando ainda o número de pessoas válidas para a ação com os respectivos nomes e onde poderiam ser encontradas. O homem desfiou um rosário de delações difícil de ser guardado de cor, mas que o moço pode muito bem, se quiser, encontrar lá no Fórum onde está guardado o processo.- Olha,- continuou seu Totonho depois de uma pausa para descanso e mais um cafezinho com o cigarro- o hominho não era flor de se cheirar. Quando viu a coisa esquentar, buscou salvar a própria pele sem se preocupar com os companheiros. O certo é que menos de um mês depois deste depoimento, ele sumiu da cadeia sem que ninguém soubesse como. Estranho também é que ninguém se preocupou em procurá-lo. E até hoje seu sumiço é um mistério. Depois disto, a polícia foi pegando um por um dos delatados. Verdade que a autoridade não tinha muito o que fazer com os homens, porque não havia provas individuais e os mais incriminados fugiram.- Assim, desarticulado e perseguido em seus membros, o movimento foi diminuindo e acabou, meses depois. O que se viu, a seguir, foi o abandono das posses por seus legítimos donos e uma verdadeira corrida atrás delas por parte dos homens desalmados que tinham a força. Corrida esta que gerou ainda algumas mortes na disputa pelos melhores quinhões. Nos meses que se seguiram, raros foram os dias em que não passaram por aqui na comarca as mudanças daqueles infelizardos rumo às origens de miséria, agora mais decepcionados com as pessoas, a justiça e as autoridades. Aliás, moço, já estou cansado e vou terminar. Antes, porém, quero deixar um desafio para você que gosta de especular, como estou a ver. Não será por causa de todas estas intrigas que esta região é onde se encontra a maior concentração de latifúndios do Paraná?

Especula, moço! Eu posso até estar enganado!

EU VI- TESTEMUNHO- 3

No distrito de Barra Mansa, Centro Oeste do Estado de São Paulo, fomos encontrar um personagem importante desta guerra, se assim me permite expressar seu Totonho: Moço, aquilo não foi guerra, foi briga, briga feia.

Durante um mês inteiro, esquadrihamos pistas que nos levassem a seu Firmino. Tínhamos informação de que ele estava vivo. Como ponto de partida, consultamos o livro tomo de batismos da paróquia de Nossa Senhora Aparecida de Porecatu para conhecermos os nomes dos filhos e a origem exata da família para onde, conforme informações vagas de pessoas que a conheceram, teria voltado após os acontecimentos que vimos narrando. Conhecida a cidade de origem, era meio caminho andado. Se lá não encontrássemos seu Firmino, pelo menos parentes haveria que nos dessem informações sobre seu paradeiro. Mas não foi preciso a ajuda de parentes, como veremos. Mas uma dúvida ainda persistia: não tínhamos idéia da situação da família; de quem íamos encontrar e como se achava. Não sendo, entretanto, sociólogo, tampouco assistente social, isto era o que não importava. Buscávamos a notícia pura e simples. Chegados à cidade, tiramos informações em bancos e casas comerciais. A cidade não era grande, e não foi trabalho difícil. Pensávamos em recorrer novamente à igreja, mas não foi preciso. Conseguimos, com facilidade, as informações que queríamos e que batiam com os dados de que já dispúnhamos. Seu Firmino estava vivo e a família criada. Os dados apontavam que Rosa concretizara seus devaneios de mãe e mulher jovem.

Como chegamos já tarde ao arraial, deixamos para o dia seguinte o encontro com seu Firmino. Durante a noite, no hotel, preparamos as perguntas chaves que faríamos, que o mais ia depender do correr da conversa. No dia seguinte, levantamo-nos mais cedo que de costume. Estávamos ansiosos pelo encontro. Às sete e meia, tomamos a jardineira que fazia a linha pela região do município, onde, de acordo com as informações, morava seu Firmino. A localização foi fácil. O próprio cobrador mandou parar no caminho que levava ao sítio dele e nos forneceu as últimas orientações. A família de seu Firmino era freguês na linha. Não tinha erro. Família antiga e estimada, todos a conheciam. Fomos recebidos, no sítio de seu Firmino, depois de caminhar dois quilômetros a pé, com a desconfiança própria deste nosso povo simples que vive para o trabalho, que sabe enfrentar a imparcialidade da natureza como a má vontade dos homens, fazendo a Nação crescer sem poréns e entretantos e que só é lembrado por interesses. Esta desconfiança, porém, nenhuma ligação tinha com os acontecimentos de quatro décadas atrás.

Foi ali, naquele recanto do Ribeirão das Antas, que os Firmino se refizeram, após o fracasso de Porecatu. Fracasso que teve seu lado positivo na experiência adquirida para o resto da vida. Experiência de descrença nos homens e que se quisesse subir na vida, podia contar unicamente com a fé em Deus e o próprio esforço.

Fomos encontrar seu Firmino no curral, locado na beira do caminho, antes de chegar à casa. Acabara de tirar o leite e soltava as vacas para o pasto.

- Bom dia!

- Bom dia, senhor sim!- respondeu-nos com o acanhado próprio de quem se surpreendera com o imprevisto da estranha visita.

- Senhor Firmino Guimarães?

- Senhor sim!

Notamos que da janela alta da cozinha uma senhora observava os que chegavam e lembrava-se, talvez, de

abordagens semelhantes, no distante sertão de Porecatu, quando figuras parecidas costumavam visitá-los com ameaças ou promessas mentirosas.

Fizemos nossa apresentação e dissemos a que íamos. Ali mesmo na cerca do curral perguntamos se seu Firmino estava disposto a falar sobre o assunto.

- Vocês são do lado dos tatuíras ou dos posseiros?- perguntou desconfiado.

Explicamos que não éramos de lado nenhum, que nosso objetivo era contar para os leitores de hoje e do futuro que o progresso existente naquela região não caíra do céu; que muito suor e sangue correram naquelas terras até que atingissem o ponto em que estão.

Ouvida nossa exposição de motivos, seu Firmino concordou em falar. Convidou-nos para entrar em casa. Chamou Rosa e apresentou-nos a ela, dizendo de nossas intenções.

- Se o Firmino quiser falar, moço, ele fala- respondeu com voz magoada Rosa- que eu nem gosto de lembrar mais aqueles tempos de inferno, o que a gente passou de desgosto e quase que perdemos a vida.

Na cozinha, alguém mexia nas panelas, preparando o almoço. Dali mesmo da sala, Rosa transmitiu a ordem:

- Márcia!

- Oi, mãe!

- Coa um cafezinho para as visitas, filha!

- Não tardou e uma garotinha, aparentando dez anos, entrou com as xícaras na bandeja de folha e o bule fumegando pelo bico.

E enquanto tomava o café, seu Firmino foi falando:

- É minha neta- apontou vaidoso para a garota do bule. É a caçula da filha mais velha. Ficou viúva há coisa de três meses. Agora mora com a gente. E chamou:

- Marcinha, vem cá. Vem conhecer os moços do Paraná.

Márcia apareceu de avental, cumprimentou-nos séria e foi logo perguntando:

- Vocês são do Paraná? São tatuíras? Porque só tenho lembranças ruins daquele lugar!

Explicamos para ela nossos objetivos. Seu Firmino interferiu nas explicações, buscando amenizar o impacto de nossa presença, e Márcia ficou satisfeita, pedindo licença para voltar à cozinha e continuar o almoço. Não sem antes voltar-se da porta e, taxativa, fazer o convite:

- Hoje, eles almoçam conosco, né, pai! Vou pegar um frango para a gente fazer afogado.

Momentos passados, ela aticava o cachorro no terreiro para pegar a carne do almoço. Na sala, seu Firmino prosseguia:

- Para mim o que vocês querem são águas passadas. Mas sempre é bom a gente recordar, mesmo que seja coisa ruim.

Aqui, eu arrisquei uma pergunta:

- Quando o senhor foi para o sertão de Porecatu, o senhor morava aqui mesmo ou morava em outra Água ou Município?

- Olha, moço, esta vida é engraçada. Ela chacota da gente. O que cada um de nós precisa fazer é ter fé em Deus e trabalhar. O resto a vida faz. Pois vocês podem não acreditar, mas quando saí daqui com a família, casado de novo, eu, Rosa e Marcinha, de meses, e fui para o sertão de Porecatu, assim que o pessoal falava naquele tempo, eu morava aqui neste mesmo lugar onde estamos a conversar agora. O que mudou foi somente a casa. A outra estava muito velha e, quando comprei o sítio, ainda morei nela por uns tempos, depois construí esta nova. Naquele tempo, a esplanada toda que vocês podem ver aí da janela fazia parte da Fazenda do Caio, assim conhecida pelo nome do proprietário, ricaço que residia, em São Paulo. Ele costumava aparecer por aqui no tempo das férias com os filhos. Gente muito chique para os nossos gostos. Vinham, se divertiam por aí e iam embora, nunca falavam com as pessoas. Tratavam os colonos como se fossem bichos do mato, porque os cavalos deles, eles

trataavam muito bem. A gente tinha até inveja deles, os cavalos, tão bom era o trato que recebiam. Olha, aqui deste lado direito se estendia a colônia. O terreno todo que vocês vêem ali era só cafezal. Quando partimos, a colônia esvaziou. O patrão nunca mais conseguiu gente para trabalhar e sustentar seus luxos. Isto aqui virou um capoeirão. O cafezal morreu. As casas ficaram caindo aos pedaços. O recurso que ele teve foi vender. Para isto, ele loteou a fazenda. Quando voltamos lá de sua terra, os lotes ainda estavam à venda, que não foi fácil vender. O pessoal não tinha dinheiro. Verdade que eu também não tinha dinheiro, mas disposição para trabalhar tinha e quanta! Conversei com Rosa, com Marcinha que estava grandinha e dava uma mão boa para a gente, os outros eram pirralhos, só davam trabalho, financiei a entrada e trabalhamos para pagar o restante. Foram três anos de pão e água. Mas vencido o prazo, acertamos até os centavos e lavramos a escritura. As últimas palavras foram ditas com um sorriso de satisfação e orgulho. O resto, vocês podem ver aí.- Por ironia comprei e moro na mesma terra onde penei como empregado, quando mais moço!

A lembrança deslumbrou seu Firmino. E foi num estado de verdadeira fascinação provocado pela recordação dos tempos idos que prosseguiu a fala como se se dirigisse a alguém ausente e distante.

- É como diz o ditado: Deus escreve certo por linhas tortas. Se eu não tivesse participado daquela aventura, no sertão de Porecatu, é certo que hoje não seria proprietário deste rincão. Aquilo lá foi uma escola para mim, foi! Escola de disciplina muito rígida, muito! Por isso, aprendi muito, aprendi!

Depois de uma pausa, ainda como se estivesse sonhando, prosseguiu:

- Quando naquela madrugada, cheguei cansado em casa, depois de um dia de trabalho duro na lavoura e de cinco horas de reunião, noite a dentro, em que se falou da gente se reunir para assaltar banco, para assaltar delegacia

atrás de dinheiro e de armas, matutei muito com Rosa e resolvemos partir. Chegamos à conclusão que daquela mata não ia sair mais coelho. Tinha dado ali tudo o que podia. O propósito de partir era irreversível, ficamos aguardando só a oportunidade. Continuei ainda a participar das reuniões, mas, verdade seja dita, não com o entusiasmo dos primeiros momentos, quando acreditava ingenuamente que aqueles homens que nos orientavam na luta pela defesa da terra trabalhavam sem interesse outro que não fazer justiça a nosso favor. Aos poucos, fui entendendo as causas que os moviam e que defendiam e que de forma nenhuma eram as dos posseiros. Lá bem distante, na capital, estava a verdadeira posse que eles visavam e defendiam e que não eram de forma alguma as nossas. Nem terras eram. Usavam-nos como meros instrumentos de suas manobras. Éramos degraus que pisavam para atingir o topo da escada do poder. Pois bem, com a prisão do capitão Cabrera, surgiu a oportunidade que a gente esperava com tanta ansiedade de sumir daquela terra amaldiçoada; e, se possível, apagar, na fuga, até as marcas dos pés na lama ou na poeira. Foi numa sexta-feira, guardei. O dia não interessa se era de azar ou de sorte, que não acredito nisto. De manhãzinha, fui ao arraial, aluguei um caminhão e partimos naquela noite mesmo. A mudança era pequena. Não havia muito o que carregar. Quando do ataque na nossa posse, não restou muita coisa. Lembro-me que, na noite anterior, conversamos bastante sobre a volta. Buscamos as crianças com Betina, pequenas, não entendiam bem o que acontecia. Antes de deitar, nós rezamos e Rosa e Márcia choraram. Banquei o forte e consegui manter-me firme. Por dentro, porém, era um homem destroçado. Não preguei os olhos, naquela noite, Rosa também não. Márcia teve um sono perturbado. Por três vezes, Rosa teve que acordá-la em pesadelos. Afinal, foram dez anos de luta para chegarmos a lugar nenhum. Sobrou-nos, entretanto, força para constatar que não estava tudo perdido. Este pensamento estava arraigado lá no fundo de cada um de nós. Entretanto, não

tínhamos coragem de externá-lo. Deixamos que as coisas acontecessem. Tínhamos muita saúde e disposições para recomeçar. Um instante sequer da viagem qualquer de nós teve a coragem de olhar para trás. Na divisa, ao descermos da balsa do outro lado, a brisa que batia em nosso rosto e achava nossos cabelos e baloiçava os arbustos, à margem do caminho, parecia sorrir para nós, dando-nos as boas-vindas. Viemos embora, vencemos e estamos aqui como vocês podem ver. E assim refizemos a vida.

- Seu Firmino, muita coisa macabra, triste, aconteceu neste tempo que o senhor viveu por lá?- arrisquei.

- Sim, sim, muita! Andaram queimando escolas e capelas, seqüestrando, assassinando, destruindo casas, ameaçando de mortes. Muita injustiça foi cometida.

Neste momento, Rosa que se manteve o tempo todo da conversa sentada ao lado do marido, calada, abaixou a cabeça e retirou-se. Seu Firmino fez um sinal com o dedo para nos aproximarmos mais e comentou a meia voz:

- Ela não gosta de ouvir falar nestas malvadezas! Sofreu muito!

E prosseguiu:

- Moço, se você quer que eu fale destes acontecidos, me desculpe que não vou falar. Não se deve abrir feridas cicatrizadas.

- Dos companheiros, seu Firmino não tem tido notícias?

- Tenho. Tenho sim. De poucos. Nem todos voltaram atrás. Alguns foram para frente. Outros ficaram por lá mesmo, se virando. Perderam tudo. Outros conseguiram comprar terras. Outros não tiveram tanta sorte. Tenho conhecimento dos descendentes de Antônio Ribeiro. Ele mesmo morreu, que Deus o tenha! Vizinho bom. Sempre disposto a dar uma mão. Mas não levou sorte. Seus filhos e netos andam espalhados por lá. Viraram bóia-fria. Se você quiser mais notícias de outros, vou dar o endereço do compadre João Barbosa. Ele mora aqui mesmo no arraial. Quando vim embora, falei com ele que concordou comigo e me seguiu

três dias depois. Aqui, lutamos juntos. Nossos filhos passaram até fome, posso afirmar, sem mentir, e não tenho vergonha de dizer. E aí está Rosa que não me deixa mentir. Mas vencemos. Compadre João mora na Rua- anota aí- Rua Comendador Gilberto Ramos.- Aqui seu Firmino chama por Márcia:- Filha, que número mesmo mora a madrinha Betina?- Trinta e dois, pai.- Isto, Rua Comendador Gilberto Ramos, número trinta e dois.

- O almoço está pronto, chama os moços para comer, pai- gritou Márcia da cozinha.

- Vamos! Vamos falar de coisas mais agradáveis.- Desculpa! Sua graça, por favor?

- Pedro Antônio.

- Do seu companheiro?

- André Custódio.

- Vamos, seu André, seu Pedro, para o rega-bofes que já são horas. Conversa não enche barriga.

Almoçamos na varanda da cozinha bem defronte da horta grande cercada em tela. Dali se podia contar de um lance mais de uma dezena de canteiros com legumes e verduras em abundância. Não deixei de elogiar o cuidado com as plantações.

- É o gosto de mamãe!- falou envaidecida Márcia.

- É um sonho de menina que realizo, moço- completou, orgulhosa, Rosa.

Enquanto almoçávamos, os netos de Rosa brincavam no terreiro, debaixo da paineira florida cujo néctar era motivo de disputa por parte dos beija-flores e das abelhas. Perguntei dos filhos. E quem respondeu foi Rosa, que seu Firmino estava preocupado em retirar o miolo do pescoço do frango:

- Estão todos bem. Dois moram ali mesmo. E apontou para as casas em alvenaria, mais ao fundo. São eles que tocam o serviço porque o velho aí não ataca mais. O José tem propriedade acolá do espigão. O mais novo resolveu estudar e é doutor de leis na cidade.

Passava das quatro da tarde, quando nos despedimos para tomar a última jardineira. Antes, porém, seu Firmino não nos deixou sair sem percorrer a propriedade, mostrando-nos vaidoso os frutos de seu esforço.

EU VI- TESTEMUNHO- 4

Passava das dez da manhã, quando batemos palmas diante do número trinta e dois da Rua Comendador Gilberto Ramos. Uma senhora veio nos atender. Perguntamos então pelo senhor João Barbosa:

- Saiu cedo. Foi ao sítio. Mas deve voltar para o almoço. Os senhores desejam falar com o João sobre...

Explicamos-lhe nossa intenção.

- Ah! O João vai gostar de falar com vocês. Não sei se ele vai se lembrar de tudo o que passamos lá por aquelas terras. Mas posso até dar uns empurrõezinhos.

Pelas aparências da casa, deu para perceber que se seu João não vencera nas terras de Porecatu, aprendera, pelo menos, como vencer em outras terras.

A casa de alvenaria situava-se quase no centro da cidade. Casa grande, com jardim bem cuidado, fachada em tijolos à vista. Varanda com rede e espreguiçadeira. Pela janela deu para sentir certo requinte no mobiliário, o que foi confirmado mais tarde.

- Converso com o João logo que ele chegar, e ele espera vocês, depois do almoço, pela uma da tarde- falou a gentil senhora.

Voltamos na hora marcada e encontramos seu João Barbosa descansando na varanda. Apresentou dona Betina e convidou-nos para entrar. Informou-se, a seguir, de nossas pretensões e não se fez de rogado, autorizando a gravação da entrevista, que, como verão, não foi propriamente uma entrevista. Foi antes uma conversa sobre um passado distante. Seu João entrou firme no assunto:

- Olhem! Conheço companheiros que não gostam nem de ouvir falar daquela fase da vida. Quanto a mim, tenho até orgulho de haver participado de tudo o que aconteceu por lá. Vocês disseram que passaram no compadre Firmino, tenho certeza que ele não pormenorizou fatos para vocês. E ele tem toda a razão. O que passou o pobre do compadre na madrugada em que viu tudo o que construía ser destruído em minutos, por pouco não perdendo a mulher e os filhos, são fatos que não devem mesmo ser lembrados. Eu e o compadre Firmino estivemos sempre juntos, vocês sabem disto. Desde a primeira hora. Tive mais sorte porque não sofri a destruição de meus bens como ele. Quando voltei para cá pude vender animais, colheita e apurar um pé de meia para recomeçar. Ele voltou zerado. Quase só com a roupa do corpo. O pouco dinheiro de que dispunha foi suficiente para cobrir as despesas da mudança. Particpei assim de toda aquela movimentação armada para proteger nossas terras, que este era o único objetivo nosso. Comecei a desistir quando a coisa passou a desbragar para assaltar banco, invadir delegacia e propriedades legítimas. Quer dizer, a gente não era bandoleiros. Não sei se tenho muita novidade para contar porque os acontecimentos mais importantes que ocorreram por lá como a tomada da Fazenda Tapuamba, a tocaia no Corgo dos Passarinhos e outros sucedidos, todo mundo conhece. Recontar agora é chover no molhado.

Aqui André interferiu:

- Seu João, nas terras de sua posse se localizava a escola e ela teve que ser fechada. Houve vários episódios relacionados com ela.

- Foi bom lembrar. Sim, sim. Eu que cedi o terreno para a construção da escolinha. Assim a gente a chamava, porque a gente gostava dela. Era um orgulho para nós. Minha posse era a mais central da região. Logo que chegamos lá e tomamos pé da situação, nós nos reunimos e discutimos o futuro de nossos filhos. Eu cedi o terreno. Fizemos um mutirão e levantamos a escola. Ainda era tudo

mato por ali. Escolhemos o local e abrimos uma clareira. Em uma semana ela ficou pronta. Foi erguida antes mesmo de nossas casas. Ela servia também de capela. Foi inaugurada com a reza de um terço pelo Tiburcinho rezador. Fizemos uma festa no dia da inauguração com carne assada de veado e cateto, mais um leilão animado de bolos e brevidades que foi para arranjar fundos para as primeiras despesas das crianças, que sempre têm.

A escolinha foi a primeira construção de tábuas da região. Serramos a madeira no jirau. A cobertura foi de tabuinhas. Não havia telhas de barro. Tabuinhas partidas no capricho, com facão, em madeira de pau marfim, escolhida, sem nó. A professora até que não foi difícil de se arranjar. Maria da Penha, filha de seu André Câmara, viera com diploma de quinto ano do Estado de São Paulo. Moça prendada que gostava de ensinar e se dedicava ao ofício até à alma. A escolinha funcionou durante sete anos, sem maiores problemas. Chegou a ter trinta e cinco alunos nos bancos, da primeira até à terceira série. Nos finais de ano letivo era sempre a que mais aprovava.

Quando o brigueiro começou a fechar o tempo- que para mim o que aconteceu por lá foi briga e não guerra, como os jornais anunciavam- pois bem, quando o brigueiro começou a fechar o tempo, os desalmados dos tatuíras sabiam do nosso orgulho pela escolinha, por isso puseram-se a atacá-la. Eles sabiam que ela era como a menina de nossos olhos. A primeira coisa que fizeram para fechá-la foi pressionar as autoridades. E não tardou a chegar o aviso que a escolinha não podia funcionar mais porque não havia dinheiro para pagar a professora. Atrás desta desculpa esfarrapada seguiam os boatos que era na escolinha que os homens vindos de longe, de idéias novas, ensinavam revolução aos caboclos.

Diante da notícia de fechar a escolinha, nós nos reunimos e conseguimos convencer as autoridades de sua importância para a comunidade. E a escolinha continuou a funcionar, sobretudo, pela dedicação de dona Maria da Penha,

porque naquele ano ela só recebeu cinco meses de pagamento.

Encerrado o ano letivo, o inspetor informou que não haveria matrícula para o ano seguinte, que a escola estava definitivamente fechada, que eram ordens superiores que recebera e mandou recolher os livros. Fomos, diversas vezes, solicitar a reabertura, durante as férias escolares, até que, um dia, o senhor inspetor não nos recebeu mais em seu gabinete.

A partir daquele dia, resolvemos fazer a escolinha funcionar sem as bênçãos das senhoras autoridades. Ela seria mantida inteiramente às nossas custas. Que nesse negócio de escola, o que interessa mesmo é o que a gente aprende e não os papéis que dizem que a gente sabe. Antes que existisse diploma, já havia muita gente sábia e estudada. Educação também não se escreve em papel.

Não é necessário dizer que os homens ficaram tiriricas com a atitude que tomamos. Nada, porém, podiam fazer, porque a escola era nossa, os móveis eram nossos e nós que íamos pagar a professora, que passou a receber em dia e não mais com atrasos e cortes como eles faziam antes com a coitada da dona Maria da Penha.

Neste tempo, as coisas na região já estavam apodrecendo de vez. O primeiro ataque contra a escola aconteceu, ainda durante as férias. Num dia de manhã, a metade do telhado apareceu arrancada e queimada no pátio. Concluímos daí que os tatuíras poderiam incendiar a construção e botar tudo a perder. Nós nos reunimos e resolvemos dobrar as atenções.

Naquele ano, as aulas começaram no tempo normal e as divergências pareciam esquecidas. Havia para mais de dois meses que não surgiam ameaças, quando um desconhecido passou uma carta para a filha de Gracindo Franco entregar a dona Maria da Penha. A gente fala carta, mas não era bem carta, meia página de caderno, um bilhete, que eu mesmo vi e li. Nele estava escrito que se a gente

insistisse em continuar funcionando as aulas, a escolinha seria incendiada. Por aí, nós vimos que era guerra aberta mesmo. Afinal, que tinha a escolinha, as crianças, a educação com toda aquela encrenada de posses, grilagens, politicagens e ambições das pessoas? Por que a implicância com a escolinha? - Não havia outra palavra para designar as ameaças que não fosse provocação mesmo.

Novamente, nos reunimos e discutimos a questão e as soluções. No final, todos foram unânimes: ninguém ia incendiar a escolinha. Levamos uma cama e, toda noite, um de nós dormiria lá de guarda. Era preciso prevenir. As ameaças deviam ser levadas a sério. Não adiantaria tranca depois que os ladrões entrassem.

Numa madrugada, em que Antônio Siqueira estava de plantão, ele acordou com um barulho desacostumado. O cachorro que dormia dentro da escola acusou estranheza do lado de fora. Antônio Siqueira, desconfiado, pegou a carabina e assuntou pela abertura da matajunta, de antemão preparada para a eventualidade. Havia uma em cada parede, mais quatro nos cantos, por onde ele podia ter visão de todo o arredor da casa. Por ali, assuntou lá fora, no meio do escuro da minguate, um caboclo a desatar um volume da garupa do cavalo. Antônio Siqueira não pensou duas vezes. Boa intenção não tinha aquele cabra. Puxou a arma no ombro e fez fogo na escuridão. O estampido abafou o relinchar doído e o trotar do animal que se afastou no galope.

Quando amanheceu o dia, o pobre do bicho foi encontrado, agonizando ainda, na beira do caminho, a cem metros do recreio da escolinha, com um balaço quarenta e quatro no vazio. Perto dele, estava a lata que também fora atingida e conservava resto de gasolina dentro, a outra parte vazara pelo furo. Os arriames o cabra deve ter levado nas costas.

Mas a encrenca com a escolinha não parou aí não. E desta vez, guardei melhor o acontecido. Foi numa quinta-feira. As crianças seguiam para a escola como em qualquer

dia. Conforme o costume, na quinta-feira havia faxina. Questão de meia hora de trabalho, antes do começo das aulas. Os alunos levavam vassouras e latas para a limpeza. Mas dona Maria da Penha não apareceu para abrir a escola. As crianças brincaram até mais tarde e voltaram cedo para casa, trazendo a novidade. Embora não fosse comum, podia ser um resfriado ou uma enxaqueca qualquer de mulher, que ninguém é de ferro, a causa da ausência de dona Maria da Penha.

No entardecer, correu a notícia do desaparecimento da professora com o pedido de ajuda para localizá-la. Moça equilibrada, tranqüila, sem problemas maiores, aquele desaparecimento só podia ser arte de tatuíras. Pois olha que não era mau juízo, era a pura verdade. À noite ia avançada, quando Manoel Pedro localizou a pobrezinha amordaçada, amarrada numa árvore, dentro do mato que margeia o caminho da escola. O cachorro de Manoel Pedro acusou estranheza, ele foi verificar e encontrou dona Maria meio nua, amarrada com a própria blusa.

Ninguém, entretanto, pensou em desistir com a escolinha por causa disto, nem mesmo dona Maria da Penha que a partir daí passou a ir para a escola escoltada pelo irmão mais velho. Ademais, era o mês de outubro, e a criançada não podia perder o ano.

A próxima vítima da escolinha, que os tatuíras não desistiam mesmo, seria o próprio filho de Manoel Pedro. Foi preso, enquanto ia para a escola e o pior é que foi preso pela própria polícia, justamente, uma semana depois do seqüestro de dona Maria da Penha. O pai foi chamado à autoridade e acusado de usar a criança para mandar recado aos posseiros revoltosos. O mais grave é que somente no dia seguinte é que o garoto foi localizado, deixando a família e a vizinhança em sobressalto do que poderia ter acontecido.

À implicância, entretanto, ainda não terminara. A última ameaça chegou, dias antes do final das aulas, através de um bilhete deixado em lugar visível no caminho que levava à

escola. Fora endereçado a Maria da Penha. No papel estava escrito que, a qualquer momento, apareceria na escola um grupo de encapuzados, trancaria portas e janelas e a incendiaria com todos os alunos e a professora dentro. Na reunião, realizada em seguida, concluímos que seria temeridade continuar com as aulas, expondo alunos e a professora à sanha daqueles malditos. Para evitar maiores transtornos, foram apressados os exames e o término do ano letivo.

Como quando de uma epidemia de sarampo ou de dor-d'olhos, um desânimo geral apoderou-se de todos. Particularmente, cada um tinha armado o esquema de como escapular daquele inferno, que aquilo que se passava ali não era vida de gente. Em outras localidades, a terra já havia sido abandonada pelos posseiros.

Cada um de nós estava ciente que o fechamento da escola não significava apenas mais uma derrota. Era a vitória definitiva do inimigo. A escolinha fora o marco primeiro daquela colonização e, por força, seria o último baluarte a ser tomado. E ele estava prestes a cair. O abandono da escolinha significava o corte do último elo da corrente que unia a todos.

E a escolinha foi fechada e entregue à sanha vingativa dos tatuíras. Não houve quem não se comovesse com a notícia. Ninguém ousou retirar nada dela. O quadro-negro, a mesa, as carteiras, a talha de água, o mapa do Brasil, o cartaz dos pesos e medidas, até mesmo os trabalhinhos manuais dos alunos, na exposição do fim do ano, lá ficaram intatos, como se amanhã fossem recomeçar as aulas novamente. No recreio, o jardim cuidadosamente amainado pelos alunos permaneceu ileso, nenhuma flor foi colhida, nenhum galho quebrado. O vigia foi retirado. Não se passou um mês e botaram fogo na escolinha. Arderam até os esteios.

Na parede, o relógio bateu três da tarde num ritmo pachorrento. Seu João Barbosa demonstrava cansaço. Da cozinha, um cheiro gostoso de fritura emanava pela casa,

excitando o apetite. João Barbosa fez uma pausa e concluiu com a voz embargada:

- Era o último laço que nos prendia àquela terra. Nada mais nos restava a fazer.

Neste momento, dona Betina entrou com a bandeja, o bule e um prato cheio de bolinhos de colher. Tomamos o café e conversamos sobre assuntos outros. Depois, despedimo-nos agradecidos. Achamos por bem não insistir com mais perguntas.

EU VI- TESTEMUNHO- 5

O encontro com dona Augusta Gonçalves foi mero acaso. Deu-se num trabalho de assistência, na favela Jurema. Batemos palmas no barraco 35, viela J, coberto de plástico, pobre e desconfortável, não precisava dizer, como qualquer outro barraco. Contrastando com o ambiente, recebeu-nos, satisfeito, um senhor que aparentava setenta anos, um pouco mais, um pouco menos. Como sói acontecer com as pessoas judiadas pela vida e da qual somente têm a esperar o melhor porque passaram por todos os males que ela lhes podia oferecer, seu Pedro foi logo convidando para entrar, sem constrangimento ou desconfiança. Aceitamos o convite, apesar da exigüidade do espaço. Tivemos que abaixar as cabeças para atravessar pela porta. Constrangidos diante de tanta pobreza, dissemos que fazíamos um levantamento sócio-econômico do bairro, visando a melhoria da situação das pessoas ali residentes. Das palavras ditas, a expressão "sócio-econômico" pareceu solidificar-se e ficar suspensa diante de mim, pairando no ar. Enquanto o "sócio" parecia brilhar como as estrelinhas de uma vara de condão, o "econômico" soava a podre pelo ambiente em que caiu. Confesso que tive vergonha de mim mesmo. De volta à realidade, passei a preencher a ficha sobre o joelho, de cócoras. Enquanto desenvolvia aquele trabalho, seu Pedro falava seguidamente. Meus companheiros foram convidados a entrar no quarto, cômodo separado da sala por outro plástico, e visitar a filha Rita, de quinze anos, entrevada desde os três, a mode um estupor:- a vontade de Deus- justificou, resignado, seu Pedro.

No preenchimento da ficha encontrei o que não esperava. Nome: Pedro Gonçalves, 55 anos- natural de Itaju- Estado de São Paulo- filho de Francisco Gonçalves e Augusta Gonçalves. Verdade que na hora duvidei. Mas não custava perguntar. O que fiz indiretamente.

- Faz muito tempo que o senhor reside aqui na favela?

- Olha, moço, para dizer bem a verdade, aqui na favela faz para dois anos, mas fui criado na região desde zinho assim.

A expressão foi seguida do gesto que mostrava não mais que meio metro acima do chão. E prosseguiu:

- Já lá vai para mais de cinqüenta anos que viemos para cá.

- Antes do senhor vir para esta cidade, onde é que o senhor morava?

- Em Porecatu, moço, sempre morei lá. Desde... é desde...- No engasgo, vi uma lágrima correr de seus olhos parados e distantes. E completou:

- Desde a morte de meu pai, que Deus o tenha!

- Isto faz muito tempo, seu Pedro?

- Faz, menino, nem sei bem quanto. Eu era mocinho. Quatorze, quinze anos.

Nestas alturas da conversa, tinha quase certeza do que me intrigava.

Enquanto os companheiros prosseguiam o trabalho nos outros barracos, continuei o papo com seu Pedro. Notei que o assunto do pai o entristecia e o desviei.

- Sua mãe ainda está viva, seu Pedro?

- Está. Bastante perrengue, mas está, coitadinha, graças a Deus. Você quer ver mamãe? Ela está ali do outro lado do barraco, tomando sol.

Interessei-me em conhecê-la. Demos a volta e deparamos com dona Augusta sentada num banco fincado no chão. Estava lúcida, mas com o corpo tão alquebrado que precisava de apoio para caminhar.

- O homem veio fazer uma visita para a senhora, mãe!

- Ah! Sim!

- A senhora está bem, dona Augusta?- arrisquei.

- Estou, filho, estou. Como você está vendo. Bastante fraca e doente, mas Deus quer assim. Que sua vontade seja feita!

- Dona Augusta parece ter sofrido muito na vida-
cutuquei.

No fundo, buscava uma brecha para entrar no assunto de Porecatu, sem querer abrir feridas que o tempo cicatrizara. A pergunta acima foi a chave que faltava.

- Sofrido, filho! Se eu contar tudo, você é capaz de chorar. Mas não tenho muito do que reclamar. Muita gente mais bem vivida do eu já se foi. E eu estou aqui. Viver sempre é bom, você não acha?

Depois de uma pausa, dona Augusta prosseguiu:

- Olha, viemos para o sertão de Porecatu, procurando dar uma acertadinha na vida. Melhorar de situação. Tinha três anos de casada. O Pedro aí era molequinho. Chegamos com muito entusiasmo, muita vontade. Francisco, que Deus o tenha, era um touro para trabalhar. Que homem bom!- O moço já ouviu falar o que fizeram com a gente lá para as bandas de Porecatu, naquele tempo?- Pois é, com as perseguições, as ameaças, as mortes dos companheiros, a devastação das colheitas, que a gente ia sofrendo, o falecido foi ficando com a cabeça fraca, que ele era homem de paz, não gostava de encrenca. Sofria muito. Mas não sei, diziam também que era coisa do tinioso- aqui dona Augusta persignou-se- do tinioso- repetiu baixinho, quase num sussurro.

Dona Augusta fez uma pausa e buscou completar o pensamento que não saía:

- E um dia... bom... foi um dia de tardinha...

Seguiu-se nova pausa, mais longa, e vi suas faces se molharem.

- Bom, fiquei eu e Pedro, sozinhos neste mundão malvado de Deus, que ele me perdoe! Pedro já era

crescidinho e ajudava. Até que dava para a gente arribar, mas os homens importantes não queriam a gente na terra. E olha que eles prometeram as terras para nós. Agora que estava tudo derrubado, plantado, civilizado, eles diziam que a terra era deles e que a gente tinha roubado ela. E um dia apareceram no terreiro, armados de espingardas e faca e cachorro, e botaram nossas coisas para fora do rancho e mandaram a gente ir embora senão eles matavam. A gente já não podia contar mais com os vizinhos, haviam partido todos. Alguns foram mortos, outros abandonaram tudo, outros, de maior sorte, conseguiram fazer acerto, com prejuízo foi, mas recuperaram alguma coisa. Eu e Pedro nem sabíamos com quem falar ou reclamar. Perdemos tudo e ficamos no arraial, fazendo coisas para não morrer de fome. De lá até hoje foi sempre mais ou menos esta vidinha de miséria. Lavei muita roupa para fora. Pedro trabalhou de peão nas fazendas. Mas você sabe que lavar roupa e trabalhar de peão para os outros não dá camisa a ninguém. Depois, Pedro casou, teve filhos, sempre naquela vidinha. As despesas aumentaram e as necessidades juntas. Depois, o filho mais velho foi para o Mato Grosso, com muita esperança:

- Vó, vou ficar fazendeiro e venho buscar a senhora, o pai e a Rita, de caminhonete- ele falou,- quando se despediu.

Ficou tempo sem dar notícias. Soubemos depois que morreu de malária. A nora também, sempre doente, Deus levou, há coisa de três anos. Ficou só a Rita, pobrezinha, não deve ir longe!- Você já viu a Rita?- Tadinha! Tá aí na cama. Mostra a Rita para ele, Pedro!- Também viver daquele jeito, não sei não!- Bom! Hoje você está vendo como é. O Pedro com esta escadeira dele... . A gente tem o Funrural, dá para não morrer de fome, mas nem querosene a gente pode comprar para a lamparina. Quando escurece, tem mesmo é que deitar nos trapos e servir de arroz com o feijão para os pernilongos.

Aqui dona Augusta parou de falar e fixou com o olhar um ponto distante no infinito. Eu tinha certeza, naquele

momento, que ela revivia seus sonhos de pioneira na terra prometida, em propaganda espalhafatosa, para quem viesse, derrubasse, plantasse, pagasse impostos e residisse nela por seis anos. E dona Augusta com o filho fizeram tudo para merecê-la.

Em frente ao barraco, antes da despedida, no último fiapo de conversa, seu Pedro contou que, desde o acontecido com o pai, dona Augusta perdera muito do entusiasmo. E finalizou num desabafo:

- Verdade, moço, que a sorte foi madrasta, mas teria sido diferente, não fosse a má fé, a ambição e a malvadeza dos homens.

FIM!

A seguir, percorremos a região do conflito em busca de informações mais consistentes sobre as ocorrências daqueles dias sombrios. Encontramos uma ou outra pessoa que declarou apenas ter ouvido falar dos fatos aludidos. São trabalhadores que chegaram à região em fase posterior à disputa pela terra ou até são descendentes dos envolvidos nas lutas, mas sem preocupações outras que a garantia do pão de cada dia. Nada, pois, de interesse pudemos apurar.

A imparcialidade levou-nos também ao reverso da medalha. Aí deparamos com umas poucas propriedades pertencentes a grileiros e protegidos, algumas extensas em excesso para as necessidades de uma única família. Os donos nunca moraram na terra. São propriedades arrendadas e subarrendadas. Argüidas, as pessoas que ali trabalham respondem sempre com um "acho que o dono é fulano de tal" ou "um tal sicrano" ou ainda "não sabemos onde mora". Estes trabalhadores são bóias-frias, alguns, por ironia, descendentes dos desbravadores. Outras propriedades foram compradas junto aos grileiros, em fases posteriores aos fatos de interesse. Os donos atuais não têm qualquer ligação com os primeiros proprietários, de papel passado.

A propósito, menos de uma década era passada dos acontecidos e um levantamento desprezioso levado a termo, numa das prósperas cidades em que se transformaram os lugarejos de antanho, trouxe à baila o fato de muitos caciques da política local serem proprietários de vastas extensões de terras nos locais conflagrados. Possivelmente, mera coincidência.

Quem hoje tiver paciência de perscrutar os arquivos e cartórios de registros e documentos da região poderá facilmente identificar os felizardos donatários das terras desbravadas pelos párias que foram expulsos e que nelas ainda continuam a trabalhar como bóias-frias através de seus descendentes. O pesquisador não encontrará, entretanto, na poeira das prateleiras e dentro dos arquivos, nos atestados, nos despachos e nas declarações, nem o suor, nem as lágrimas e nem o sangue dos legítimos donos, os posseiros ludibriados.

<i>Título</i>	<i>Terra Roxa de Sangue: a guerra de Porecatu</i>
<i>Autor</i>	Joaquim Carvalho da Silva
<i>Capa</i>	Bruno Oliveira Sampaio
<i>Texto Quarta Capa</i>	Maria Helena de Moura Arias
<i>Produção Gráfica</i>	Maria de Lourdes Monteiro
<i>Formato</i>	16 x 23cm
<i>Tipologia</i>	Times New Roman
<i>Papel</i>	Supremo 250 g/m ² (capa) Off-set 75 g/m ² (miolo)
<i>Número de páginas</i>	166